



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

DANIELLE BOING BERNARDES SILVA

**COMPREENDENDO A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
PARA A PROMOÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES DE
CUIDADO**

Dissertação de Mestrado

FLORIANÓPOLIS

2006

DANIELLE BOING BERNARDES SILVA

**COMPREENDENDO A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
PARA A PROMOÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES DE
CUIDADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem – Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Vânia Marli Schubert Backes, Dr^a.

FLORIANÓPOLIS

2006

362

S586c

Silva, Danielle Boing Bernardes

Compreendendo a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes para a promoção de novas possibilidades de cuidado / Danielle Boing Bernardes Silva; orientado por Vânia Marli Schubert Backes. . - - Florianópolis, 2006.

133 f.

Inclui lista de siglas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

1. Pensamento complexo. 2. Pedagogia problematizadora. 3. Cuidado de enfermagem. I. Backes, Vânia Marli Schubert . II. Título.

DANIELLE BOING BERNARDES SILVA

**COMPREENDENDO A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
PARA A PROMOÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES DE
CUIDADO.**

Esta dissertação foi aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem para obtenção do título de **MESTRE EM ENFERMAGEM** – Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2006.

Prof^o Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha
- Coordenadora PEN/UFSC -

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Vânia Marli Schubert Backes, Presidente

Prof^o Ana Izabel Jatobá de Souza, Dr^a.
Membro Efetivo - UFSC

Dr^a. Prof^a. Ingrid Elsen, Dr^a.
Membro Efetivo - Univali

Prof^o Kenya Reibnitz, Dr^a.
Membro Suplente - UFSC

Prof^a. Giovana Calcagno Gomes, Dr^a.
Membro Suplente - FURG

*Dedico ao meu amor Léo
Eterno amigo, amante, minha paixão, que
merece os méritos por esta conquista, pois
grande parte dela foi pela sua sabedoria,
bondade, disponibilidade, carinho e muita
paciência. Amo muito você.*

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que sempre me ampara com sua infinita bondade, pelo dom da vida e a dádiva da inteligência. Obrigada por me dar força nesta caminhada em busca dos meus objetivos.

Aos meus pais, pelo grande esforço e empenho à formação dada até este momento na minha vida, o que me proporcionou a continuidade nos estudos até a chegada a este Mestrado. Meus eternos agradecimentos. Meu amor será eterno.

À minha família, irmão, sogro, sogra, sobrinho, que me incentivaram nas horas de desânimo e aceitaram o meu distanciamento, entendendo o significado deste momento para minha vida.

À minha orientadora, mestra e agora amiga, por incentivar e permitir meus vôos, relativizados entre a emoção e a razão, pelo carinho, amizade, com quem compartilhei importantes momentos de estar junto.

Às borboletas, sem vocês não estaria aqui, sua presença foi a maior prova de que podemos transformar nossa realidade, devo muito a vocês.

Aos membros da banca: Profa. Dra. Ingrid, pelo seu saber inigualável, sua presença iluminou minha caminhada; Prof Dra. Kenya, pelas palavras de incentivo e conforto; Aninha, pela presença marcante em muitos momentos desta caminhada. Você sabe que foi importante; Pati , amiga, você é o verdadeiro exemplo de luta e conquista, que bom que reapareceste na minha vida; Giovana, que mesmo de muito longe, contribuiu para o enriquecimento desta pesquisa; a todas, pelas brilhantes contribuições tecidas, as palavras de carinho que me confortaram e os ensinamentos jamais esquecidos. Agradeço a disponibilidade e o carinho com que atenderam ao convite.

Aos professores do Departamento de Enfermagem, em especial aos professores da pós-graduação, por me oportunizarem crescer sempre, tanto teórico-metodologicamente, como pessoalmente. Obrigado pelo compartilhar de saberes.

As minhas amigas mestrandas, pelo muito que trocamos durante os dois anos de companheirismo, convivência, aprendizagem e pelas amizades que nasceram.

Aos funcionários do Departamento de Enfermagem e da pós-graduação, pela atenção dispensada

Aos colegas da Unidade de Internação Pediátrica, incentivadores nos momentos de dificuldade e falta de estímulo para escrever esta dissertação. Obrigada a todos!

A todos os amigos que sempre marcaram presença em minha vida.

A coordenação da Enfermagem da UNISUL, Luizita e demais professores que, com seus sorrisos, motivaram esta dupla jornada.

A minha amiga Jaque, pelo apoio, segurança e incentivo constantes no enfrentamento desta jornada.

E aos demais, que de alguma forma contribuíram na elaboração desta dissertação.

Fácil e difícil

Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que se expresse sua opinião...

Difícil é expressar por gestos e atitudes, o que realmente queremos dizer.

Fácil é julgar pessoas que estão sendo expostas pelas circunstâncias...

Difícil é encontrar e refletir sobre os seus próprios erros.

Fácil é fazer companhia a alguém, dizer o que ela deseja ouvir...

Difícil é ser amigo para todas as horas e dizer a verdade quando for preciso.

Fácil é analisar a situação alheia e poder aconselhar sobre a mesma...

Difícil é vivenciar esta situação e saber o que fazer.

Fácil é demonstrar raiva e impaciência quando algo o deixa irritado...

Difícil é expressar o seu amor a alguém que realmente te conhece.

Fácil é viver sem ter que se preocupar com o amanhã...

Difícil é questionar e tentar melhorar suas atitudes impulsivas e às vezes impetuosas, a cada dia que passa.

Fácil é mentir aos quatro ventos o que tentamos camuflar...

Difícil é mentir para o nosso coração.

Fácil é ver o que queremos enxergar...

Difícil é saber que nos iludimos com o que achávamos ter visto.

Fácil é ditar regras e,

Difícil é segui-las...

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

SILVA, Danielle Boing Bernardes. **Compreendendo a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes para a promoção de novas possibilidades de cuidado**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes, hoje, demonstra o que ao longo da história vem acontecendo, um descaso com estas, esclarecendo a verdadeira face das relações familiares que estão presentes cotidianamente. É evidente que a violência presente atualmente é o reflexo de como esses sujeitos estão sendo cuidados e percebidos na sociedade, ou seja, meramente como simples objetos, reforçando também como isso é um fator ponderante para justificar todas as barbáries que estão acometendo a humanidade. Quando se propõe a realizar uma revisão daquilo que já foi ou está sendo dito e discutido sobre o fenômeno da violência pelos profissionais de enfermagem é para ter subsídios e poder ter um maior aprofundamento sobre a temática. Juntamente com o aprofundamento teórico, este foi a base para a discussão das dificuldades que permeiam o fenômeno da violência. Portanto, com o intuito de reconhecer as dificuldades que estão inerentes no cuidado a criança e adolescente vítima de violência doméstica e a partir destas encontrar novas possibilidades, propôs-se analisar a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes manifestada pelos profissionais de enfermagem da unidade de internação pediátrica à luz do referencial problematizador de Paulo Freire e do pensamento complexo. Propôs-se, a realização de uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa, no sentido de buscar em torno da violência doméstica contra crianças e adolescentes, suas particularidades, principalmente, as sociais encontradas nas falas dos sujeitos e da pesquisadora, atributos que permitem identificar sua verdadeira face e distinção dos demais tipos de violências ou situações complexas e as condições que determinam ou pressupõem sua natureza, tendo uma compreensão mais ampla da realidade estudada e perceber sua complexidade. Foi escolhida uma Unidade de Internação Pediátrica de um Hospital-Escola geral situado na região Sul do Brasil, a pesquisa nesta instituição, oportunizou somar experiências e atuar em ações propostas que possibilitaram promover novas possibilidades de cuidados a esta clientela e contribuiu para a construção de um cuidado humanizado na enfermagem. Os sujeitos envolvidos no processo de sensibilização no qual se constituem os resultados foram 11 profissionais de enfermagem atuantes na unidade de internação pediátrica que assistem às crianças e adolescentes. Os dados coletados nesta pesquisa-ação originaram-se de encontros coletivos ocorridos sob a forma de 5 oficinas. Para delimitar e desenhar as questões pontuais das discussões, pautou-se, preferencialmente, nas questões relacionadas à própria problemática, à vítima, ao agressor e à família e, as relacionadas aos aspectos profissionais, pois estavam de acordo com os pontos-chave levantados pelos sujeitos. As categorias analíticas tecidas foram: família, profissional, violência e novas possibilidades de educar-cuidar. Para estas, as discussões geradas na prática educativa/interativa/investigativa proporcionaram um avanço significativo no cuidado prestado. Apesar destas categorias terem permitido uma reflexão profunda e esclarecedora, principalmente por terem promovido novas possibilidades de cuidado, algumas delas como o cuidado ao cuidador e a abordagem as vítimas e sua família necessitam ser ainda revisitadas pois são consideradas dificuldades que devem ser discutidas e superadas. Com o avanço teórico das dificuldades relacionadas à violência doméstica, pode-se perceber que elas regem certamente às condutas, sendo que, estas sim, impedem um cuidado de qualidade. Delimitar e perceber como elas impossibilitam esse cuidado, esclarece a verdadeira essência das questões que estão impossibilitando de assistir crianças, adolescentes e suas famílias, vítimas de violência doméstica.

Palavras-Chave: Violência doméstica contra crianças e adolescentes. Pensamento complexo. Pedagogia problematizadora. Cuidado de enfermagem.

ABSTRACT

SILVA, Danielle Boing Bernardes. **Understanding problematic of the domestic violence against children and the adolescents for the promotion of new possibilities of care.** 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado in Nursing) – Center of Sciences of the Health, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis.

The domestic violence against children and adolescents, today, demonstrates what throughout history it comes happening, an indifference, clarifying the true face of the familiar relations that are gifts daily. Is evident that the present violence currently is the consequence of as these citizens is being well-taken care of and perceived in the society, that is, mere as simple objects, also strengthening as this is a of evaluation factor to justify all the barbarities that are provoking the humanity. When it is considered to carry through a revision of what already it was or is being said and argued on the phenomenon of the violence for the nursing professionals it is for having subsidies and power to have a bigger deepening on the thematic one. Together with the theoretical deepening, this was the base for the quarrel of the difficulties that permeiam the phenomenon of the violence. Therefore, with intention to recognize the difficulties that are inherent in the care the child and adolescent victim of domestic violence and from these to find new possibilities, it was considered to analyze problematic of the domestic violence against children and the adolescents revealed by the professionals of nursing of the unit of pediatrics internment to the light of the problematizador references of Paulo Freire and of the complex thought. It was considered, the accomplishment of an research-action with qualitative boarding, in the direction to search around the domestic violence against children and adolescents, its particularities, mainly, the social ones found in you say them of the citizens and the researcher, attributes that allow to identify to its true face and complex distinction of the too much types of violence or situations and the conditions that determine or estimate its nature. A Unit of Internment Pediatrics of a situated general Hospital-School in the South region of Brazil was chosen, the research in this institution, chance to add experiences and to act in action proposals that they make possible to promote new possibilities of cares to this clientele and contributed for the construction of a care humanized in the nursing. The involved citizens in the process of sensitization in which if they constitute the results had been 11 operating professionals of nursing in the unit of pediatrics internment. The data collected in this research-action had originated from occurred collective meeting under the form of 5 workshops. To delimit and to draw the prompt questions of the quarrels, it was putout, preferential, in the questions related to proper the problematic one, the victim, the aggressor and the family and, the related ones to the professional aspects, and therefore they were in accordance with the point-key raised by the citizens. The weaveeed analytical categories had been: family, professional, violence and new possibilities educate-to take care of. For these, the quarrels generated in practical educative/interactive/investigative one had provided a significant advance in the given care. Although these categories to have allowed a deep and enlightening reflection, mainly for having promoted new possibilities of care, some of them as the care to the cuidador and the boarding the victims and its family still need to be revisited therefore are considered difficulties that must be argued and be surpassed. With the theoretical advance of the difficulties related to the domestic violence, it can be perceived that they prevail certainly to the behaviors, being that, these yes, hinder a care of quality. To delimit and to perceive as they disable this care, clarify the true essence of the questions that they are disabling to attend children, adolescents and its families, victims of domestic violence.

Key Words Domestic violence against children and adolescents. Complex thought. Problematizadora Education. Care of nursing.

LISTA DE SIGLAS

CNS	Conselho Nacional de Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HU	Hospital Universitário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDAC	Instituto de Ação Cultural
LACRI	Laboratório de Estudos da Criança
OMS	Organização Mundial de Saúde
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SESI	Serviço Social da Indústria
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UIP	Unidade de Internação Pediátrica
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Contextualização da temática	12
1.2 Justificativa do estudo.....	21
1.3 Objetivo	26
2 REVISÃO DE LITERATURA	27
2.1 Uma breve compreensão do fenômeno da violência.....	27
2.2 Os tipos de violência doméstica.....	34
3 CONTEXTUALIZANDO O REFERENCIAL TEÓRICO	36
3.1 Paulo Freire e sua história.....	36
3.2 Proposta de uma pedagogia libertadora e problematizadora: reflexão de uma teoria.....	38
3.3 O cuidar por meio de um novo olhar: pensando complexamente a Violência	41
3.4 Pressupostos.....	44
3.5 Conceitos	46
4 O CAMINHO METODOLÓGICO	51
4.1 Tipo de estudo.....	52
4.1.1 Pesquisa-ação.....	52
4.2 Contexto da pesquisa	55
4.3 Sujeitos da pesquisa.....	57
4.4 Material do estudo.....	57
4.4.1 A coleta dos dados.....	58
4.5 Análise temática dos dados	59
4.6 Aspectos éticos.....	61
5 QUANDO OS ENCONTROS VALEM MAIS QUE PALAVRAS: descrevendo os encontros de borboletas à luz da metodologia da problematização e do pensamento complexo	63
5.1 As técnicas como instrumentos de uma pré-reflexão	67
5.2 A primeira oficina: reflexão para a ação.....	68
5.3 A segunda e terceira oficina: o conhecimento que transforma	73

5.4 A quarta oficina: os resultados através da reflexão.....	76
5.5 A quinta oficina: a prática educativa como estratégia de intervenção.....	79
6 REFLEXÕES DOS PROFISSIONAIS SOBRE A VIOLÊNCIA	
DOMÉSTICA EM VÁRIOS CONTEXTOS: as dificuldades	
que emergem da problemática.....	81
6.1 A família: uma unidade a ser cuidada	85
6.1.1 A construção da violência na família: a educação como referência	86
6.1.2 A família como vítima	89
6.2 O profissional: quando a violência ainda promove questionamentos	95
6.3 A violência: a aquisição de uma sociedade.....	100
6.3.1 Poder ou dominação?	105
6.4 Novas possibilidades de educar- cuidar: a construção possível nos	
encontros de borboletas	108
6.4.1 Cuidado às crianças, adolescentes e seus familiares vítimas de violência	
doméstica	109
6.4.2 Os profissionais que assistem esta clientela	113
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
7.1 Processo educativo-interativo: o encontro de borboletas	117
7.2 As questões que necessitam ser revisitadas	120
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE.....	132

1 INTRODUÇÃO

*Não são as lendas que investigo,
é a mim mesmo que examino.
(Platão)*

1.1 Contextualização da temática

Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2005, p. 21), “acidentes e agressões são a principal causa de morte de crianças de 1 a 6 anos no Brasil, respondendo por quase um quarto dos óbitos”. Infelizmente é através deste e de alguns dados encontrados ao longo desta pesquisa que sinalizo e discuto um grande problema social e de saúde pública que está presente em nossa sociedade ao longo dos anos. Uma questão que se destaca quase sempre pela hipocrisia e dominação de seres que tem sob sua responsabilidade a vida de crianças e adolescentes, fazendo-os ficar a mercê de atos e pensamentos próximos da irracionalidade. Em consequência, uma parte deprimente da personalidade de alguns seres humanos permite que sentimentos de amor sejam anulados por valores vazios. Este problema chama-se violência doméstica contra crianças e adolescentes.

No entanto, não parece tarefa muito fácil discutir essa problemática, pois as questões de ordem pessoal e profissional sobre o assunto precisam estar coerentes e inerentes em todo o processo de construção de ações. Mas também não figura algo intransponível ou que remeta a discussões homéricas, pelo simples fato de referir-se a questões primordiais e importantes da sociedade, contudo pouco valorizadas no nosso dia-a-dia, como o amor e o respeito entre as pessoas.

Nesse sentido, trazer para o cotidiano profissional e acadêmico a problemática da violência doméstica, já que sou cuidadora em uma unidade de internação hospitalar pediátrica, foi um comprometimento firmado por mim com a sociedade a partir do momento que percebi minha responsabilidade social e profissional, para com essa clientela. Esse tipo de violência vem crescendo ultimamente, tomando proporções devastadoras na vida de muitas crianças e adolescentes e suas famílias e, por acreditar nessa responsabilidade que apresento tudo que construí sobre a temática e sua interface com a Enfermagem.

Ao iniciar leituras sobre a temática da violência doméstica contra crianças e adolescentes, sem dúvida pensava o quanto de ansiedade, inquietações, dúvidas

e inúmeros questionamentos iriam emergir. E essas manifestações, que acredito não ser apenas minha, pois se apresentam atreladas a quase tudo que é desafiador ao ser humano, fazem parte de todos que pretendem e buscam entender como ocorre o processo de cuidar, a partir das dificuldades que nelas estão presentes, propondo uma intervenção na realidade dessas crianças e adolescentes que são vítimas da violência doméstica. Percebo que não sou única nesse repensar, pois este faz parte da maioria das pessoas que estão dispostas a construir novas possibilidades àqueles que estão em situação de risco. “A superação desse problema requer que todos os setores da sociedade se envolvam, e com um foco que vai além do individualizado” (UNICEF, 2005, p. 21).

Notavelmente não restam dúvidas das proporções alcançadas pela violência doméstica, principalmente por retratarem fielmente o cotidiano dos infantes e adolescentes, seja no bairro onde vivem, no local de trabalho ou na comunidade onde pertencem, mas certamente penso que, para alguns profissionais, os dados sobre essa realidade sejam os motivadores e inspiradores das suas ações. Por isso, alguns dados apresentados a seguir reforçam a necessidade de trazer a violência doméstica contra crianças e adolescentes para a discussão.

Relatos abordados pelo UNICEF (2005, p. 26) reforçam que no Brasil, “o enfrentamento da violência contra a criança ganha caráter mais oficial a partir de 1998, quando passa a ser considerada uma questão de saúde pública e o Ministério da Saúde reúne diversos setores da sociedade para debater a questão”, pressupondo que, somente após oito anos de formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente é que se inicia algo para concretizar os direitos dos mesmos, colocando em prática suas ações. Ao fazer uma busca sobre dados estatísticos oficiais na atualidade sobre a incidência da violência doméstica no Brasil, não se obteve sucesso. Isto porque “os dados nacionais oficiais desagregados mais recentes sobre violência doméstica datam de 1988, publicada em 1989 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)” (UNICEF, 2005, p. 22). Essa mesma instituição revela que, “no Brasil, só é possível conhecer números oficiais de violência por meio de registros de morbi/mortalidade”.

Segundo o Ministério da Saúde no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) consta que “de 1996 a 2003, as principais causas de morte de crianças de 1 a 6 anos foi por causas externas de morbi/mortalidade com 21,11%”

(BRASIL, 2005, p. 21). Estas causas externas, segundo os descritores da instituição compreendem acidentes de transporte, quedas, afogamento e submersões acidentais, exposição à fumaça, ao fogo e às chamas, envenenamento, intoxicação por exposição a substâncias nocivas, lesões autoprovocadas voluntariamente, agressões, eventos cuja intenção é indeterminada, intervenções legais e operações de guerra, e todas as outras causas externas.

No entanto, foi através de uma busca em instituições não oficiais, porém com informações seguras e de caráter incontestável, principalmente por se tratar de referência quanto à temática da violência que é o foco em questão, que encontrei dados necessários e subsídios para reconhecê-la como uma problemática inquestionável da atualidade. Segundo o levantamento feito pelo LACRI¹ (2006), o número de casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes (violência física, sexual, psicológica e negligência) de 1996 a 2004 é de 110.250 casos, sendo que apenas no ano de 2004 foram notificados 19.552 casos. Em 2004 a violência com maior incidência foi a negligência com 7.799 casos (40,2%), seguida da violência física com 6.066 casos (26,5%), a psicológica com 3.097 casos (18,9) e por último a sexual com 2.573 (14,2%). Segundo as coordenadoras do curso de especialização à distância sobre violência doméstica Maria Amélia Azevedo e Viviane Guerra, acredita-se que mesmo tendo um número elevado de casos de violências, esse valor é subestimado, pois segundo as coordenadoras, existem mais casos, porém não são notificados, seja por falha da instituição ou por falta de denúncia pelos familiares e da sociedade como um todo.

Outros dados foram obtidos através do levantamento feito pela Comissão Multiprofissional de atendimento da Criança e do Adolescente Vítimas de Maus tratos do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (HU, 2006) da qual faço parte, ou seja, de 1995 a 2005 foram 103 atendimentos, neste ano de 2006 até junho foram 3 atendimentos. Dentre os quais, 57 (55,3%) foram do sexo feminino e 46 (44,7%) do sexo masculino. Dos tipos de violência atendidas, a negligência foi a com maior incidência com 43 atendimentos, seguida de violência sexual com 39, violência física com 16, síndrome de Munchausen por procuração

¹ LACRI é um laboratório de estudos da criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o qual promove anualmente uma especialização à distância sobre violência doméstica em todo o Brasil. Os dados foram obtidos através do grupo de profissionais de dezesseis estados e do Distrito Federal que participaram da especialização em 2004, a partir do levantamento de dados presentes nos órgãos responsáveis que possuem controle e registro destes.

com 4 atendimentos e violência psicológica com 1 atendimento. A faixa etária com maior atendimento foram 28 crianças de 06 meses a 02 anos, seguidas de 26 crianças de 02 a 06 anos, de 22 crianças de 05 anos a 12 anos, 18 crianças até 6 meses e, finalizando, 09 crianças de 12 a 16 anos. Em relação à procedência, 66 casos vieram de Florianópolis e os demais (47 casos) da grande Florianópolis.

Outra questão que me alertou foi que através de uma pesquisa bibliográfica sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes em trabalhos produzidos pelo programa de pós graduação em Enfermagem da UFSC por profissionais de enfermagem, identificou-se apenas 6 pesquisas discutindo esta problemática, destas, 5 eram dissertações e 1 tese, (SILVA, 2006, p. 33). Felizmente pude perceber que através das análises realizadas nestes trabalhos, existem profissionais que são solidários e comprometidos com esta causa e encontram a partir dela oportunidades para modificar e transformar a realidade de crianças, adolescentes, suas famílias e dos profissionais que vivenciam esta problemática.

Gomes (2002, p.708), quando contextualiza a violência, refere que a mesma “se constitui atualmente em um dos mais graves problemas de saúde pública. [...] esse fenômeno se observa no Brasil e em diversos outros países”, alerta, principalmente, aos profissionais de saúde envolvidos nessa situação, que se questionam sobre algo que está diretamente relacionado a sua responsabilidade social e política, pois inegavelmente se essas condições alcançaram níveis tão elevados, deve-se exclusivamente a toda sociedade.

Dias (2004, p.49) acrescenta ser também

um fenômeno mundial de extrema gravidade, principalmente no terceiro mundo, em virtude dos quadros de exclusão social, e sua magnitude é tamanha que, tornou-se sinônimo de endemia. Conseqüentemente, desde 1990 a Organização Mundial de Saúde vem tratando o problema com enfoque epidemiológico.

Tomar esta questão como prioritária por apresentar caráter endêmico reforça mais uma vez estar disponibilizando ao leitor dados significativos que expressem a problemática, pois, provavelmente, muitas pessoas estão sendo coniventes ao saber e, muito mais, presenciar esse menosprezante acontecimento.

Ainda segundo a referida autora

existe a concepção de que a violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da Humanidade, e que afeta a

saúde, uma vez que é capaz de provocar doenças e alterações negativas na integridade corporal, orgânica e emocional, além de provocar a morte, tolhendo o direito do ser humano à vida, sendo assim, a negação de toda legalidade possível (Dias, 2004, p.50).

A partir dessas considerações é que reflito sobre o quanto a violência já fez parte da vida das pessoas, como ela está presente e se algo não for feito, fará parte no futuro. Gomes (2002, p. 708) afirma e reforça, também, que “em nosso país, a violência contra crianças e adolescentes ganha contornos dramáticos”. A violência doméstica, além de trazer conseqüências em curto prazo, principalmente às relacionadas com a integridade física, traz, quase sempre, conseqüências em longo prazo de caráter psicoemocional que vão afetar eternamente o completo desenvolvimento dessa vida, quando não seu crescimento, como nos casos de negligência. Souza (2001, p.121) reflete sobre o tipo de violência que se considera mais obscura, ou seja, a violência contra crianças e adolescentes,

quando diz que discutir a violência de pais contra filhos seria paradoxal num país cuja formação social é pensada como cordial pelos seus mais ilustres pensadores. Longe de ser um refúgio seguro, o recesso do lar pode representar, muitas vezes, um risco à segurança física e emocional da criança.

Não desconsidero ou diminuo os outros tipos de violência encontrada na sociedade, como aquela contra a mulher, contra os idosos, de trânsito e as demais que fazem parte da humanidade, apenas considero ser a contra crianças e adolescentes a mais sensibilizadora, pelo simples fato de tratar de seres humanos que estão legalmente sob a responsabilidade de pessoas que deveriam ser as últimas em suas relações de convívio a fazer algo tão desmoralizante, que deveriam, pelos laços que estão presentes simbolicamente e legalmente, ter um amor que afasta atos tão deprimentes.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes, hoje, demonstra o que ao longo da história vem acontecendo, ou seja, o descaso com as crianças e adolescentes, esclarecendo a verdadeira face das relações familiares que está presente cotidianamente. É evidente que a violência presente atualmente é o reflexo de como esses sujeitos estão sendo cuidados e percebidos na sociedade, ou seja, meramente como simples objetos, reforçando também como isso é um fator

preponderante para justificar todas as barbáries que estão acometendo a humanidade, porque onde existe amor, não há lugar para o ódio.

Reconheço que, mesmo após todas as tentativas de profissionais integrados para desmobilizar a violência contra crianças e adolescentes, alguns lares ainda os torna dependentes de algo que priva sua liberdade como sujeito de direitos, acreditando que o uso de atos violentos são formas ilustríssimas de educar e disciplinar seus objetos, perpetuando aquilo que no passado já estava sendo questionado: o uso da violência para esses fins.

Estar à margem dessa problemática é não admiti-la como um problema de saúde pública e social; é cruzar os braços frente às diversas violações dos direitos essenciais à vida presentes no cotidiano desses sujeitos e negar que possa existir uma sociedade digna e responsável pela perpetuação efetiva da sua própria espécie, uma espécie que tenha a vida respeitada como segmento primordial para uma evolução com qualidade.

Entender todo o processo no qual a violência está submetida é compreender ou ao menos entender o ser humano na sua essência, percebê-lo no seu mundo e ser sensível às nuances que estão inerentes à problemática. Estimo que o pensamento complexo é que proporcionará subsídios às novas formas de abordagens para a referida temática, principalmente, por acreditar que, para existir uma intervenção saudável, “outras possibilidades de olhar podem e devem ser incluídas”, ou seja, a realidade com que se propõe a trabalhar está imersa em uma cultura e costumes que, muitas vezes, não é a realidade ou a forma com que as pessoas se percebem no mundo, por isso precisam ser discutidas e incorporadas.

Pressuponho que, para intervir e assistir essa clientela, devo conceber vários olhares para que através deles se possa adquirir confiança, mergulhando, assim, no contexto da criança/adolescente/família, entendendo como ocorrem suas práticas, principalmente, relacionadas ao ato cuidar já que essas questões estão entrelaçadas a este, por exemplo, no que diz respeito à forma de cuidar, a compreensão de cuidado por parte da família, entendendo que estes são reflexos de suas próprias experiências e conhecimentos.

Elsen e Althoff (2004, p. 23) referem que “ao levar-se em consideração o viver humano, identifica-se à família como área de interesse especial da pesquisa”.

Percebo, assim, que a família é inerente a essas práticas, sabendo que o cuidado é fundamental no rompimento do ciclo da violência, por isso, se traz a família para discussão, considerando-a primordial para analisar a complexidade da violência na sociedade.

A família, nesta pesquisa, merece e terá lugar de destaque, pois acredito que, direta e indiretamente, influencia e determina a problemática, tornando-a como estrutura fundamental para se discutir a violência e a sua diversidade, pois “a família deve ser compreendida numa perspectiva sistêmica” (BARREIRA, 1999, p.489). Ela tem, nesse contexto de práticas, papéis diversos e conflitantes, exercendo-os conforme sua história de vida. No entanto, deve-se adentrar nesse mundo e compreender as suas inter-relações para desconstruir e construirmos ações integrais e individualizadas.

No momento em que vários setores da sociedade procuram envolver a família nas ações desempenhadas junto aos seus membros e para a própria sociedade, reconhece-se que sabemos muito pouco sobre o seu mundo e, menos ainda, em como trabalhar com ela, na sua diversidade e complexidade, articulada à perspectiva interdisciplinar (ELSEN; ALTHOFF, 2004, p. 19).

Desmistificar e compreender o real sentido que esta unidade representa nesse contexto, auxilia para a transformação da realidade dos infantes e adolescentes e proporciona o desenvolvimento de novas possibilidades de cuidado. Segundo Gregori (1999, p. 35), “é na família que a violência acontece, justamente naquela que consideramos o núcleo fundamental da vida e da sociedade, que desde os gregos era considerada sagrada já que era lá que todas as energias eram desenvolvidas para produzir ou criar os seres humanos”.

A família tem sua importância e sua parcela de contribuição no alcance dessas práticas, influenciando consideravelmente o caminho que a violência toma na vida de muitas crianças e adolescentes, o que é reforçado por Brigas (1999, p.53), “os comportamentos são aprendidos de duas maneiras principais: através da exposição de modelos desviantes ou violentos”.

Dessa forma, trago a família para discussão e, em conjunto e a partir das reflexões realizadas, para que se percebam como unidade fundamental no cuidado desenvolvido e prestado. “Retomar a família como unidade de atenção das Políticas Públicas não é retrocesso a velhos esquemas. É, sim, um desejo na busca de

opções mais coletivas e eficazes na proteção dos indivíduos de uma nação” (KALOUSTIAN apud BARREIRA, 1999, p. 492).

Abordar a temática da violência doméstica contra as crianças e adolescentes em suas mais variadas instâncias é resgatar e refletir sobre como essa problemática insere-se em um processo coletivo e, possivelmente, compreender sua imersão na sociedade, ou seja, porque ela permanece até hoje no cotidiano, porque está tão presente atualmente e de que forma, através de uma prática educativa, se possa intervir sobre ela. Significa trazer para os atos diários, reflexões sobre tudo o que acontece atualmente com as crianças e perceber como, em alguns casos, também se é “negligente”. Constato que, se forem analisadas todas as situações que permeiam o processo de crescimento e desenvolvimento das crianças com as quais tenho contato, pode-se chegar à conclusão de que algo a mais poderia ser feito. E isso remete a pensar o que se deixa de fazer por elas, implicando em sentimentos contraditórios e confusos quanto ao papel social de todos diante dessa clientela tão especial.

Para essa violência que permeia e obscurece a vida de muitas crianças/adolescentes e família, as pessoas devem ter mais consciência dos seus atos praticados, mesmo que os pensamentos mais irracionais tomem conta das abordagens e das ações para com o agressor, entendendo-se que essa criança e essa família sofrem inúmeros dilemas quando se trata da problemática em questão. Penso que, se houver a desconstrução de alguns conceitos e a construção de possibilidades de cuidado a cada problemática, talvez se possa compreender o que de fato vivencia aquela família para depois poder intervir. Acredito que as pessoas, ao se perceberem como instrumentos exequíveis para o atendimento desses seres humanos, irão considerar a importância no contexto de vida e luta diária dessas crianças e adolescentes.

Ratificando a importância de trazer questionamentos sobre os aspectos que permeiam a violência é que proponho algumas considerações sobre a problemática com a qual decidi iniciar esta caminhada. Problemática que atualmente vem necessitando de maiores reflexões e de formas de intervenção por parte da Enfermagem, por acreditar que ela tem um papel fundamental na transformação da realidade. Percebo que esta temática e as dificuldades que a permeiam, mesmo fazendo parte da minha rotina profissional como enfermeira de uma unidade de

internação pediátrica, está pouco esclarecida na minha prática, encontrando-me cercada por tantas questões que necessitam ser constantemente revisitadas a fim de que se possa redimensionar o fenômeno da violência em suas mais variadas instâncias.

A violência contra crianças e adolescentes, embora se encontre presente no cotidiano profissional, está muito distante do dia-a-dia da vida pessoal. Contudo, são essas crianças e adolescentes acometidos pela violência doméstica que exprimem a real situação de algumas das crianças, carentes ou não, da sociedade e que chegam a uma instituição hospitalar. Infelizmente, algumas nem chegam, pois a violência doméstica que acontece de maneira silenciosa, as priva muitas vezes de receber algum tipo de cuidado. Segundo Gomes (2002, p. 708), “convivemos de modo cotidiano e oculto com várias formas de vitimação, a violência doméstica e intrafamiliar é, sem dúvida, responsável por milhares de crianças e adolescentes vitimados no Brasil”.

Partindo dessa reflexão, acredito que existam formas de intervenção e outras a serem promovidas e implementadas a partir de um olhar mais complexo e que, como profissional da área da saúde da criança e do adolescente, posso me tornar a mediadora de algumas delas. Para Ferreira e Schramm (2000, p. 659), “os profissionais de saúde, vêm se confrontando com novos e desafiadores problemas em sua prática cotidiana, dentre os quais destaca-se a violência contra a criança e o adolescente”. Por conta disso, acredito que não se deve ignorar esta problemática, mas sim, necessita-se juntar forças para enfraquecê-la.

Entretanto, ainda permanecem certas dificuldades de se tratar à violência como um problema social amplo e como questão que também pertence ao âmbito de saúde (GOMES, 2002, p.709). Acredito que essas dificuldades referem-se, principalmente, por serem questões que envolvem valores pertencentes à família, sendo que a Enfermagem não está totalmente preparada para enfrentar aspectos que as tornam moralmente aceitáveis, como responsabilidade social e a cultura da educação. Percebo também, na prática, que essas dificuldades que o autor se refere ao mergulhar nesse universo, podem estar associadas, algumas vezes, à questão de ordem moral, no que diz respeito à individualidade do próximo, do próprio profissional que está frente à situação ou mesmo de reconhecer a violência como um fenômeno complexo, devendo-se ter vários olhares sobre ela. Apesar de haver

tantas dificuldades entranhadas nesse fenômeno o que não deve e não pode ser esquecido é que, principalmente, como profissionais da saúde temos compromisso legal e ético de intervir e dar suporte a essas crianças e adolescentes que estão sendo violentados, ou por desconhecimento dos pais ou simplesmente por achar que a única forma de se fazer respeitar e educar é através da violência.

Acredito que se forem identificadas, em um mesmo contexto, as dificuldades relacionadas à criança, a família, aos profissionais de saúde e ao fenômeno da violência não os dissociando, e percebendo-os como indispensáveis para um cuidado mais humanizado que se pretende realizar com as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, possivelmente se transformará a realidade dessa problemática e se poderá combater, de forma mais integral, as dificuldades encontradas. Bonetti e Wiggers (1999, p. 484) reforçam que “o fenômeno da violência é entendido como um fator que ameaça o indivíduo e, portanto, que necessita ser combatido”.

1.2 Justificativa do estudo

Considerando ter exercido as práticas assistenciais de enfermagem nesses últimos sete anos quase que exclusivamente na área da saúde da criança e do adolescente, não conseguiria deixar de escolher problemáticas relacionadas a esses seres tão especiais para desenvolver a minha pesquisa. E principalmente, associá-la com um cuidado de enfermagem almejado pelos profissionais que são comprometidos por sua continuidade, ou seja, unir a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes ao cuidado de enfermagem promovido por profissionais conscientes de sua responsabilidade social.

Sendo que, nesse sentido, ao realizar e desenvolver o projeto de prática assistencial desejei que essa experiência enriquecedora se transformasse em minha dissertação de mestrado. Segundo Minayo (1996, p. 21):

É na práxis, na perspectiva dialética, que se dá a emancipação subjetiva e objetiva do homem e a destruição da opressão enquanto estrutura e transformação da consciência. Noutras palavras, a transformação de nossas idéias sobre a realidade e a transformação da realidade caminham juntas.

Sou enfermeira assistencial da Unidade de Internação Pediátrica (UIP) do HU/UFSC e docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UNISUL da Pedra Branca. Acredito que essa temática e suas questões são pertinentes nessas áreas, por isso percebi uma grande necessidade de estar revisitando-a e trazendo possibilidades de cuidado, no sentido de transformar o momento de vida das crianças e adolescentes que estão vivenciando esta problemática.

Durante o processo educativo/interativo/investigativo, que será descrito mais a diante, desenvolvido junto aos profissionais de enfermagem sobre a problemática da Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes em uma unidade de internação pediátrica na perspectiva da pesquisa-ação, compreendi que foi na relação dialética promovida com o ensinar e o aprender que obtive, em algum grau, transformações, tanto dos sujeitos do estudo que buscavam encontrar respostas para seus anseios e aprender conhecimentos relacionados à violência doméstica, principalmente os relacionados aos cuidados realizados, quanto ao meu, de pesquisadora (neste caso cuidadora) que buscava compartilhar meus saberes e conhecimentos e oportunizar momentos de discussão, abrindo caminhos para conhecer o desconhecido sobre a temática escolhida. Tanto que posso afirmar que “me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo” (FREIRE, 1996, p. 135).

Conseqüentemente, o processo educativo/interativo/investigativo ocorreu quando os sujeitos perceberam que para transformar algo, seja no cuidar, no construir, no pensar ou simplesmente no realizar, entre outros, necessitavam desconstruir e re-construir conceitos sobre a problemática que permeia a violência doméstica infantil. E certamente foi o que aconteceu, principalmente nos relatos produzidos nos encontros que serão discutidos posteriormente.

Considero que a experiência da pesquisa-ação permanece presente no cotidiano desses sujeitos, pois como refere Bordenave e Pereira (1986, p. 21) “o Arco da problematização não tem um fim (término), ele está e estará em constante movimento, pois é a partir dos resultados obtidos que novas possibilidades surgem e geram novos problemas”. Foi desafiador desenvolver possibilidades de transformação e mudança da realidade, como também, desconstruir velhos e construir novos paradigmas com os sujeitos, pois acredito ser este uma construção coletiva em que todos os envolvidos devem estar comprometidos com a mudança, fazendo algo para transformar sua própria realidade. Não considero, porém,

impossíveis essas possibilidades, pois quando se têm objetivos em comum, caminha-se para um mesmo ideal, age-se e se tem mais capacidades de superar novos desafios.

Ao realizar a pesquisa-ação, denominei este momento de Encontro de Borboletas², desenvolvendo-se possibilidades de cuidado às crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Nesse caso, a aplicação do Arco de Maguerez foi fundamental, tendo como principal finalidade proporcionar ao próprio indivíduo lidar com a problemática escolhida através da compreensão das suas próprias dificuldades, ou seja, proporcionar que o profissional de enfermagem desenvolvesse e construísse suas ações e intervenções a partir de seus conhecimentos, suas vivências juntamente com uma leitura mais aprofundada da violência.

Portanto, considero de extrema relevância estar disponibilizando ao leitor a experiência construída por mim, juntamente com os profissionais de enfermagem em relação às discussões referentes a esta problemática, tornando-me co-responsável pelo enfrentamento deles frente a tantas adversidades. Segundo Gomes (2002, p.712)

a primeira desconstrução que precisa ser feita no âmbito dos profissionais de saúde é o reducionismo do assunto. As políticas de prevenção ou intervenção dos maus tratos cometidos contra a infância provavelmente terão maior êxito se conseguirem caminhar em direção ao confronto dos múltiplos modelos explicativos.

Freire (1996, p.135) quando cita que “minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta à certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei”, resume aquilo que estou propondo com este estudo, complementar o que sabe e o que não sabe sobre questões que permeiam e estão relacionadas à violência, pois, na medida em que emerge nas “dificuldades que temos ao cuidar de crianças vítimas de violência doméstica”, se está descobrindo e revelando uma nova face da violência, apresentando pressupostos que, possivelmente, propiciarão novas ações para cuidar dessas vítimas a partir de um olhar mais complexo. E, ao iniciar uma reflexão sobre a problemática que cerca a violência doméstica contra crianças e adolescentes a partir de todas as leituras que fiz até aqui, através de literaturas específicas, pensei em avançar utilizando o pressuposto, também, de que o princípio

² Encontro de borboletas: nome designado aos encontros realizados com os profissionais de enfermagem, nos quais, utilizou-se a borboleta e suas espécies como codinome indicando a transformação (metamorfose) almejada nesses momentos.

das abordagens devia iniciar através de um pensamento mais complexo. Como diz Morin (2002, p.7),

se ousar falar do pensamento complexo, não é com o propósito de definir um modelo padrão para pensar, mas exatamente no sentido de que, como tudo que é humano, a unidade do pensamento complexo é uma e múltipla e comporta em si a multiplicidade, assim como a multiplicidade comporta a unidade.

Certamente essas abordagens, muitas vezes, estão interligadas e encontram-se dependentes no contexto da criança e do adolescente, principalmente nas suas vivências, representando o seu lado obscuro na sociedade, e é por isso que precisam ser percebidas através de um novo olhar.

A reflexão pretendida é que, através de tudo que foi aprendido e apreendido, não significa apresentar um discurso sobre as determinações que se fazem aos que violentam as crianças e adolescentes, mas sim compreender e resignificar o porquê apresentam essas formas de agir, o que trazem no seu contexto, porque humilham, violentam, negligenciam, entre outros, e que caminhos pode-se seguir para melhorar ou minimizar essas situações. Partir de cada história é perceber cada criança e adolescente que cotidianamente chega ao local de trabalho ou atendimento, ou seja, no hospital, enfim, na vida para serem cuidadas, e que essa história, na qual as crianças e adolescentes são os atores, seja vista individualmente no seu contexto e não enquadrada em um protocolo onde todos têm, na maioria dos casos, o mesmo encaminhamento, o mesmo fim. Se se olhar dessa forma talvez se possa sim, fazer com que o cuidado seja visualizado sob vários olhares e, especialmente, que não seja visualizado somente pelo mesmo prisma como costuma acontecer, o do julgamento, da culpa, da verdade absoluta e de ações impulsivas presentes em momentos de pouca reflexão.

Entrar em um mundo que não é nosso, intervir nele e acreditar que possa ser imposta a verdade de cada um, que os conceitos e preconceitos são os mais adequados para as abordagens e para a situação apresentada, é reduzir o ser humano, que está vivenciando essa realidade, a uma “situação”, a um “caso” e não a uma história, a qual se construiu ao longo da sua pequena vida e faz parte da sua personalidade, que contribuiu na sua forma de pensar e de agir sobre tudo e todos. Não perceber isso é esquecer que os seus atos, pensamentos, suas emoções são conduzidas pelas suas experiências e vivências. “Eu não posso conceber o todo

sem conceber as partes e não posso conceber as partes sem conceber o todo” (ALMEIDA, 2002, p.30). O assunto pode gerar desconforto e algumas polêmicas, porém é a forma de tentar ver um mundo mais sensível, é uma verdade, não a única ou absoluta, porém é aquela que parece ser a que compreende o ser humano, entendendo o que está por trás dos seus atos.

Encontrar no sábio e educador Paulo Freire um porto seguro e me deixar levar por sua metodologia problematizadora foi e está sendo um momento importante neste processo, pois ele revela a essência do ser humano e o faz sujeito da sua própria história, o instiga e o potencializa para se descobrir como transformador da sua realidade. Ele proporciona uma reflexão única, que faz compreender o real sentido de estar se questionando sobre determinado assunto, de encontrar uma saída para algo que ainda não está esclarecido ou que precise de referências. É respeitar o ser humano na sua essência e vê-lo como único e possível transformador. Esse referencial foi necessário e absoluto neste estudo por reavivar que a relação ensino-aprendizagem faz parte do nosso cotidiano tanto profissional quanto pessoal. Sendo assim, continuará presente em todos os momentos da construção da dissertação e estará imersa nas leituras sobre essa problemática. Esta pesquisa é relevante por promover um discurso dialógico e não prescritivo, no qual se possa conciliar diferenças, pensar o impossível, o inédito, sem abusar do relativismo: promover um cuidado integral, tendo como ponto de partida à cultura do sujeito, identificando-se com o outro, reconhecendo-o também em mim.

A necessidade de encontrar novas possibilidades de cuidado a partir das dificuldades que se tem em lidar com determinada temática é para que os profissionais se tornem sujeitos críticos e reflexivos das ações, realizando um cuidado único, individual e integral às vítimas e às suas famílias. Precisa-se ir além daquilo que é colocado e imposto em um protocolo de atendimento com um discurso prescritivo, no qual todas as vítimas e suas famílias mantêm seus cuidados programados e pré-definidos com uma única forma de cuidar. Ao contrário, deve-se encaminhá-lo e respeitá-lo como único, promovendo ações e intervenções atentando para novas possibilidades de cuidado a partir daquilo que está presente. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p.135).

Esta dificuldade é enfrentada e pode ser superada quando se acredita que a partir do envolvimento e empenho dos sujeitos exista a possibilidade de mudança, ou seja, esperança de transformação, Freire (1992, p.11)

Para perceber e compreender mais profundamente como a temática da violência doméstica contra crianças e adolescentes está sendo discutida e seu cuidado implementado pelos profissionais de enfermagem que foram determinados para serem o foco desta pesquisa, reconheci, em suas falas e na discussão promovida durante os encontros de borboletas, aspectos importantes e motivadores de um cuidado de qualidade a crianças e adolescentes que vivenciam essa problemática. Segundo Elsen e Althoff (2004, p. 23) “a pesquisa possibilita nova maneira de conhecer e interpretar a realidade, para confirmar os conhecimentos existentes e gerar novos conhecimentos”.

1.3 Objetivo

Quando se propõe a realizar uma revisão daquilo que já foi ou está sendo dito e discutido sobre o fenômeno da violência pelos profissionais de enfermagem é para ter subsídios e poder ter um maior aprofundamento sobre a temática. Juntamente com o aprofundamento teórico, este será a base para a discussão das dificuldades que permeiam o fenômeno da violência.

1.3.1 Geral:

Analisar a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes manifestada pelos profissionais de enfermagem da unidade de internação pediátrica à luz do referencial problematizador de Paulo Freire e do pensamento complexo.

1.3.2 Específicos:

- Reconhecer as dificuldades que estão inerentes ao cuidado a criança e adolescente vítima de violência doméstica;
- Encontrar novas possibilidades de cuidado a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica;

2 REVISÃO DE LITERATURA

*É necessário haver um caos
dentro de si para dar a luz
a uma estrela que dança.
(Nietzsche)*

Esse caos que Nietzsche fala pode ser compreendido como uma desordem, uma grande confusão. Para haver uma ordem na sociedade, é importante que haja uma desordem. A “Violência” pode ser e é interpretada por muitos como uma figura de desordem, assim como o mal, a guerra, a fome e porque não a política. E como diz Balandier (1997, p. 35), “a desordem produz novas ordens e promove novas formas de ver o fenômeno”. E, para ser vista como uma figura de desordem, ela representa um certo papel na vida em sociedade. Bonetti e Wiggers (1999, p. 485) acrescentam que “as violências são entendidas enquanto um dos inúmeros tipos de linguagens sociais, e portanto, parte efetiva da vida social”.

Na seqüência, serão feitas reflexões de autores contextualizando questões que permeiam essa problemática. Considero efetivamente relevante suas falas e seus comentários e acredito que eles são porta-vozes de muitas pessoas e profissionais que, como eu, decidiram engajar-se em uma luta contra todo esse mal que está presente na vida de muitas crianças e adolescentes. E, mesmo sendo relevante esse fenômeno, ele é ainda, banalizado em alguns momentos pela sociedade, sendo visto como algo que rotineiramente faz parte da vida, deixando que problemas dos mais diversos centralizem as suas atenções.

2.1 Uma breve compreensão do fenômeno da violência

Violência, na linguagem coloquial, pode ser definida como exercer uma força em alguém, a qual não necessita ser apenas física, pode ser psicológica ou de outra ordem, considerando, principalmente, que o outro não está de acordo. Sua raiz vem da palavra violar, que corresponde à transgressão, ou seja, ir além de algo que não poderia e não deveria ser feito. Em vista disso, a violência dá conta do todo e qualquer ação feita por qualquer pessoa em alguém, independente da idade, mas principalmente criança, adolescente e da relação que se tem com ela. É

principalmente, quando se pensa que a existência do ser humano está diretamente relacionada aos caprichos dos outros.

Certamente a própria palavra violência, sua origem e suas vertentes, quando analisadas semanticamente, traduziriam a violência na sociedade, bem como sua resistência nos dias de hoje. Através de cada significado, se perceberia algo para ao menos explicar ou justificar sua vitalidade e, conseqüentemente, possibilitaria reconhecer os fatores que estão impregnados a ela.

A violência enquanto um conceito generalizante e abstrato acaba, por abarcar, sob o mesmo rótulo, fenômenos ímpares, que seriam mais bem explicados se fossem considerados nos diferentes significados que lhes são atribuídos nos mais diversos contextos sociais e históricos (BONETTI; WIGGERS, 1999, p. 485).

Primeiramente, compreender o fenômeno da violência pressupõe percebê-la como inerente a história humana, “a violência em suas diversas modulações, é herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional, [...] trata-se de uma estrutura constante do fenômeno humano” (MAFESSOLI, 1987, p.13).

No entanto, para se imergir nesse fenômeno, deve-se ter como ponto de partida, identificar e compreender sobre quais foram os aspectos que fizeram parte da história da violência e a partir destes os que são relevantes no contexto atual.

Isso reflete, de fato, no modo como a violência é vista em relação a sua temporalidade durante todo o desenvolvimento da humanidade, reforçando o que enfaticamente se encontra na literatura, ou seja, remete e fortalece que uma das causas da violência na atualidade é proveniente de questões culturais e civilizacionais. Da mesma forma, destaca essas questões como a presença marcante da violência no meio social, comprovando e afirmando que a sociedade perpetua e perpetuará mesmo que indiretamente a violência ao longo da sua existência.

Com o intuito de repensar em alternativas para modificar essa realidade, percebo que uma das formas de haver mudanças em relação a esse aspecto, seria a mudança de paradigma na forma de educação que se originou com os jesuítas, permeando a escravidão e que se propaga nas relações interpessoais capitalistas presentes, em que se utiliza a transgressão dos direitos humanos para se ter um “poder” sobre alguém, e, nesses casos, um ser mais frágil, a criança e o adolescente.

Quando se propõe ver a violência desses lugares, que não é somente o meu, mas que faz parte de mim, pois de alguma forma me vejo também presente neste lugar e também faz parte dessa violência, é que se percebe como o educar e o cuidar precisam ser desconstruídos, principalmente, nessas relações de domínio, cujo novo olhar serve para, de alguma forma, gerar inúmeras possibilidades de cuidado.

Portanto, ter esse novo olhar sem abstrair-me do meu próprio contexto requer uma nova forma de ver e perceber o mundo, como diz Mafessoli (1987, p.13) “é importante que saibamos compreender esse fenômeno com o máximo de serenidade possível”. Necessito, para tanto, desconstruir aquilo que impede de refletir e pensar de outra forma ou de ver as coisas de outro ângulo, pois é através de uma reflexão que se compreende que podem existir infinitas possibilidades de encontrar caminhos para um cuidado humanizado, ou seja, aquele que faz o sujeito ser participante do processo de transformação. Esta tarefa não é tão fácil quanto está se propondo, porém acredito que se houver libertação de algumas amarras que permeiam essa problemática, pode-se justificar o importante papel que a Enfermagem tem neste contexto, pois como diz Mafessoli (1987, p.13), “a violência, como todo objeto social de alguma importância, tem como característica o fato de que pretender propor uma nova análise teórica sobre ela é muito delicado”.

Entender como o processo de violência ocorre no contexto da criança, e esta na sua família, ver como eles se entrelaçam e se movimentam, é não só adquirir um novo olhar, mas sim várias possibilidades de olhar os seres humanos. Para tanto, acredito ser esse um dos primeiros passos para percebê-los como inerentes ao processo de cuidado a que fazem parte. Percebo que Mafessoli (1987, p.14) já levantava essa nova possibilidade de olhar quando diz que “a violência está sempre presente, antes de condená-la de uma maneira rápida demais, ou ainda, negar sua existência, é melhor ver de que maneira pode-se negociar com ela”. Portanto, deve-se incluir nesse contexto o cuidador, que mesmo percebendo o outro como único, como sujeito, individual no seu contexto, tendo para isso um olhar mais complexo, traz consigo a sua maneira de ver a violência, do lugar que ele está. Mafessoli (1987, p.15) destaca que:

Não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. Proponho, então, considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir

tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social.

Como diz Mafessoli (1987, p.21) “nossa intenção não é inventar uma teoria da violência, mas sim atualizar da melhor maneira o que pertence à sua estrutura, trata-se no real sentido do termo, de reconhecer os elementos que compõem este fenômeno”, é perceber que valores culturais e crenças estão intrínsecos nessas relações e, que a forma de as pessoas conceberem o mundo é a partir de suas vivências apresentadas na sociedade.

Outra questão que está presente nesse fenômeno da violência é a própria perpetuação na espécie humana dentro da própria família. Veronese (2006, p.27) refere que a violência doméstica e a privação familiar são as causas que mais contribuem para a formação de comportamentos tidos como desviantes e, conseqüentemente, para o aumento e perpetuação da violência. Isso remete a pensar o porquê desse fenômeno ainda permanecer vivo e presente na sociedade, fazendo parte através de séculos e sendo atualmente o grande martírio de muitas crianças e adolescentes. A compreensão corrente é de que a violência perpetua-se consideravelmente através de suas vítimas, sendo estas, possíveis agressores no futuro. O que se quer resgatar inicialmente é de como foi produzida a violência na história e como ela continua a mesma, havendo apenas mudanças de cenário. Ora essa violência adquire nova “cara”, trazendo novos personagens, novos contextos, ora ela volta com características primitivas de uma suposta educação e transgressão de poder para se firmar.

Infelizmente, se tem a percepção de que a violência estará sempre inerente à humanidade, pois ela traz consigo questões que emergem a partir da falta de necessidades essenciais a uma vida digna, das precárias condições sócio-econômicas, das deficientes condições educacionais, das extremas condições comportamentais e principalmente políticas. Veronese (2006, p.28) refere que é preciso conscientizar-se de que a omissão, por menor que seja, legitima essa vitimização. Evidentemente não será por isso que se deixará de fazer algo, porém talvez se tenha de ter outra perspectiva para a problemática.

O tema violência tornou-se prioritário no final da década de 80, em todos os setores que trabalham com crianças e adolescentes, e isso requer a sistematização do conhecimento das formas de violência, a fim de propor medidas de prevenção e assistência adequadas, além de adotar uma abordagem interinstitucional, atendendo às realidades locais (VENDRÚSCOLO, 2004, p. 565).

A referida autora segue dizendo que, atualmente, as demandas da sociedade civil por melhores condições de vida para o segmento criança e adolescente contrastam com a miséria crescente e com a multiplicação das ocorrências de violência em todas as esferas da vida social. A abordagem desse tema tem se tornado, no transcorrer dos anos, uma das prioridades para os setores da assistência Social, da Saúde, da Educação, da Polícia e da Justiça Criminal, apresentando uma ampliação contemporânea da consciência do valor da vida e dos direitos de cidadania.

A violência constitui um fenômeno mundial de extrema gravidade, principalmente no Terceiro mundo, em virtude dos quadros de exclusão social, e sua magnitude é tamanha que, tornou-se sinônimo de endemia. Conseqüentemente, desde 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) vem tratando o problema com enfoque epidemiológico (DIAS, 2004, p. 50). Ainda, segundo a autora, existe a concepção de que a violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da Humanidade, e que afeta a saúde, uma vez que é capaz de provocar doenças e alterações negativas na integridade corporal, orgânica e emocional, além de provocar a morte, tolhendo o direito do ser humano à vida, sendo assim, a negação de toda legalidade possível.

A violência é um fenômeno social específico, histórico, relacionado às condições socioeconômicas e que possui raízes e formas no cotidiano das relações interpessoais. Perpetrada contra crianças e adolescentes, divide-se, basicamente, em duas: violência social e violência doméstica. Na primeira, verifica-se o abandono material, a fome, a ausência de abrigo ou de habitação, a falta de escolas e a exposição de doenças infecto-contagiosas frente a situações da falta de saneamento básico. Na segunda, as crianças e adolescentes vitimados sofrem violência física, psicológica, sexual e negligência.

A violência doméstica é uma das várias modalidades de expressão de violência que a humanidade pratica contra suas crianças e adolescentes, sendo que as raízes desse fenômeno também estão associados ao contexto histórico, social, cultural e político em que se insere e, não pode ser compreendida, somente, como uma questão decorrente de conflitos interpessoais entre pais e filhos. Mesmo esse relacionamento interpessoal, a qual configura um padrão abusivo de interação pai-mãe-filho, foi construído historicamente por pessoas que, ao fazê-lo, revelam as

marcas de sua história pessoal no contexto da história socioeconômica, política e cultural da sociedade (ROQUE, 2002, p. 335).

Quando se fala, se ouve e se lê sobre violência, encontram-se diferentes conceitos sobre essa problemática, porém esses emergem quase sempre de um mesmo lugar: transgressão dos direitos das crianças e adolescentes, como referem Bonetti e Wiggers (1999, p. 485), “a violência não está restrita a um único tipo de fenômeno, posto que é um conceito definido de diferentes formas por diferentes autores”. No entanto, a leitura que as pessoas fazem dessa temática é quase sempre a partir das suas vivências e/ou experiências diante dela, seja no campo profissional e/ou pessoal. Ao iniciar uma revisão de literatura que contemplasse todos os aspectos que permeiam a violência doméstica contra crianças e adolescentes, percebi que seria necessário compreender as diferentes percepções que os autores trazem sobre ela, bem como a abordam a partir de seu olhar e também por um determinado contexto.

Primeiramente se faz uma leitura sobre a violência doméstica sobre crianças e adolescentes apresentada por Guerra, que resgata, através de seu livro *Violência de pais contra filhos*, questões pertinentes a temática e esclarecimentos importantes sobre sua trajetória na sociedade.

Guerra (2001, p. 18) traz diversos pressupostos que esclarecem e ratificam a violência como:

- inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência;
- negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida;
- expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade em um momento determinado de seu processo histórico.
- enquanto manifestação de sujeição e coisificação só pode atentar contra a possibilidade de construção de uma sociedade de homens livres e;
- ela tem por referência a vida, porém a vida reduzida, esquadrihada, alienada; não a vida em toda a sua plenitude, em sua manifestação preta de liberdade;

Quando se entende a violência a partir desses pressupostos, percebe-se sua problemática permeando toda a humanidade, por isso, me reporto à questão principal e mais angustiante deste estudo: a violência contra as crianças e os adolescentes, gerando assim um enorme desconforto, por perceber que todos os aspectos levantados não são peculiares somente aos adultos, mas também pertencem ao mundo de seres tão indefesos e frágeis.

Guerra (2001, p. 16) também traz em seus pressupostos questões sobre a violência doméstica, referindo que a mesma, é um tipo de violência que:

- permeia todas as classes sociais como violência de origem interpessoal;
- é um abuso do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis;
- é um processo de vitimização que, às vezes, se prolonga por vários meses e até anos;
- é um processo de imposição de maus-tratos à vítima, de sua completa objetualização e sujeição;
- é uma forma de violação dos direitos essenciais da criança e do adolescente como pessoas e, portanto, uma negação de valores humanos fundamentais como a vida, a liberdade, a segurança e;
- tem na família sua ecologia privilegiada, e como esta pertence à esfera do privado, a violência doméstica acaba se revestindo da tradicional característica de sigilo.

A partir disso, emite o conceito de violência doméstica contra crianças e adolescentes:

Representa todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (GUERRA, 2001, p. 32).

A partir dessa problemática, podem-se encontrar vários tipos de violência doméstica que permeiam a vida de crianças e adolescentes, que estão descritas a seguir.

2.2 Os tipos de violência doméstica

Essa classificação permitirá analisá-las dentro de seus respectivos conceitos e encaminhá-las de acordo com necessidades explicitadas. Guerra (2001, p. 23) refere quatro tipos de violência doméstica reconhecidos:

- **Violência sexual:** todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra.
- **Violência psicológica:** também designada como tortura psicológica. Ocorre quando um adulto constantemente deprecia a criança, bloqueia seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental. Ameaças de abandono também podem tornar uma criança medrosa e ansiosa, representando formas de sofrimento psicológico.
- **Negligência:** representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Configura-se quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de alimentar, de vestir adequadamente seus filhos entre outros, e quando tal falha não é resultado das condições de vida além do seu controle.
- **Violência física:** caracterizada por qualquer ação única ou repetida, não acidental (ou intencional), perpetrada por um agente agressor adulto ou mais velho, que provoque dano físico à criança ou adolescente. É causado pelo ato abusivo, podendo variar de lesão leve até conseqüências extremas como a morte (DESLANDES, 1994b, p. 19).

Existe um perfil para esse fenômeno e Guerra (2001, p. 24) descreve-o a partir de dados da literatura especializada nacional e internacional:

- **Quanto à natureza:** caracterizar a relação do agressor com os filhos-vítimas como uma relação de sujeito-objeto; os filhos devem satisfazer as necessidades dos pais, pesando sobre eles uma expectativa de desempenho superior às suas capacidades; existe uma imagem idealizada da criança e adolescente que não é correspondida; há

conflitos familiares significativos; os agressores consideram que os filhos devem aprender que são responsáveis pelos quadros de violência; pelo estabelecimento de uma “aliança solidária” entre os cônjuges pela qual um dificilmente exerce este tipo de violência sem a cumplicidade silenciosa do outro e, por último, a violência surge porque os pais ou responsáveis acreditam que a punição corporal é um método adequado de educação.

- Quanto à direção: as vítimas podem ser tanto do sexo masculino quanto do feminino; os agressores tanto podem ser o pai quanto a mãe, estendendo-se também padrastos e madrastas ou ainda pais adotivos; as idades das vítimas variam de 0 a 18 anos, tendo uma maior incidência entre 7 a 13 anos; é um fenômeno que aparece nas diferentes classes sociais, embora as classes populares sejam as mais denunciadas;
- Quanto às conseqüências:
 - Orgânicas: seqüelas provenientes de lesões abdominais, oculares, de fraturas de membros inferiores e superiores, do crânio, de queimaduras, que poderão causar invalidez permanente ou temporária; a morte para a vítima, conhecida como violência fatal e, muitas vezes, bastante subestimada em função das dificuldades de se detectar as reais causas de morte.
 - Psicológicas: sentimentos de raiva, de medo quanto ao agressor, quadros de dificuldades escolares, dificuldade quanto a confiar nos outros, autoritarismo, delinqüência, violência doméstica contra familiares, parricídio e matricídio.

3 CONTEXTUALIZANDO O REFERENCIAL TEÓRICO

*Ninguém educa ninguém, Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
(Paulo Freire, 1987)*

Segundo Minayo (1994, p. 92):

toda construção teórica é um sistema cujas vigas mestras estão representadas pelos conceitos. Os conceitos são unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria. Podemos considerá-los como operações mentais que refletem certo ponto de vista a respeito da realidade, pois focalizam determinados aspectos dos fenômenos, hierarquizando-os. Desta forma eles se tornam um caminho de ordenação da realidade, de olhar os fatos e as relações, e ao mesmo tempo um caminho de criação.

3.1 Paulo Freire e sua história

Nesta etapa, se fará um breve relato sobre quem foi o educador Paulo Freire. Paulo Reglus Neves Freire, “Paulo Freire”, nasceu em Recife no dia 19/09/1921 e faleceu em São Paulo no dia 02/05/1997 aos 76 anos vítima de um infarto agudo do miocárdio. Cresceu em meio à disciplina e liberdade, além de diálogo de carinho, amor e bondade de seus pais, vindo da contradição dos próprios pais, sendo que seu pai era espírita e sua mãe católica. Aprendeu com eles o diálogo, que procurou manter com o mundo, com os homens, com Deus e com a família. Optou livremente pela religião de sua mãe, a qual influenciou muito sua vida. Foi alfabetizado na sombra de uma mangueira, do quintal da casa em que nasceu, sendo que seus pais utilizavam as palavras próprias do seu cotidiano, palavras de sua infância, de sua experiência, o fato dos pais respeitarem o seu mundo vivido, influenciou sua obra, anos depois. Sua primeira professora desenvolveu suas capacidades como a intuição da oralidade e da necessidade exercitar a expressividade da criança, respeitando a prática de cada um.

Passou por problemas financeiros, vivenciando a miséria e compreendendo assim a fome dos demais. Adiou os estudos, convivendo com muitas diferenças culturais e sociais, sempre tendo dificuldades com a educação. Foi professor de português de 1941 e 1947, fez faculdade de Direito e casou-se com Elza que estimulou sua carreira de docente. Foi nesse momento que iniciou também

a preocupação com os problemas educacionais. Após sua primeira causa, abandonou o Direito e dedicou-se inteiramente ao trabalho educativo.

Em 1946, começou a trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI) e ali iniciou seu diálogo com a classe operária, alicerçando assim sua atividade pedagógica antielitista e antiidealista. No fim da década de 50, surgiu o método de alfabetização de adultos em um movimento popular de Recife chamado Círculos de Cultura, alfabetizando 300 trabalhadores rurais em 45 dias.

Em 1964 foi preso por 70 dias com outros que estavam engajados no mesmo processo, foi exilado e refugiou-se em La Paz, na Bolívia, sendo abortado todo o seu trabalho aqui no Brasil, porém lá encontrou um clima favorável ao desenvolvimento de suas idéias. Em 1970, junto a outros brasileiros exilados, agora em Genebra, Suíça, cria o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que assessora diversos movimentos populares, em vários locais do mundo, disseminando assim suas idéias. Correu o mundo com suas obras, palestras, conferências, e disseminaram suas idéias em vários países com realidades diferenciadas.

Retorna ao Brasil somente em 1979 com obras como Educação como Prática de Liberdade e a Pedagogia do Oprimido. Após o falecimento de Elza, casou-se novamente com Ana Maria, que também teve uma grande participação em sua vida. Sua maior preocupação era proporcionar a população, principalmente aos mais pobres, a possibilidade de desvelar a realidade e buscar melhores condições de vida, mais cidadania, com um criticismo apurado, voltado para benefício comum. Paulo Freire foi um verdadeiro educador do seu tempo, foi incompreendido, exilado, reconhecido e inalterado no mundo, e na volta ao país, reconstruiu e continuou sua obra em prol da educação, sempre buscando ultrapassar as barreiras que obstaculizam a busca do ser mais.

Inseriu-se na vida docente acadêmica, lecionando na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989, tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo, no mandato da Prefeita Luiza Erundina do Partido dos Trabalhadores (PT). Durante seu mandato, fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular e lutou por remuneração digna aos professores. Segundo Berbel (1999, p. 2),

Paulo Freire defendeu sempre uma Educação problematizadora, uma Pedagogia problematizadora, aquela que se contrapondo à educação bancária ou à pedagogia bancária pudesse servir para libertar o homem

dos seus opressores e pudesse servir para emancipação do homem, para a sua humanização.

Segundo Vasconcelos (1999, p. 32), na obra de Freire, o homem é o sujeito da educação, mas a interação de homem e mundo, de sujeito e objeto é imprescindível, pois os sujeitos são homens concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos em um contexto histórico. Nessa abordagem, quanto mais o homem reflete sobre a realidade, sobre sua atuação concreta, mais se torna comprometido a intervir na realidade para mudá-la.

Ter Paulo Freire nesta caminhada, na construção desta pesquisa e poder usufruir os seus ensinamentos, está sendo muito gratificante, pois perceber essa maneira de reconhecer o ser humano e de que este pode transformar-se a partir das suas dificuldades, é visualizar um novo caminhar. E este deve fazer parte daqueles que buscam um cuidado humanizado e desejam consolidá-lo na sua prática. Após as leituras sobre os ensinamentos de Paulo Freire, sinto que este cuidado que tanto busco já está presente em minha vida, e isso me satisfaz como cuidadora, realizando-me, assim, como profissional. Também compreender o ser humano em sua essência requer conhecimento teórico e empírico e, isto acredito estar adquirindo, pois presencio essa transformação nos meus cuidados. É essa transformação que gostaria que ocorresse no outro já que está acontecendo comigo diariamente desde o instante que essas leituras passaram a me acompanhar.

3.2 Proposta de uma pedagogia libertadora e problematizadora: reflexão de uma teoria

Propor esta pedagogia é acreditar que o ser humano pode ir além, através de seu conhecimento, experiências e vivências, podendo construir e transformar seu mundo. Segundo Whays (2002, p. 12)

a pedagogia libertadora insere-se numa proposta de educação crítica, tendo como seu grande interlocutor Paulo Freire, cujo referencial pedagógico originariamente compreendia o método de alfabetização de adultos num movimento de educação popular, na década de 50, em que instituía o vínculo de cultura na defesa de opressão dos excluídos da sociedade, no caso, os analfabetos.

Para buscar compreender todo este processo, utilizei como referencial teórico a pedagogia problematizadora de Paulo Freire, que segundo Backes (1998, p.257),

apóia-se no princípio de que uma pessoa só conhece bem algo quando o transforma, transformando-se ela também no processo; que a solução de problemas implica na participação e no diálogo permanente entre alunos e professores; a aprendizagem, é concebida como a resposta, construída pelo aluno, ao desafio de uma situação problema. No processo ensino-aprendizagem, o professor deixa de ser o instrutor para ser o facilitador da aprendizagem.

A pedagogia libertadora e problematizadora proposta por Freire é entendida como “uma forma de ver o mundo, refletir sobre a leitura e recontá-lo, transformando-o pela ação consciente, ultrapassando os limites da educação enquanto disciplina social” (SAUPE et al, 1998, p. 249).

A utilização desse referencial teve como propósito também fazer com que os sujeitos se percebessem como importantes e imprescindíveis nesse processo, que sua auto-estima aflorasse e que estimulasse suas capacidades, permitindo perceber que são capazes de gerar mudanças e, que suas capacidades vão além do agir e do fazer, compreendendo afinal que suas reflexões são fundamentais para um cuidado mais digno e humano.

Trabalhando-se com o referencial de Paulo Freire, não se vai a busca de fórmulas mágicas ou prontas para a solução dos problemas. Vai se por um caminho despretensioso, que procura libertar o grupo do círculo de cultura, desvelando a realidade vivida, desmistificando as verdades, rompendo com paradigmas dogmáticos, mostrando que certezas permanentes não existem (SAUPE et al, 1998, p. 262).

A pedagogia problematizadora pode acontecer através de diferentes caminhos, os quais sejam alinhados aos princípios da concepção histórico-crítica. Neste estudo, foi utilizado para esse percurso a Metodologia da Problematização, proposta por Maguerez, que segundo Berbel (1999, p. 8) “neste se tem um conjunto de técnicas, procedimentos e atividades que são organizadas para fazer um todo desse Arco, para iniciar o trabalho e completá-lo”. A mesma ressalva ainda que “completar o estudo de um problema significa um reiniciar de outros arcos, com outros problemas que foram identificados durante o estudo”.

É um poderoso recurso metodológico, para concretizar os princípios teóricos e filosóficos de uma educação progressista e humanizadora, desde que estes princípios façam parte da intencionalidade e do modo de ser do educador, pois não será o mesmo se ela for utilizada como apenas mais uma técnica. [...] permite a transformação do sujeito que dela

participa, pelas inúmeras elaborações intelectuais que realiza, de forma associada à percepção social, política, ética, etc... da realidade, dependendo do objeto de estudo (BERBEL, 1999, p. 10).

Percebendo a imensa vontade de promover mudanças e transformações no cuidado às crianças e adolescentes vitimados pelos sujeitos deste estudo, é que visualizo uma grande possibilidade de mudança nesse processo, pois esta, partindo de suas angústias e com o intuito de serem minimizadas, farão parte de suas práticas, as quais, diariamente, poderão se reconhecer em seus atos e gratificarem-se pela participação nesse processo de transformação.

O trabalho pedagógico, em qualquer nível de ensino, e especialmente no ensino superior, deveria ter relação direta com as necessidades da vida do homem em sua relação com o mundo. Reduzir distâncias entre a teoria e a prática, portanto, é necessidade urgente nos processos educacionais. É fundamental que alunos e professores não só compreendam, interpretem e expliquem a realidade, mas também intervenham sobre ela (VASCONCELOS, 1999, p. 31).

As transformações acontecem de diferentes maneiras: muitas vezes, elas são evidentes, rápidas e concretas. Outras vezes são abstratas, permanecem em cada consciência e o que acontece é a sensibilização dos membros do grupo para um novo olhar à realidade. Mudanças ocorrem mais ou menos perceptíveis, breves ou longas, mas acontecem e vão do compromisso e do envolvimento de cada um, que somado aos outros membros do círculo de Cultura, irão buscar a transformação possível (SAUPE et al, 1998, p. 245).

Segundo Vasconcelos (1999, p. 42), a Metodologia da Problematização é uma das manifestações do construtivismo pedagógico, pois:

- parte-se da realidade, com a finalidade de compreendê-la e de construir conhecimento capaz de transformá-la;
- utiliza-se o que já se sabe sobre a realidade (conteúdos), não como um fim mesmo, mas como subsídio para encontrar novas relações, novas verdades, novas soluções;
- os protagonistas da aprendizagem são os próprios aprendentes, por isso acentua-se a descoberta, a participação na ação grupal, a autonomia e a iniciativa;
- desenvolve-se a capacidade de perguntar, consultar, experimentar, avaliar, características da consciência crítica e;

- é voltada para transformação social, para a conscientização de direitos e deveres do cidadão, dentro de uma visão de educação libertadora, tratando-se de uma concepção que acredita na educação como uma prática social e não individual ou individualizante.

As contribuições de Charles Maguerez segundo Bordenave e Pereira (1986, p. 25) “é para, através de um esquema pedagógico, ter um processo de ensino em todos os níveis”. Esse processo inicia com a exposição dos sujeitos a um problema, parte da realidade física ou social, que corresponde a primeira etapa, OBSERVAÇÃO DA REALIDADE. A segunda etapa consiste em identificar as variáveis ou LEVANTAR OS PONTOS-CHAVE do problema, aqueles que se modificados, poderiam resultar na solução do problema. A terceira etapa corresponde a TEORIZAÇÃO. Nesta etapa, os sujeitos são orientados a buscar uma explanação teórica do problema, apelando para leituras, pesquisas e estudos realizados. A etapa posterior é aquela em que os alunos propõem HIPÓTESES DE SOLUÇÃO, as quais são confrontadas com os problemas levantados e estudos. Após retornam a realidade e aplicam tudo aquilo que foi construído para MODIFICAR OU TRANSFORMAR A REALIDADE (BORDENAVE; PEREIRA, 1986, p. 25).

Todas as manifestações ou práticas pedagógicas refletem, explícita ou implicitamente, teorias ou tendências pedagógicas vinculadas a um determinado fundamento ideológico.

3.3 O cuidar por meio de um novo olhar: pensando complexamente a violência

“Ser é cuidar, e as várias maneiras de estar-no-mundo compreendem diferentes maneiras de cuidar” (WALDOW, 2004, p. 19). Em muitos momentos na vida o cuidado é algo instintivo, não necessitando necessariamente da compreensão de algo ou de alguma coisa para desenvolvê-lo, porém, ele sempre emerge e se apresenta através dos sentimentos de amor, respeito e solidariedade que se tem para com as pessoas e de como se vê essas pessoas no mundo como ser. Por exemplo, o cuidado de uma mãe para com um filho, em relação ao cuidado com a alimentação e com a proteção, vem, na maioria das vezes, da relação que essa

pessoa (mãe) teve com as pessoas que a cuidaram, o que ela conhece de cuidado, como o vivenciou e que experiências na vida ela traz consigo, ou seja, ela desenvolverá o cuidado a partir do seu próprio ser e de como ela se constitui como ser humano, “com seu cuidado e carinho a mãe continua a gerar os filhos e as filhas durante toda a vida” (BOFF, 2004, p. 11).

Isso implica, quase sempre, de que para se cuidar, precisa-se compreender e perceber como as necessidades de cuidados se deparam e se fazem presentes no mundo, neste caso mais especificamente a violência doméstica contra crianças e adolescentes. Um dos aspectos considerados relevantes neste estudo é o cuidar, o cuidar dos profissionais de enfermagem em relação às crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, sendo que esse cuidar é reflexo de como se vê o mundo, e novamente, mais especificamente, de como se vê a violência. Cada profissional de enfermagem, ao refletir sobre o cuidado de enfermagem que prestará a essa clientela, buscará dentro de si, seus conhecimentos, experiências e sua forma de ver a violência para prestar o cuidado. E nesse cuidado estará presente todas as idéias, os julgamentos, os preconceitos e os conceitos sobre o problema a ser discutido. Estar-se-á assistindo a esses seres a partir do mundo em que estão inseridos, nas verdades, nas mentiras e nos mitos que se carrega. E é partir desse entrelaçar de experiência, vivências e percepções com transformação da realidade que se depara, é que vai se desenvolver a real necessidade de estar refletindo sobre o cuidar e, além disso, perceber como os profissionais de enfermagem cuidavam das crianças e adolescentes e como cuidam a partir de um novo olhar.

Ao compreender e entender o real significado da palavra complexidade e do que o ser complexo pode trazer como possibilidades de cuidar às crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, principalmente àquelas situações que normalmente caberiam em protocolos formais, é que se percebe o quanto de leituras ainda é necessário fazer e ter para se transformar e chegar próximo a um cuidado humanizado.

Estar diante de algo ou alguma coisa que remete a sentimentos e pensamentos como a raiva, a ira e a revolta, e que no mesmo instante faz refletir, compreender ou talvez entender que esse mesmo fato possa no entanto, fazer buscar a compreensão daquilo que está acontecendo, acredito ser algo que todos possam fazer, porém são poucos que o fazem. Compreender porque se violenta ou

se cometem atos que nem a ciência pode explicar, é estar e não estar presente junto e com o outro. Segundo Morin (2002, p. 7), “o pensamento complexo tenta religar o que o pensamento disciplinar e o compartimentado separou e parcelarizou”.

O pensamento complexo tenta agrupar as várias formas de olhar para um mesmo foco, é o lugar de cada um sendo refletido nas suas próprias ações, para uma transformação coletiva. “É o que tece em conjunto, que pratica o abraço, [...] que se prolonga na ética da solidariedade” (MORIN, 2002, p. 7).

Assim como a metodologia da problematização e os fundamentos teórico-metodológicos de Paulo Freire que buscam a essência do ser humano, suas vivências e sua forma de ver o mundo para de alguma forma transformar a realidade onde estão inseridos, o pensamento complexo vai também buscar essa essência, aquilo que, muitas vezes, não se identifica como resposta. Morin (2002, p. 9) define como “redescobrir o individual”, ou seja, perceber que os nossos atos quase sempre, são frutos da nossa própria existência.

Almeida (2002, p.15) retrata que essa nova forma de ver o mundo, “expressa a tentativa de construir entendimentos do mundo norteados pela razão aberta”. De identificar no todo, todas as suas partes separadamente, mas ao mesmo tempo, saber que elas são inseparáveis. Perceber que a violência não pode ter um conceito ou ser representada por uma única verdade, ela representa a forma de relação que a pessoa vê o mundo, como o mundo se mostra a ela, como ela interage com esse mundo e como se deixa interagir, ela ao mesmo tempo nos mostra muitas soluções e razões, mas ao mesmo tempo nos faz indagações constantemente. Morin (2002, p. 8) refere que a complexidade muitas vezes “é uma palavra vazia, que tapa buracos, [...] utilizada geralmente quando não conseguimos encontrar uma explicação e uma definição”.

Essa necessidade em reconhecer essa nova forma de olhar sobre esse pensar complexo e estar imerso dentro dessa perspectiva, é para ratificar algo que se quer que faça parte da essência, porém que ainda não está totalmente presente. Em vários momentos, se faz reflexões que, muitas vezes, estão convergindo daquilo que se acredita com as leituras que traz, porém em muitos momentos alguns conflitos vêm à tona e a prática se distancia da teoria. Muitas das atitudes por mais que o pensamento complexo alcance, estão distantes dos sentimentos. E para compreender como ocorre o cuidado dos profissionais de enfermagem para com estas crianças e adolescentes é que busco, na minha essência, essa dificuldade de

lidar com o novo, visto que significa simplesmente ver o ser humano no mundo como aquilo que ele próprio transformou, ou seja, ele é o reflexo das suas próprias ações.

Bonetti e Wiggers (1999, p. 486) ressaltam que não se trata de fazer uma apologia da violência, mas sim defender que a forma mais eficaz de compreender esse fenômeno plural, está em captar as singularidades nas quais se apresenta, o seu caráter específico nos diferentes contextos em que se inscreve, ressaltando as dinâmicas culturais em que essas manifestações surgem. E a partir disso saber um pouco mais sobre os múltiplos significados que o termo violência assume e quando e de que forma cabe intervir.

Estar diante desse novo faz compreender também porque as pessoas violentam, pois para eu “compreender” esse ato, preciso sair do meu lugar, do ponto onde estou visualizando a situação, para me colocar no lugar do outro e perceber que sua atitude é a forma de ele se ver no mundo. Essa forma de ver o mundo, não significa estar tentando encontrar justificativas para atos monstruosos, mas sim compreender o que acarreta todo esse processo de vitimização.

A violência inscreve-se em um duplo movimento de destruição e de construção, ou ainda, que ela é reveladora de uma desestruturação social relativamente manifesta, e que invoca uma nova construção.

Ao visualizar, no pensamento complexo a possibilidade de ver a violência doméstica sob vários ângulos, percebe-se que a pesquisa-ação complementa e contempla aquilo que a mesma propõe. Portanto, utilizá-las concomitantemente intensificam suas propriedades.

O espírito mesmo da pesquisa-ação consiste em uma *abordagem em espiral* que a todas utiliza. A abordagem em espiral supõe igualmente que, mesmo se as pessoas nunca se banharem duas vezes no mesmo rio, segundo a fórmula heraclitiana, ocorre olhar duas vezes o mesmo objeto sob ângulos diferentes (BARBIER, 2002, p. 117).

3.4 Pressupostos

A partir do referencial teórico escolhido para o desenvolvimento da presente proposta, os pressupostos do estudo foram apoiados nos escritos de Berbel (1999, p. 12), acreditando na razão e no significado dos mesmos:

- a educação problematizadora volta-se para servir de libertação do ser humano, pelo conhecimento, pela ampliação da consciência;

- a educação deve voltar-se para a transformação da realidade, mas o homem só transforma a sua realidade quando ele próprio se transforma;
- a educação serve para que o homem se torne humanizado para poder atuar como homem no seu meio, na sua base;
- o pensamento complexo une, contratualiza, globaliza, mas ao mesmo tempo, reconhece o singular, o individual e o concreto.
- a solução de problemas implica a participação ativa e o diálogo constante entre os sujeitos;
- o educador deve ser vigilante, pois a vigilância do educador democrático é a de buscar a coerência entre o seu discurso e sua ação, entre a teoria e a prática;
- não basta que o assunto seja significativo para o sujeito enquanto indivíduo, mas é preciso que seja significativo para o planeta;
- a práxis humana é a unidade indissolúvel entre a minha ação e a minha reflexão sobre o mundo, é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, é uma atividade consciente e intencionalmente transformadora;
- os sujeitos só aprendem quando se envolvem profundamente com a situação;
- a produção e a utilização do conhecimento deveriam contribuir para a evolução do ser humano em todas as suas dimensões;
- o pensamento complexo busca distinguir (mas não separar) e ligar; e objetiva unir e ao mesmo tempo aceitar o desafio da incerteza;
- liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo: para conhecer, não se pode isolar uma palavra, uma informação, é necessário ligá-la a um contexto e mobilizar o saber, a cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma;
- os seres humanos são produtos e produtores no processo de vida; produz-se a sociedade que produz as pessoas, ou seja, os produtos e os efeitos são produtores e causadores do que os produz;
- o conhecimento deve certamente utilizar a abstração, mas procurando construir-se em referência a um contexto;
- o pensamento complexo não se reduz nem a ciência, nem a filosofia, mas permite a comunicação entre elas, servindo-lhes de ponte;

3.5 Conceitos

As pessoas, as coisas, os objetos, enfim tudo aquilo que se faz e está presente no mundo, no universo tem um significado, ou seja, representa algo. A idéia é o pensamento que se tem de algo e se entende como conceito.

Segundo Trentini e Paim (2004, p. 51),

conceitos são representações mentais de determinadas realidades mentais, porque não é a realidade em si mesma, mas uma imagem dela, ou seja, são abstrações da realidade, embora a realidade seja concreta, o conceito que a representa é sempre abstrato.

Para exprimir os alicerces que fazem parte desta pesquisa e nortearam os estudos, os contextualizo juntamente com Paulo Freire e demais autores que se seguem, para dar suporte as minhas e as ações dos sujeitos, estas estarão entrelaçadas e será o modo que as coisas farão sentido. Conceito é aquilo que se acredita ser a partir de um olhar, embasado em dados empíricos e teóricos. Não existir alguns conceitos que independem do lugar e do olhar em que se está ou se tem. Diferente da violência e dos demais conceitos que estão aqui presentes, o significado vai surgir e existir a partir das experiências e vivências deste na sociedade, de como o cuidador se vê e percebe no mundo. Para tanto, apresento os conceitos que considero fundamentais para a efetivação deste estudo, os quais foram fundamentados nas idéias de Paulo Freire.

Ser humano: segundo Souza (1995, p.23) “na concepção Freiriana, o ser humano possui a vocação ontológica para ser sujeito e não objeto”, é sujeito porque é o principal responsável pelas mudanças e transformações a partir de seu conhecimento; deve reconhecer seu papel na sociedade, pois “é capaz de transformar a realidade que o cerca”; é um ser de relações e percebe que suas ações comprometem a si e as pessoas que estão na mesma caminhada, pois “está no mundo e com o mundo, é capaz de relacionar-se, de sair, de projetar-se nos outros”; “é um ser inconcluso, histórico e como tal contextualizado”, pois compreende que a inconclusão faz renascer novas possibilidades a cada momento de vida e que esta é o base para novos desafios; “é um ser de integração e não de acomodação” pois escreve e vive a sua história a partir de suas vivências e do contexto de vida. Neste estudo é considerado todo o ser que acredita que sua presença dentro deste contexto de possibilidades possa de alguma forma

transformar e modificar sua relação com e no mundo a fim de alcançar resultados significativos no modo de enfrentar suas dificuldades, e acima de tudo compreende que para promover este resultado, deva assumir seu papel diante da sociedade e principalmente junto dela criar subsídios a favor destas transformações.

Enfermeira: a enfermeira é um ser humano que cuida com base nos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, portanto, em seu cuidado está agregado suas crenças, valores e cultura, sendo um ser dotado de sensibilidade e coragem. “É mediadora do processo educativo, interage consigo mesma, com as crianças, famílias e outros profissionais, buscando o melhor para ambos, é um agente em transformação” (WAYHS, 2002, p. 44). Deve se reconhecer como essencial na sociedade por possuir subsídios primordiais para um cuidado humanizado de qualidade.

Violência: é algo que rompe com a beleza do processo de viver, que contraria a essência das relações, permeadas por amor, respeito e ternura; que escurece a vida de muitas crianças e adolescentes e desafia o “ser humano” a ser capaz.

É quando numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 2001, p. 10).

Representa o desafio dos seres humanos envolvidos neste processo, daqueles que a percebem como uma dificuldade que assombra as relações e daqueles que compreendem esta como motivadora para encontrar novas possibilidades de cuidado. Acredito estar inerente a cultura, pois nossas ações estão relacionadas às nossas vivências e experiência adquiridas na sociedade, a cultura é o conjunto de conhecimentos adquiridos em um ambiente, ou seja, a violência será o resultado dessas experiências e vivências se não houver uma conscientização e transformação destes sujeitos pela sociedade.

Crianças e adolescentes: São crianças até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL,1990, p.5). Neste estudo são todas as crianças e adolescentes da sociedade, mais especificamente aquelas que mantemos alguma relação, seja direta ou indireta, que estão em situação de risco ou que sofreram algum tipo de violência que tenha sido identificada. Sendo que essas crianças e adolescentes vítimas de algum tipo de

violência, além de fazerem parte deste processo, serão produtos da desestruturação familiar e trarão consigo marcas desta violência, pois o processo produz o produto a partir do produto que produz o processo. Pois, acredito que se não for rompido o processo de circularidade, eles serão os agressores em um futuro muito próximo. Portanto, devem ter a capacidade de ser resilientes, ou seja, ter a capacidade de não só resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social (ANTUNES, 2004, p. 13).

Família: é uma unidade dinâmica, com uma identidade que lhe é peculiar, constituída por seres humanos unidos por laços de sangue, de interesse e/ou afetividade, que se percebem como família, convivendo por um espaço de tempo construindo uma história de vida. A família está inserida em um determinado contexto físico, sócio-cultural e político, influenciando e sendo por ele influenciado (ELSEN et al, 2001, p. 93). Segundo Elsen e Althoff (2004, p. 23), as famílias são construções sociais presentes em todos os lugares do nosso planeta, constituídas por diferentes formas e várias dimensões.

Processo educativo: é o modo pelo qual permite que o ser humano, através de interações, transforme-se e promova mudanças na realidade em que vive, sendo um dos principais caminhos a fornecer subsídios para enfrentar as situações problemáticas vivenciadas cotidianamente. Ele é o meio da transformação, um compartilhar de conhecimentos em que ninguém sabe mais do que ninguém, estes são apenas diferentes. Freire (1996, p. 120) refere que “o processo educativo não se dá por meio da transferência de conhecimentos, mas através da criação de possibilidades para sua construção”. Segundo Souza (1995, p.23) “ele contribui para a humanização dos homens, pois deve ser um ato coletivo, um ato de amor, é uma tarefa de troca entre as pessoas”. Está presente em todas as etapas das oficinas e sua eficácia é percebida nos resultados esperados. Ele necessita que haja comunicação, pois é uma das necessidades sociais que embebem o cotidiano das pessoas, ela é imprescindível, pois como prática educativa problematizadora, traz o problema oriundo da realidade. Necessita de conscientização “capacidade de se perceber oprimido ou opressor, mas principalmente é vista como uma exigência humana, uma busca, como geradora de revolta, de não conformidade, de ação e reflexão, buscando a transformação da realidade (FREIRE, 1996, p. 89)”. É o momento de reflexão do processo educativo/interativo/investigativo, no qual se pode intervir naquilo que precisa ser transformado, considerando os seres humanos como

sujeitos nesse processo, utilizando todas as possibilidades de ações viáveis, além de reconhecer as dificuldades que são inerentes à violência doméstica.

Transformação: resultado da ação/reflexão/ação dos homens sobre a realidade para a criação de um novo mundo, uma ação voltada para o ato de criar e recriar o mundo modificando a realidade. Segundo Souza (1995, p.25) “a transformação ocorre através da conscientização e instrumentalização”. Neste estudo as oficinas através do processo educativo serviram de mediadores para reflexões realizadas sobre a temática para ser o ponto de partida, com o intuito de promover a construção de subsídios àqueles que estavam dispostos a se transformarem.

Enfermagem: é um processo de ação e reflexão permanente, concretizado em práticas variadas nas quais ora um ora outro pólo desta relação torna-se dominante, mas afirmando sempre a presença da bipolaridade. Não só procura o equilíbrio entre a ação e a reflexão, mas já busca incorporar outros pólos como transformação, superando a bipolaridade e investindo na multipolaridade (SAUPE et al, 1998, p. 30). É uma profissão capaz de modificar e transformar o social através de ações que promovam um pleno desenvolvimento e crescimento, além de possibilitar ao ser humano a descobrir-se como sujeito da sua realidade.

Ambiente: é o que nos cerca, o que está ao nosso redor. Portanto, sua definição torna-se importante, porque é aquilo que vai contribuir para o crescimento e desenvolvimento de todo o ser humano, seja ele, a criança e o adolescente em situação de risco ou que foi vítima de violência doméstica ou o profissional que irá cuidar destes. O ambiente é onde a “personalidade é personificada”, e onde se adquire as habilidades, as fraquezas e a forma de enfrentar o mundo. Freire (1996, p. 130) refere que é no ambiente cultural, que o homem cria e recria sua realidade, dentro da sua própria visão e miscigenado por outras culturas, pois é um ser nas relações. É no ambiente, principalmente familiar e escolar, que muitas práticas de violência estão presentes e se perpetuam ao longo da história de vida das crianças e adolescentes. Porém, se no ambiente onde as mesmas estiverem crescendo e se desenvolvendo estiver presente principalmente o respeito, o carinho, o amor e a ternura provavelmente, se terá crianças menos violentas e promovedoras da paz.

Pensamento Complexo: a palavra complexa deve ser entendida em seu sentido literal: *complexus*, aquilo que tece em conjunto. O pensamento complexo é, pois, essencialmente, o pensamento que trata com a incerteza e que é capaz de

conceber a organização. É o pensamento apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhecer o singular, o individual, o concreto. O pensamento complexo não se reduz nem a ciência, nem a filosofia, mas permite sua comunicação, como um tear que trabalha para unir os fios. “Só podemos entrar na problemática da complexidade se entrar na da simplicidade, porque a simplicidade não é assim tão simples como parece” (MORIN, 2003, p. 18).

Cuidado: é a capacidade que o ser humano tem em reconhecer no outro suas necessidades e fragilidades, perceber juntamente com este se são fatores que justifiquem uma intervenção e lado a lado promover ações que modifiquem e transformem esta realidade. O cuidado é a chave fundamental desta pesquisa, pois ao ser discutido, concretiza possibilidades tanto para as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e seus familiares, como para os profissionais que buscam e acreditam que através deste cuidado possam minimizar suas próprias angústias e fantasmas. Através do cuidado com o próximo é que construímos sentimentos importantes e que servem de adubo para as nossas vidas, como o amor, a esperança, o respeito, a ternura. E possibilita que a realidade vivenciada por muitas crianças e adolescentes possa mudar de direção.

Quando se traz um referencial teórico/metodológico, pressupostos e conceitos para a pesquisa é para sentir, de alguma forma, apoiada sobre algo que se acredita e que deva fazer parte desta caminhada. Como já foi dito anteriormente, o referencial problematizador de Paulo Freire está presente para auxiliar na composição de um cuidado transformador, em que o cuidador e o sujeito a ser cuidado possam, de todas as formas, participar ativamente da transformação a ser proposta por eles mesmos. Os pressupostos apresentados serviram para que se pudesse, inicialmente, ter uma idéia de como olhar de outra forma as questões percebidas ao longo das discussões, fazendo com que alguns questionamentos pudessem ajudar na construção de novas possibilidades de cuidado. E os conceitos são para dar conta dos pensamentos que se tem sobre o mundo e as coisas que nele se constitui. Acredito que o entrelaçamento entre Paulo Freire, a metodologia da problematização e o pensamento complexo foram imprescindíveis para a construção do que seria a base desta pesquisa, e suas inter-relações que subsidiaram esta caminhada.

4 O CAMINHO METODOLÓGICO

*METODOLOGIA é o modo de agir,
o caminho escolhido para o desenvolvimento da
intervenção, é o conteúdo processual para a
definição dos passos para dirigir a ação, é a
instrumentalização da ação.
É o núcleo para abordagem do fenômeno
sobre o qual se quer agir.
(Leopardi, 1999)*

Este tópico trata de como ocorreu esta caminhada metodológica, possibilitando ao leitor, compreender o caminho que foi percorrido, ou seja, a direção que este estudo seguiu para alcançar seu objetivo. Minayo (1994, p. 21), afirma que, “o caminho é o instrumental próprio da abordagem da realidade, entendido como a metodologia”. A mesma autora enriquece sua concepção de metodologia ao completar que esta é “a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência”. A metodologia composta traz o que serve para dar vida às dimensões que deseja e faz florescer aquilo que ao longo das etapas foi cultivado.

Neste estudo, o caminho percorrido foi para analisar a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes percebida pelos profissionais de enfermagem da Unidade de Internação Pediátrica à luz do referencial problematizador de Paulo Freire e do pensamento complexo. Segundo Elsen e Althoff (2004, p. 23) “a pesquisa proporciona nova maneira de olhar para as coisas que vivenciamos ou que estão ao nosso redor, por meio de procedimentos sistemáticos”.

Acredito que esta etapa, quando possui um rumo com delimitações precisas e coerentes, esclarece e fornece subsídios para que o leitor possa compreender e visualizar nos resultados a convergência entre a proposta e os resultados esperados, tornando mais explícitas as idéias do pesquisador.

Caminho, segundo Aurélio (1993, p. 95), “é um espaço percorrido ou por percorrer”, neste sentido, propõem-se ao leitor acompanhar a direção que foi tomada para, juntamente com os profissionais de enfermagem, encontrar respostas e ter confirmações para questões relacionadas à problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes.

4.1 Tipo de estudo

Neste estudo, delinieei a realização de uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa, no sentido de buscar em torno da violência doméstica contra crianças e adolescentes, suas particularidades, principalmente, as sociais encontradas nas minhas e nas falas dos sujeitos, os atributos que permitem identificar sua verdadeira face e distinção dos demais tipos de violências ou situações complexas bem como as condições que determinam ou pressupõem sua natureza, ou seja, ter uma compreensão mais ampla da realidade estudada e perceber sua complexidade. Segundo Chizzotti (1991, p.106),

a análise qualitativa de uma pesquisa fundamenta-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta.

De acordo com o objetivo proposto, percebi que a pesquisa-ação com abordagem qualitativa dava conta da singularidade e ao mesmo tempo da complexidade que a temática se propunha. Dessa forma, encontrei nesta modalidade de pesquisa, evidências claras e compreensivas na sua utilização, já que, para abordar a problemática, acredita-se que necessitaria, primeiramente, discutir sobre a mesma, juntamente com os sujeitos, encontrando respostas ou alternativas através das análises obtidas nas discussões, o que inegavelmente esse tipo de pesquisa promove.

4.1.1 Pesquisa-ação

Segundo Barbier (2002, p. 17), pesquisa-ação é uma nova metodologia ou abordagem das ciências sociais, “trata-se de pesquisas nas quais há uma ação deliberada de transformação da realidade; pesquisas que possuem um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações”.

Esse mesmo autor traz algumas características dessa pesquisa e do pesquisador, primordiais para sua compreensão e definição:

- *A pesquisa obriga o pesquisador implicar-se*, ou seja, ao implicar-se a pesquisa promove e permite que o pesquisador “traga como consequência” algo a partir de sua atuação.
- *O pesquisador percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros*, ou seja, a partir da sua realidade, dos sujeitos participantes e da estrutura que a problemática está inserida é que vão ser construídas ações para modificar a realidade.
- *Também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular* no mundo, fazendo com que os sujeitos sejam participantes ativos e os responsáveis pela sua própria transformação.
- *A pesquisa não exclui os sujeitos-atores da pesquisa*, pois seu resultado está no conhecimento por eles produzidos e construídos.
- *A pesquisa não se trabalha sobre os outros*, mas e sempre com os outros, pois o objetivo de estar lado a lado com os sujeitos é propiciar que os conhecimentos produzidos e adquiridos por eles sejam utilizados para seu próprio benefício.
- *A pesquisa conduz a uma nova postura e a uma nova inscrição do pesquisador na sociedade*, pelo reconhecimento de uma competência em busca de técnicos do social, ou seja, ela permite que os sujeitos envolvidos sejam os mais favorecidos e não apenas o pesquisador e promove uma atualização de questões que permeiam sua prática.
- *A pesquisa tem uma abordagem multirreferencial dos acontecimentos*, das situações e das práticas individuais e sociais. Nesse sentido, ela converge para um pensamento complexo, pois sensibiliza os sujeitos e reúne diversos conhecimentos e vivências.
- *A pesquisa é eminentemente pedagógica e política*: pedagógica, pois permite que o sujeito seja o responsável pelo conhecimento adquirido a partir de sua própria necessidade e interesse e; política pois trata dos fenômenos e práticas referentes de uma sociedade, nesse caso, a violência doméstica contra crianças e adolescentes presente nas unidades de internação pediátrica.
- *A pesquisa serve à educação do homem cidadão* preocupado em organizar a existência coletiva da cidade. Nesse sentido, ela é macro,

pois trata de questões vivenciadas pela sociedade e pelos sujeitos que, de alguma forma, não estão em consonância com a realidade desejada.

- *A pesquisa compreende que as ciências humanas são, essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objetivo de pesquisa.*
- *O pesquisador percebe que sua própria vida social e afetiva está presente na sua pesquisa sociológica e, que o imprevisto está no coração da sua prática, ou seja, o pesquisador deve conceber que existem várias formas de olhar, devendo-se proporcionar outros ângulos a partir de vivência.*
- *O pesquisador deve ser mais que um especialista: por meio da abertura concreta sobre a vida social, política, afetiva, imaginária e espiritual, ela faz um convite para que ele seja verdadeiramente, e talvez, tão simplesmente, um ser humano.*
- *O pesquisador desempenha seu papel profissional em uma dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte.*
- *No decorrer de sua prática, o pesquisador adquire uma competência múltipla, sendo, às vezes, sociólogo, ou psicossociólogo, ou filósofo, ou psicólogo, ou historiador, ou economista, ou inventor, ou militante, entre outros, e certamente enfermeira. OK*
- *O pesquisador é um sujeito autônomo, um autor de sua prática e de seu discurso (Barbier, 2002, p. 17).*

A pesquisa-ação utilizada é a do tipo ação-pesquisa que representa

pesquisas utilizadas e concebidas como meio de favorecer mudanças intencionais decididas pelo pesquisador e a mudança resulta de uma atividade de pesquisa na qual os atores se debruçam sobre eles mesmos. A ação parece prioritária nesse tipo de pesquisa, mas as consequências da ação permitem aos pesquisadores explorá-las com fins de pesquisa mais acadêmica (BARBIER, 2002, p. 42).

Barbier (2002, p. 27) chama de “autóctones”, os que serão chamados de sujeitos da pesquisa. Entende-se por essa expressão que, para construir algo socialmente, deva-se “recrutar” os seres que estão intimamente ligados à determinada problemática. Neste caso, os profissionais de enfermagem da unidade

de internação pediátrica por estarem em consonância com a temática escolhida por mim. “Fazer com que as pessoas participem na sua própria mudança de atitude ou de comportamento num sistema interativo” (BARBIER, 2002, p. 36).

Este tipo de pesquisa assemelha-se muito às idéias de Paulo Freire e à pedagogia libertadora quando Barbier (2002, p. 57) define que

a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa realizada pelos técnicos a partir de sua própria prática, é uma pesquisa-ação libertadora e crítica. Ela é libertadora, já que o grupo de técnicos se responsabiliza pela sua própria emancipação, auto-organizando-se contra hábitos irracionais e burocráticos de coerção.

Também traz na sua essência a complexidade quando refere que “na pesquisa-ação, trata-se, por excelência, de reconhecer o pleno emprego das forças subjetivas [...] estar o mais possível dentro dos efeitos de emergência e de auto-organização da complexidade do mundo” (BARBIER, 2002, p. 86).

Julga-se que este tipo de pesquisa, na qual os resultados emergem a partir do compartilhamento e das vivências entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, contempla realmente aquilo que anseio para a minha prática assistencial e vida profissional. E ratifica-se ser relevante e extremamente conveniente para outros profissionais que aspiram e estão determinados a transformar sua realidade a partir dos sujeitos que nela atuam. A pesquisa-ação é o espírito da multirreferencialidade (BARBIER, 2002, p. 117).

4.2 Contexto da pesquisa

Para a implementação desta pesquisa, foi escolhida uma Unidade de Internação Pediátrica de um Hospital-Escola geral situado na região Sul do Brasil (Florianópolis, Santa Catarina). Nesta unidade, assiste-se crianças e adolescentes de 0 a 14 anos integralmente, bem como toda a instituição é pública, objetiva o ensino, a pesquisa, a assistência e a extensão.

Nela são internadas diariamente, crianças e adolescentes para confirmação de diagnóstico, intercorrências e tratamento de diversas patologias, não havendo especialidades específicas no atendimento. As crianças e adolescentes são provenientes da Capital e da grande Florianópolis, sendo que alguns casos são do interior do Estado de Santa Catarina. Quando internadas, são acompanhadas por

uma pessoa da família ou responsável em período integral, possibilitando ao acompanhante permanecer no setor durante todo o período da internação. Esse acompanhante recebe alimentação três vezes por dia e além de cuidador, possui o papel de desempenhar atividades recreativas com seus filhos, bem como o atendimento básico das necessidades de higiene e conforto da criança.

A Unidade de Internação Pediátrica possui 30 leitos, com 28 ativados, sendo 9 leitos de lactentes, 12 leitos de pré-escolar, 3 leitos escolares distribuídos em 2 quartos e 3 leitos de isolamento que comporta tanto pré-escolar quanto escolar, e três leitos para a observação vinculada à emergência pediátrica.

A escolha desse local deve-se ao fato de que, além da familiaridade, por ser um espaço no qual atuo profissionalmente, é um local que me coloca, quase todo dia, em contato com uma população que chega, muitas vezes, antes de o sol nascer para ver os seus direitos e de seus filhos consolidados e, que, às vezes, traz consigo inúmeras problemáticas, dentre elas a da violência doméstica. Acredita-se que nesse local as questões relacionadas ao cuidado das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica sejam compartilhados para que se promova um cuidado almejado a essa clientela.

Em média, há quarenta e dois funcionários de Enfermagem. Há uma equipe multiprofissional que presta o cuidado à criança e adolescente e sua família, sendo cinco médicos, uma psicóloga, uma assistente social e uma nutricionista. A maioria dos profissionais possui idade entre vinte e cinco e quarenta anos.

Desde o momento que se iniciou a articulação para propor esta pesquisa até o seu término, busquei não me desvincular da equipe, sendo também um sujeito desta transformação, não me considerando apenas uma pesquisadora. Além disso, trouxe como proposta a compreensão de que fazia parte do processo e, como profissional da unidade e de enfermagem, buscava também subsídios para novas possibilidades de cuidados.

Acredita-se que a pesquisa nesta instituição, oportunizou somar experiências e atuar em ações propostas que possibilitaram promover novas possibilidades de cuidados a esta clientela e contribuiu para a construção de um cuidado desejado na enfermagem.

4.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos envolvidos no processo de sensibilização no qual se constituem os resultados foram os profissionais de enfermagem atuantes na unidade de internação pediátrica que assistem às crianças e adolescentes. Dessa forma, participaram deste estudo 11 sujeitos, englobando, 4 enfermeiras, 5 técnicas e 2 auxiliares de enfermagem. Para a participação, foi oportunizado o convite a todos profissionais de enfermagem que se interessaram na proposta.

A opção pelos profissionais de enfermagem como sujeitos deste estudo ocorreu, principalmente, por perceber suas dificuldades ao assistirem essa clientela e promover um cuidado ansiado a sua família. Também, pela necessidade de, conjuntamente, desconstruir e construir novos conceitos sobre a problemática da violência doméstica com estes profissionais; por acreditar que a Enfermagem é uma das profissões da área da saúde que assiste diretamente essa clientela, além de que, através das suas intervenções, pode modificar e transformar a realidade dessas crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica em algum grau. E, principalmente, por julgá-los imprescindíveis nesse processo de transformação da realidade encontrada pelos próprios sujeitos.

A pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva (BARBIER, 2002, p. 54).

4.4 Material do estudo

O material utilizado e analisado consta da descrição dos cinco encontros de borboletas que foram gravados em fita K7 e transcritos na íntegra. Os dados obtidos estão amparados na questão ética vigente que comporta todo este trabalho, principalmente sobre o sigilo pré-estabelecido e acordado, seguindo também das imagens obtidas com prévio consentimento das participantes e as anotações no diário de campo. A análise dos registros seguiu a análise temática de Minayo (1994, p. 96).

4.4.1 A coleta dos dados

Os dados coletados nesta pesquisa-ação originaram-se de encontros coletivos ocorridos sob a forma de oficinas que segundo Nitschke (1999, p. 79)

pode ser compreendida como um processo de interação entre um grupo de pessoas, onde todos trocam experiências, sendo mestre-aprendizes, e que, elas permitem a integração, a conjunção, de estratégias sensíveis no processo de pesquisar, possibilitando que o pesquisador se coloque como participante.

Observa-se que, através das oficinas, a troca de experiências foi imprescindível e enriquecedora, trazendo resultados imediatos, sendo que muitos foram inesperados, principalmente pela sensibilização adotada.

Nessas oficinas, o objetivo foi o de compartilhar o conhecimento que os profissionais de enfermagem têm acerca da problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes e seu modo de cuidar dessa clientela, através do arco da problematização de Charles Maguerez descrito por Bordenave e Pereira (1986, p. 25) e dos fundamentos teóricos e metodológicos de Paulo Freire e sua pedagogia problematizadora.

Através dessa metodologia, propõe-se e justifica-se a importância desta investigação, “associando as questões teóricas referentes aos conceitos de verificar e avaliar os relatos dos profissionais de enfermagem sobre suas práticas, e experimentando-a como caminho da pesquisa na Iniciação Científica (BERBEL, 1999, p. 7)”.

Berbel (1999, p. 3) refere que

o esquema construído por Maguerez, o Método do Arco da problematização, é um caminho metodológico capaz de orientar a prática pedagógica de um educador preocupado com o desenvolvimento de seus alunos e com sua autonomia intelectual, visando o pensamento crítico e criativo e também a preparação para uma atuação política. Com este esquema é possível trabalhar por uma educação que gradativamente prepara o ser humano para ser cidadão e para se humanizar [...], o arco tem como ponto de partida a realidade vivida, aquela parcela da realidade onde o tema que está sendo ou será trabalhado está acontecendo na vida real.

Então o ponto de partida dos estudos é a realidade e o Arco prossegue, passando pelo estudo e voltando para essa mesma realidade que sofrerá ação de mudança. Nesse, foi ser discutido sobre o que é violência, crianças vítimas de violência doméstica, seus tipos, que cuidados estão sendo realizados em relação ao atendimento, como identificam o papel da enfermagem nesse atendimento, a partir de que momentos podem interferir, que intervenção seria esta e até onde deve ir essa interferência, como fazer quando a violência é levantada pelo profissional, porém não é reconhecido pela família como um problema, dentre outras. Acredita-se que os participantes deste estudo possuam muitos conhecimentos em relação ao referido assunto, porém não se coloca em prática, muitas vezes, por falta de oportunidade ou por não saber por onde começar.

Os encontros do processo educativo-iterativo ocorreram com o grupo que se interessou pela pesquisa, a qual foi desenvolvida conforme acordo com a equipe com duração de, no máximo, uma hora e meia cada encontro (cinco encontros no total) no mês de outubro, todas as quartas-feiras às 19h 30m (4, 11, 18, 25 e 31) na sala de aula da pediatria do hospital escolhido. Os materiais utilizados foram data show, slides, sucatas, canetas, cartolinas, fita adesiva, revistas, cola entre outros. Foram utilizadas técnicas e dinâmicas de grupo selecionadas para os encontros de acordo com a intenção pedagógica que se pretendia desenvolver em cada etapa/encontro.

4.5 Análise temática dos dados

A noção de tema está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. “Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, uma frase, um resumo” (MINAYO, 1996, p. 208).

A técnica escolhida para analisar os dados foi a da análise temática de Minayo (1996, p. 209). Para a autora,

fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou freqüência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado, ou seja, a tradicionalmente, a análise temática se encaminha para a contagem de freqüência das unidades de significação como definitórias do caráter do discurso. Ou, ao contrário, qualitativamente a presença de determinados temas denota os

valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso.

A análise temática desdobra-se em três etapas e procedimentos analíticos dos dados coletados:

1. A *pré-análise*: consistiu na elaboração de indicadores que orientaram a interpretação inicial dos dados obtidos pelo desenvolvimento da prática educativa/interativa/investigativa. Pode ser decomposta nas seguintes tarefas:

- a) *Leitura flutuante do conjunto das comunicações*: consistiu em tomar contato exaustivo com o material deixando-se impregnar pelo seu conteúdo.
- b) *Constituição do Corpus*: organização do material de tal forma que pudesse responder a algumas normas de validade: exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência.
- c) *Formulação de hipóteses e objetivos*: foi representada pelos pressupostos contribuídos junto ao Referencial Teórico, porém esses pressupostos iniciais foram de tal forma flexíveis que permitiram hipóteses emergentes a partir de procedimento exploratórios.

Minayo (1996, p. 111) ainda comenta que, nesta fase pré-analítica, determinam-se a unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientaram a análise.

2. *Exploração do material*: consistiu essencialmente na operação de codificação e realizou-se na transformação dos dados brutos, visando alcançar o núcleo de compreensão do texto. Em primeiro lugar, foi feito recorte do texto em unidades de registro que podem ser uma palavra, uma frase, um tema, um personagem, um acontecimento tal como foi estabelecido na pré-análise. Em segundo lugar, escolheu-se as regras de contagem, uma vez que tradicionalmente ela constrói índices que permitem alguma forma de quantificação e, em terceiro lugar, realizou-se a classificação e a agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas que comandaram a especificação dos temas. As categorias analisadas foram: a família, o profissional, a violência e novas possibilidades de educar-cuidar.

3. *Tratamento dos resultados obtidos e interpretação*: os resultados foram organizados em categorias e subcategorias colocando em relevo as informações obtidas. A partir daí realizou-se inferências e interpretações previstas no quadro teórico e em torno de dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material, apresentadas no capítulo 5.

4.6 Aspectos éticos

Ao decidir compartilhar experiências de cuidado com os profissionais de enfermagem com qual atuo, compreendi que o aspecto ético seria o precursor das ações durante todo o processo de transformação da realidade, tanto na coleta quanto na análise dos dados, por estes fazerem parte do cotidiano de trabalho e sentirem-se incomodados, intimidados ou acanhados em expor seus sentimentos por ela fazer parte do mesmo contexto. Além disso, acredita que a ética está relacionada ao modo de ser do homem, preocupando-se com os fundamentos que regulam as relações do ser consigo mesmo e com os outros no mundo em que vive. Segundo Cruz (2005, p. 26), as exigências éticas a serem adotadas em todas as pesquisas são de interesse da Enfermagem, porquanto as enfermeiras realizam investigação, essencialmente, com seres humanos.

Para desenvolver tais instrumentos para coleta de dados, foi respeitado o preceito ético do anonimato, privacidade e acima de tudo respeito dos sujeitos, expondo inicialmente à equipe dados informativos sobre o projeto, conforme o preconizado pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS n.º 196/96), parecer número 283/006 do Comitê de ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Nos encontros, os participantes elegeram o pseudônimo de borboletas, cada qual com uma espécie diferente. A escolha pela borboleta é uma analogia com o ser humano

e se deve pelo fato de se acreditar que muitas pessoas estão, muitas vezes, presas a um casulo, sendo que, em alguns momentos da vida, precisam desconstruir conceitos para construir novas formas de olhar e estarem presentes no mundo, faltando algo para que possam se transformar em borboleta. As oficinas tiveram registros através do gravador, máquina fotográfica, material utilizado produzido pelos sujeitos da prática e por um diário de campo com anotações realizadas por mim, após o término dos encontros, todos consentidos pelos participantes.

As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais: autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

5 QUANDO OS ENCONTROS VALEM MAIS QUE PALAVRAS: descrevendo os encontros de borboletas à luz da metodologia da problematização e do pensamento complexo

*Aprender a apanhar o infinito.
(Jacques Lacarrière)*

Neste capítulo, será descrita a pesquisa-ação em ação, ou seja, como foram organizados e constituídos os encontros de borboletas, constituindo num primeiro momento de relato e discussão dos dados encontrados. As descrições que se seguem constituem os passos realizados durante o processo educativo-iterativo e análise destes. A intenção de desvelar todos os encontros foi pela importância e significado imensurável que sua concepção e realização tiveram para a mim, e por acreditar que este possa ser de grande valia e importância a outros profissionais que buscam, em processos educativos, uma forma integral de atingir os objetivos almejados, principalmente, aqueles relacionados com a transformação da própria realidade. Por isso, sua disponibilidade será essencial para outros profissionais que desejam desenvolver técnicas coerentes e compatíveis com a temática abordada. A discussão e análise dos resultados estão apresentadas no capítulo seguinte.

Em relação ao que eu mais gostei no encontro foi o próprio encontro em si, a gente criou um grupo muito gostoso de discussão, a gente criou este espaço e que tu propiciasse isso; eu acho que foi a tua condução o carinho com que tu preparaste cada dia a gente se sentia acolhido [...] (Calycopis).

Descrever como foi esse processo de construção e detalhar aspectos que foram imprescindíveis para o desenrolar deste estudo, fez refletir sobre como esses encontros propiciaram os resultados apresentados e, principalmente, como proporcionaram que os sujeitos pudessem ter consciência de suas mudanças e transformações. Porém, antes de expor o modo como foram realizadas as oficinas, faz-se necessário, neste momento, ressaltar o que foi essencial para o seu desenvolvimento e que, de todas as formas, propiciaram, aos sujeitos, concluir que o conjunto da essência, vivência e conhecimento fez alcançar os objetivos.

Eu curti cada encontro, a cada encontro a gente se encontrou de verdade a gente trocou, não existiu um ponto assim alguma coisa muito nova, porque, as coisas estavam na frente da gente e elas foram desveladas, foi mostrada o que a gente já via de uma forma quase invisível (Calycopis)

Eu acho que o meu olhar mudou como de todo mundo, por causa de todo esse conhecimento que tá todo mundo trazendo. E uma coisa que eu lembrei também, não só essa questão trabalhada com a família, em mim despertou e fiquei um pouco mais atenta à questão de identificar situações, que às vezes a criança tá lá na unidade, não chegou com nenhuma suspeita, e não foi levantado. Tá me ajudando a ficar um pouco mais atenta a alguns sinais que podem estar aparecendo e que de repente poderia estar passando despercebido e não se voltava muito para aquilo ali, então acho também que vai ajudar muito nesse outro lado (Biblis).

Incorporou-se o pensamento complexo, a metodologia problematizadora com o arco de Maguerez e os fundamentos teórico-metodológicos de Paulo Freire, acreditando-se no seu potencial transformador e na sua capacidade de valorização do próximo, entendendo que todos fazem parte desse processo, pois é da sua realidade que se fala. Forma eles que permearam e estabeleceram a dimensão que esses encontros alcançaram.

A metodologia também foi bem feliz, porque tu tendo os teus conhecimentos, tu conseguiste que todo mundo colocasse o que sentia, e tu também colocasse, tu mostrou o teu conhecimento, isso daí ajuda a gente a trabalhar melhor o assunto (Phoebis).

Sua sutileza e simplicidade revelaram que o ser humano é o detentor e único responsável por sua participação efetiva na sociedade, proporcionando condições para o seu crescimento e desenvolvimento. Neste sentido, enfatiza-se que não foi somente o desenvolvimento dessas oficinas que foram permeadas pelos referenciais, o que será explicitado no próximo capítulo, mas também sua construção e todo o processo educativo-interativo apoiaram-se em Paulo Freire, na metodologia problematizadora e no pensamento complexo.

[...] como eu já falei, a metodologia que tu utilizou, tu fosse muito feliz, eu adorei, uma que a gente já conhecia um pouquinho, o Paulo freire, o método dele, ele favorece se tu tem o arco, e quer trabalhar, acho que em qualquer situação que tu queira aplicar ele é muito fácil de trabalhar, claro que tu tem que ter um preparo e dominar um pouquinho. Mas eu acho que foi muito bom e eu me senti bem à vontade também para colocar (Tmolus).

Quando se decidiu discutir e refletir com os profissionais de enfermagem sobre a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes, indaguei-me sobre a forma mais apropriada e adequada para fazê-lo, por isso decidi-me optar pela oficina. Jeolas (2003, p. 612) refere que o que define uma oficina

é sua proposta de aprendizagem compartilhada, por meio de atividade grupal, face a face, com o objetivo de construir coletivamente o

conhecimento. Os coordenadores apenas facilitam o debate, partindo sempre de dúvidas, opiniões e valores, dos próprios participantes.

A oficina tinha como premissa, de que uma relação de confiança iria acontecer se houvesse uma aproximação mais intensa entre os participantes, o que talvez um questionário ou entrevista não proporcionasse. Também deveria ser um momento de troca e reflexão, no qual todos pudessem, a partir de suas dificuldades e fragilidades, se perceberem também nesse processo como peça fundamental e que, de muitas formas, se transformassem. Além disso, que dos momentos de discussão entre eu e os sujeitos da pesquisa, emergisse algo que permitisse a construção como consequência do encontro.

Eu acho que as dinâmicas facilitaram bastante, por quê também tem a questão da metodologia, que quem trabalha com Freire já tem automaticamente, já tem que usar estas dinâmicas, e tu conseguistes utilizar com uma grande maestria, foi muito bem conduzido, conseguisse fazer todo mundo falar, todo mundo falou o que é bom porque às vezes as pessoas ficam tímidas ou com vergonha e aqui ninguém estava com medo de se expor a gente percebeu isto (Calycopis).

Acredita-se que a escolha da oficina como modelo favoreceu para o sucesso dos encontros de borboletas, e como estratégia de interação foram, a todo o momento, permeadas pelos ensinamentos de Paulo Freire e pelo pensamento complexo. Segundo Barbier (2002, p. 54), “a pesquisa-ação também favorece a utilização da oficina, pois esta refere que *os instrumentos da pesquisa devem ser mais interativos e implicativos*”.

Foi uma opção que trouxe muita alegria e satisfação, pois, ao mesmo tempo em que estava buscando alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, sentiu-se que em todos os encontros houve uma aproximação entre as profissionais, situação que cotidianamente se torna quase impossível pelo trabalho realizado. Em cada encontro foi programado que se iniciasse a discussão por uma dinâmica de grupo que estivesse relacionada ao tema.

Eu concordo que eu acho que tu usasses técnicas que favoreceram a participação de todas as pessoas, todo mundo pode falar e colocar, de maneira tranquila (Biblis).

Todos os encontros foram realizados na sala de aula da Unidade de Internação Pediátrica do hospital escolhido, cuja escolha deveu-se pelo fato de que quanto mais próximo do local de trabalho dos sujeitos, maior participação haveria e

a sala de aula localizada ao lado da unidade proporcionaria menor deslocamento. Posteriormente, por ser um lugar que disponibiliza recursos audiovisuais, possibilitando mais recursos para o desenvolver da pesquisa, proporcionando aos sujeitos um número maior de materiais sobre a temática. E por último, por tratar-se de um local da própria instituição onde trabalho e da própria universidade onde esta pesquisa foi realizada. Percebe-se que foi importante a realização nesse lugar, pois como é um local familiar, ou seja, onde quase todas as atividades assistenciais e educativas são desenvolvidas, houve uma adaptação mais rápida e intensa.

No total, foram cinco encontros de borboletas, em que se aplicou ao arco de Maguerez, proporcionando um processo interativo e problematizador. As oficinas contaram na sua totalidade com 11 participantes, uma média de 7 por encontro, o que favoreceu o desenvolvimento das técnicas e das discussões que tinham por objetivo ter a fala de todos.

Eu adorei o jeito como tu recebesses a gente, a gente se sentiu acolhido, eu me senti acolhida, eu acho que até o grupo pequeno tu consegues trabalhar melhor, por que às vezes um grupo grande!!!! (Phoebis).

Inicialmente, a disposição dos sujeitos no local era de um círculo, que tem o intuito de despertar o respeito e a compreensão de opiniões vista de um mesmo nível em que todos, principalmente o facilitador que também é um participante, e, principalmente, que todos também se percebessem como participantes no processo educativo, cujo ensino-aprendizagem caminha lado a lado. Porém, devido às dinâmicas utilizadas, a necessidade de se visualizarem para se comunicarem melhor e também para que pudessem usufruir o material utilizado como data-show e TV/vídeo de maneira adequada, os participantes foram dispostos em meia lua, ratificando que isso não modificou o objetivo anterior e, principalmente, seu resultado foi o mesmo se fossem dispostos em círculo. Essa disposição permaneceu em todos os encontros.

“Para se tornar um ser de cuidado, um cuidador, o ser precisa, primeiro, ter experienciado o cuidado, ou seja, ter sido cuidado” (WALDOW, 2004, p. 22). Mesmo que seja mínimo, o cuidado desperta sentimentos de carinho, solidariedade e amor. E foi nesse sentido que alguns gestos de cuidado foram oferecidos aos sujeitos. O primeiro foi o cuidado com a alimentação: na entrada da sala de aula da pediatria, foram colocados uma garrafa com chá de erva-cidreira, refrigerante e biscoitos variados. Teve-se esse cuidado por saber que muitos daqueles profissionais eram

provenientes de outro serviço, da faculdade e da própria unidade pediátrica, não podendo, pela correria, alimentar-se, o que talvez deixassem os mesmos desconfortáveis e impacientes.

5.1 As técnicas como instrumentos de uma pré-reflexão

O acolhimento é muito importante, e ainda mais para falar do tema que é o inverso do acolhimento, né? (Calycopis).

O acolhimento foi outro cuidado realizado com a intenção de promover a auto-estima e o bem-estar. Na entrada, foi oferecido para cada pessoa que entrasse bombons com mensagens de reflexão sobre a importância de compartilhar possibilidades de cuidado. Essas mensagens, além do objetivo proposto descrito, também faziam com que os sujeitos nos encontros seguintes ficassem na expectativa da próxima mensagem.

Eu acho que foi superinteressante esta coisa do acolhimento, faz com que tu relaxes que tu trabalhes melhor que tu consigas expor as tuas idéias. Eu achei bem interessante e o assunto é ótimo é bem bom de ser trabalhado. Não se esgota (Phoebis).

Foi realizado também um cuidado com o corpo e com a alma, sendo colocada, ao fundo, uma música instrumental que permaneceu durante todo o encontro, com o objetivo de relaxar e tranquilizar os participantes. Acredita-se que a música, no momento certo e de maneira apropriada, possibilita que a pessoa, em qualquer lugar, possa desenvolver uma paz interior, propiciando que o momento que será vivenciado se torne menos angustiante. Todos esses cuidados também foram repetidos em todos os encontros de borboletas.

É como a coisa foi conduzida mesmo, a gente notava muito o teu preparo, de maneira bem carinhosa sempre trazendo algumas coisinhas, isso é bem gostoso, por quê, às vezes, a gente vem cansada vem de outras coisas, se torna maçante se não for trabalhar assim de uma maneira tão sutil, sempre muito gostoso de ver que o pessoal tava interessado, fazia questão de participar, e da temática acho que tudo que envolve o tema é interessante a gente já veio com aquela vontade assim de aprender e a maneira como foi trabalhado (Biblis).

Respeitar o ser humano na sua plenitude e fazê-lo transformar-se através da sua própria essência é uma tarefa simples, porém que necessita de muitos cuidados, principalmente os éticos. Nós, seres humanos, precisamos de alguma

forma nos preservar das nossas intencionalidades e verdades, e para que estas sejam preservadas na sua essência, o anonimato se faz presente. Acredita-se que isso se deva pelo fato de que, muitas vezes, não estamos preparados ou não queremos julgamentos das nossas idéias. Ao ler sobre a metamorfose de Morin, e encontrar conceitos de transformação e essência que se assemelham muito com o de Paulo Freire é que se viu nas borboletas o codinome perfeito para aquilo que se propôs no trabalho, ou seja, a transformação.

Outro objetivo que justificava a utilização da borboleta como símbolo seria pelo fato de que é a própria borboleta se liberta do casulo quando se sente preparada, ou seja, os profissionais seriam disponibilizados do necessário para cuidar das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, não seria eu que faria isso, pois poderia acontecer o mesmo que acontece com as borboletas que não estão preparadas para sair do seu casulo: não teriam forças e habilidades, pois ainda estão enfraquecidas pelo não desenvolvimento pleno de suas capacidades.

Dessa forma para promover e garantir o anonimato, os participantes foram identificados com nomes fictícios de borboletas que eles mesmos escolheram. Nesse primeiro encontro, passou-se uma lista com nomes de espécies de borboletas e foi solicitado que eles colocassem o nome ao lado daqueles que mais lhe chamaram a atenção. Esse processo repetiu-se durante todos os encontros porque novas pessoas inseriram-se no decorrer dos mesmos. Depois desse momento foi lido coletivamente o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que todos concordaram e assinaram. Além disso, também foi enfatizada a importância do gravador permanecer ligado durante o encontro e desse ser fotografado para os futuros registros. Percebeu-se, no decorrer desse processo ético, que a idéia de ser identificado e representado por uma borboleta estava sendo um fator motivante de muita alegria e divertimento.

5.2 A primeira oficina: reflexão para a ação

A primeira oficina contou com a participação de seis profissionais de enfermagem (duas enfermeiras e quatro técnicas de enfermagem). Foi orientado pelo objetivo de realizar com os profissionais de enfermagem envolvidos, um processo reflexivo, levantando a realidade encontrada no trabalho, a respeito dos

conceitos que esses trazem consigo, ou seja, sobre a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes.

Essa se refere a primeira e a segunda etapa do Arco da Problematização, no qual se observou a realidade e definiu-se os ponto-chave que se pretendia estudar/investigar, realizando, com os trabalhadores envolvidos, um processo reflexivo, levantando a realidade encontrada no trabalho a respeito dos conceitos que os profissionais de enfermagem traziam consigo, sobre a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes, representando o momento inicial da prática educativa/interativa/investigativa, realizando assim uma primeira leitura sincrética sobre essa problemática. Nessa etapa do arco, os sujeitos foram levados a observarem a realidade com um olhar a mais e uma maneira mais atenta para que percebessem e identificassem aquilo que, na realidade, está se mostrando como carente, inconsistente, preocupante, necessário, enfim, aspectos que podem passar despercebidos em estudos apenas teóricos e, acima de tudo, problemáticos.

Participando da realidade é que os sujeitos identificam aspectos que podem tornar-se problemáticos e dentre eles eleger o (s) mais grave (s) ou prioritário (s), para fazerem um estudo com profundidade. Redigindo o(s) problema(s) de modo claro, a realidade é problematizada, dando início a problematização enquanto um exercício intelectual e social. “E é neste momento que os sujeitos estão problematizando a realidade” (BERBEL, 1999, p. 3).

Para isso, os sujeitos formularam questões e procuraram respondê-las pensando nos possíveis fatores associados e os possíveis determinantes contextuais, seus componentes e seus desdobramentos, que podiam estar relacionados ao(s) problema(s). Respondendo essas questões, construíram os pontos-chave do estudo através de um conjunto de pressupostos que orientaram o estudo, uma lista de preocupações, de dúvidas, de novas perguntas ou de tópicos a estudar, ou seja, foi o momento de definir os aspectos que precisavam ser conhecidos e melhor compreendidos a fim de se buscar uma resposta para esse problema. Esses pontos-chave seriam aprofundados na terceira etapa do arco: a da teorização. Segundo Berbel (1999, p. 3), “esta etapa constitui uma das razões mais importantes da superioridade desta pedagogia sobre outras de transmissão e condicionamento”.

Para isso, o encontro foi iniciado com a exposição no data-show da proposta inicial do estudo, como contextualização, justificativas, objetivos, referencial

teórico e dinâmica dos encontros que seriam utilizadas. Foram ressaltados, principalmente, a metodologia da problematização, o referencial de Paulo Freire e o da Complexidade, pois eles iriam nortear todas as etapas do encontro e permanecer implícita e explicitamente em todo o processo educativo-investigativo, e por estar incorporada ao meu modo de viver e ser no mundo. Esse item foi detalhado, porque, mesmo tratando-se de uma problemática vivenciada cotidianamente e fazer parte da realidade daqueles sujeitos, tratava-se de uma pesquisa que deveria atender os rituais metodológicos.

No início de cada encontro, foram realizadas técnicas em grupo, tendo como objetivo promover uma reflexão sobre o que iria ser discutido e eventualmente fazer com que houvesse um momento de aproximação dos sujeitos. No primeiro encontro, foi pensado em uma técnica que despertasse nos sujeitos suas qualidades e que estas possivelmente poderiam ser reconhecidas pelo grande grupo. A técnica escolhida é chamada de “CONVÍVIO EM GRUPO”, que tem como objetivo refletir sobre a importância de conhecer pessoas em uma situação de grupo e, no caso do encontro, relacionado ao tema proposto. Também deveria promover uma reflexão de que através do cuidado com a criança e com a família, é primordial identificar as características pessoais positivas relevantes para promover, nesta situação, um cuidado almejado, além da reaproximação da criança e da família. Foram disponibilizados papel e caneta aos participantes. O pesquisador deveria explicar somente a dinâmica da técnica, ou seja, cada participante escreveria seu nome em uma folha e registraria três características pessoais que julgava possuir e que são relevantes para a convivência em grupo. O facilitador passa então a recolher os papéis e, após, passa a ler as características de cada um, sem ler o nome. Os participantes devem anotar, por ordem de leitura, a pessoa que se identifica com as qualidades descritas. Cada qual procurou identificar o colega que mais demonstrava estas características e colocaria ao lado do número, o nome. O facilitador, a seguir, voltava a ler as características e o respectivo nome que constava na folha. A seguir, cada um conferia quantos nomes havia acertado, quantos errara. O pesquisador registrava os participantes que foram mais identificados.

O maior número de acertos foi de Calycopis e as qualidades referidas foram:

- Tmolus: atenciosa, preocupada e amorosa.
- Biblis: esforçada, compreensiva e companheira.

- Moeris: justa, observadora e alegre.
- Arita: honesta, simples e pontual.
- Calycopis: alegria, sinceridade e criatividade.
- Pellicia: perdoa fácil, não sabe dizer não e não guarda rancor.

No início, percebeu-se que todos ficaram ansiosos e pouco temerosos em realizar a dinâmica, pois, segundo os participantes, é muito difícil e incômodo falar de si, principalmente enumerar as qualidades e atentar-se aos aspectos positivos que possuem, isso se deve pelo fato de que, cotidianamente, as pessoas atentam mais aos defeitos, imperfeições e os aspectos negativos. Esse momento gerou também um ambiente de descontração e competição, mesmo diante dessa ansiedade, havendo interesse e disposição em realizar a dinâmica, pois a partir do momento que havia acerto das qualidades pelos colegas isso significava que as pessoas percebiam suas qualidades, sentindo-se valorizadas pelo grupo. E ser reconhecido pelas nossas qualidades, virtudes e atributos faz com que as pessoas sejam percebidas e reconhecidas através da própria essência.

Em seguida, foi exibido o filme intitulado “Flor de Pessegueiro” da Jornalista do Diário Catarinense Ângela Bastos. Trata-se de um documentário sobre depoimentos de mães que tiveram suas filhas violentadas sexualmente. Retrata um cotidiano obscuro e invisível que famílias vivenciam diariamente em relação a essa problemática. Segundo a jornalista, seu principal objetivo é compartilhar o depoimento dessas mães e promover uma reflexão sobre o papel de todos diante dessa dura realidade. Foi iniciada, após a exibição, uma breve discussão sobre alguns assuntos relacionados com a violência doméstica contra crianças e adolescentes, principalmente a sexual.

Aquele filme é um material riquíssimo para ser passado em grupos pequenos (Calycopis).

Porque foram utilizados vários métodos, não foi só aquele de tu sentar e ficar ouvindo, tu tens a liberdade de falar, e vídeo tudo o que foi passado bem interessante para a gente pois consegue assimilar mais (Arita).

Esse tipo de dinâmica, com histórias reais, é que faz surgir diversos sentimentos principalmente os mais verdadeiros, e se faz necessária para se compreender mesmo que, superficialmente, o modo de cuidar dos sujeitos do

estudo. Foi revelado nesse momento através do olhar, das reações a essência. Houve lágrimas de tristeza e de revolta, palavras de compaixão e julgamentos, houve uma explosão de sentimentos, que se fizeram presentes nos encontros seguintes, quando situações como essa retornaram para motivação do grupo, mas que serviram para demonstrar que o ser humano, mesmo com leituras e teorias, não pode fugir das suas origens.

Foi questionado o que sentiram em relação ao filme:

Eu que tenho filhas, [...]. Eu me identifico, eu já fico me colocando no lugar dessas mães que sofreram essa violência, [...] eu nem consigo encontrar uma palavra para dizer, é uma coisa que dói tanto, que eu acho assim se fosse comigo eu nem sei o que faria uma hora dessas, eu nem gosto de pensar (Tmolus).

É uma coisa que tu não quer desejar para os outros. As pessoas têm que ter precaução, mas não deixar de denunciar, senão a coisa vai virando uma bola de neve (Arita).

Eu acho que a maioria das pessoas tem medo de denunciar mesmo, porque é sustentado mesmo, porque é o marido a única fonte de renda (Tmolus).

Porque não tem um tipo de apoio eficiente, ele é o provedor da família, ela não tem estudo, não tem nada, eu vou denunciar e daí [...] (Arita).

E disso também surgiu alguns relatos de histórias verdadeiras que retratam a perpetuação e reprodução da violência dentro da família:

Tinha uma criança internada com a gente, aquele menino [...]. Ele chegou e disse: o tia o meu pai chega em casa todo dia e bebe, bebe, bebe, e enche a minha mãe de porrada, aí a polícia chega e leva ele para a cadeia, aí ele volta no outro dia com muita raiva e bate, bate bastante na minha mãe e em mim. Eu to louco para crescer para comprar uma arma e matar ele (Calycopis)

Essa fala foi realmente de uma criança que estava internada e que constantemente sofria violência física. Ela retrata o que muitas leituras trazem a respeito do fenômeno da violência, o que é perpetuado ao longo da história, ou seja, afirmam que crianças e adolescentes que sofrem de violência serão prováveis violentadores no futuro, e que a violência gera sim muita violência. E o que mais causa estarem nessa fala é ela ter sido reproduzida por uma criança, ou seja, que sentimentos estão presentes no seu ser, que a faz desejar essa violência. Outra reflexão que se pode fazer nesse momento são as poucas falas de crianças e

adolescentes sobre seus sentimentos, principalmente nos trabalhos realizados sobre violência contra elas. A maioria dos casos são relatos da própria família, dificilmente é o próprio olhar da criança sobre aquela violência, é o olhar de alguém vendo aquela situação, do seu lugar.

Foi também entregue o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e lançado um desafio para identificar quais os artigos nele dispostos que seriam instrumentos exeqüíveis no cuidado as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Esse se justificou por entender que o Estatuto da Criança e do Adolescente é um dispositivo que assegura os direitos das crianças e adolescentes, porém para que esses sejam cumpridos, os profissionais que atuam, diretamente e indiretamente com essa clientela, devem ter, no mínimo, um conhecimento sobre o ECA, sabendo os deveres que estão reservados aos profissionais da área da saúde. Além disso, possibilitar o acesso ao ECA o que muitas instituições não o fazem.

Nesse momento do encontro, os participantes foram divididos em dois grupos, foram fornecidas cartolina e hidrocor e solicitado que expressassem, em uma palavra, o que representaria a violência, além das dificuldades que encontram ao assistir crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Para, assim, a partir desses, categorizar e levantar os problemas-chave para serem discutidos no encontro seguinte.

As respostas foram colocadas com hidrocor em um cartaz de cartolina e foram pontuados os problemas-chave que geraria a discussão e norteariam a reflexão no próximo encontro, em forma de síntese, para que houvesse a discussão. Finalizou-se o encontro com uma foto e com a confirmação para o próximo encontro.

5.3 A segunda e terceira oficina: o conhecimento que transforma

O segundo encontro teve como objetivo promover junto aos profissionais de enfermagem um espaço para reflexão e conscientização, buscando subsídios teórico-reflexivos, sobre a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes. Contou com a participação de sete profissionais (três enfermeiras e quatro técnicas de enfermagem). Duas técnicas do encontro anterior não puderam comparecer por problemas particulares, porém duas novas inseriram-se, com mais

uma enfermeira. Foi lido novamente o termo de consentimento livre e esclarecido, e os novos profissionais escolheram seus codinomes.

A Teorização é a etapa da investigação em que cada ponto-chave transforma-se em um assunto a ser estudado, “pois pretende-se trabalhar com o problema para buscar soluções para ele.” Os alunos “passam a buscar sistematizadamente as informações técnicas, científicas, empíricas, oficiais etc., com auxílio de procedimentos e instrumentos utilizáveis em investigações científicas” (BERBEL, 1999, p. 8). “Desde o início deve ficar bem claro que todo o estudo levará o grupo à solução do problema, ou pelo menos ao encaminhamento para uma solução”. O estudo é todo feito pelos sujeitos da pesquisa. Bordenave e Pereira (1986, p. 26) afirmam que nesta etapa o sujeito chega a entender o problema não somente em suas manifestações empíricas ou situacionais, assim como também os princípios teóricos que o explicam. Esta etapa de teorização que compreende operações analíticas da inteligência é altamente enriquecedora e permite o crescimento mental pelo próprio esforço do domínio das operações concretas para as operações abstratas e, isso lhes confere um poder de generalização e extrapolação consideráveis (BERBEL, 1999, p. 10).

Esse encontro de borboletas foi iniciado com a técnica da Auto-estima, que tem como objetivo desenvolver o bem-estar, fazendo com que as pessoas observem as qualidades que seus companheiros possuem e demonstrem a eles. Nessa técnica, o animador deve explicar o objetivo e a dinâmica da mesma, que é formar com o grupo um círculo, cada um deverá receber uma tira de papel e escrever uma qualidade para o colega que se encontra à sua direita. Todos dobram o papel e devolvem para o animador. Este então retira cada papel da caixa que contém a qualidade escrita e solicita aos participantes, em conjunto, procurar entre os presentes, a quem caberia a qualidade que foi lida, identificando o participante que descreveu a qualidade deveria justificá-la.

Após todos os papéis lidos, percebeu-se que a valorização está presente no grupo. Essa dinâmica, segundo as participantes, propiciou a reflexão não só de quem descreveu as qualidades, exercitando a observação das mesmas no colega de trabalho, como também de quem estava sendo descrito, pois cotidianamente as pessoas não se valorizam e não se percebem as inúmeras qualidades que se tem. E remetendo essa dinâmica para os aspectos que permeiam a violência doméstica contra crianças e adolescentes, as qualidades podem significar uma ponte e um

instrumento necessário para realizar um cuidado mais diretivo. Finalizou-se a dinâmica com um abraço entre os participantes.

Neste encontro foi exposto aos participantes, no data-show, o que tinha sido levantado por eles mesmos, gerando dois problemas-chaves: um englobando a questão da violência doméstica como problemas a partir da realidade observada e, outro, relacionado aos problemas e dificuldades em cuidar das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica relacionadas à família, ao profissional e à sociedade.

A partir do que estava sendo discutido e proposto pela dinâmica desenvolvida, ratificou-se a importância de que, ao se realizar um cuidado com a criança/adolescente e família, deve-se perceber e atentar para as qualidades e para os aspectos positivos que a família está apresentando, principalmente em relação ao cuidado que ela está prestando, pois é a partir desse ato que se irá valorizar a sua responsabilidade como família, instituindo intervenções apenas no aspecto da violência em si. Essa dinâmica foi indispensável e necessária para que se pudesse dar início a uma das problemáticas que iria permear o cuidar, o que já estava sendo abordado.

Depois de breves manifestações que se acredita ter sido o primeiro passo para aquecer as discussões que permeariam a terceira etapa da problematização, iniciou-se a teorização, que corresponde à etapa de construção de novos conceitos e talvez desconstrução de outros.

Foi inicialmente explicado que a técnica utilizada para teorizar as questões seria a da batata-quente (neste caso o gravador) e se todas estavam de acordo. Foi solicitado que permanecessem novamente em formato de meia lua e, a partir do momento que a música parasse, a pessoa que estivesse com a batata-quente deveria ler uma frase e compartilhar o que lhe vinha à mente sobre aquela situação, respeitando a pessoa que não quisesse argumentar ou que se negasse a comentar.

Aquele dia com a técnica da batata quente, se não fosse aquilo eu não tinha falado por que eu vim assim demolida né? Eu acho que foi uma técnica boa que tu leva na brincadeira e tu falas e é eram coisa que a gente tinha que se expor (Arita).

É que a hora que tu tá com alguma coisa na mão tu acaba falando e se não for assim tu fica com vergonha. E mais, é o jogo, né, aí caiu na minha mão eu tenho que falar, apesar de que tu desse a oportunidade, tu sempre desse a oportunidade de a gente não precisar falar, mas ninguém ficou né...? Eu acho que isto aí foi bem legal (Smyrna).

A dinâmica foi superinteressante, eu acho assim que tu respeitasses a colocação de cada um, ninguém nunca se sentiu podado, até falando assim que a gente achava que a palmada não né..., tu colocasse o que tu achavas, mas não podou, em nenhum momento, ou impôs e eu acho que isto já é um caminho para a gente saber como que tem que lidar com as pessoas não é impondo a nossa vontade é respeitando e trabalhando, comendo pelas beiradas que espertamente tu vai trabalhando pelas beiradas e assim tu vai ganhando aquela pessoa, tu vai conquistando e tu vai conseguindo trabalhar, fora as comidinhas que aquela dinâmica foi ótima (Phoebis).

A discussão porque foram utilizados vários métodos, não foi só aquele de tu sentar e ficar ouvindo, tu tens a liberdade de falar, e vídeo tudo o que foi passado bem interessante para a gente que agente consegue assimilar mais (Arita).

Ao final do encontro, foi realizada a avaliação, sendo questionado sobre a técnica realizada e a validade do mesmo. Todas responderam que a técnica permitiu que o medo de falar em público fosse eliminado, pois esta exigia que todas falassem, sem serem escolhidos. E, também, se proporcionou que relatassem o seu entendimento sobre o ponto em questão a ser discutido, fazendo com que refletissem mais, participando do debate e sendo valorizadas.

O terceiro encontro contou com a presença de oito participantes (três enfermeiras e cinco técnicas). Como era continuidade do outro encontro, o enfoque da teorização se voltou para os aspectos da violência infantil propriamente dita, momento em que se realizou uma exposição teórico dialogada, indicando textos e autores para aprofundamento dos temas.

5.4 A quarta oficina: os resultados através da reflexão

O quarto encontro teve como objetivo refletir sobre a desconstrução e a construção de novas possibilidades de cuidados a partir da troca de informações, reflexões e conscientização geradas, potencializando as estratégias viáveis de serem aplicadas. Contou com a presença de seis profissionais de enfermagem (três enfermeiras e três técnicas de enfermagem) e compreendeu o terceiro objetivo descrito acima. Essa etapa refere que, após a coleta de informações dos diferentes pontos e sua sistematização nas fases anteriores, promoveu-se uma discussão para analisá-los e chegar a conclusões, respondendo e procurando saber o porquê dos

elementos observados, para que fossem elaboradas as hipóteses de solução para o(s) problema(s).

Em vista disso, essa etapa corresponde à elaboração das hipóteses de solução, ou seja, a quarta etapa, listando-se todas as possibilidades que o grupo consegue pensar para encaminhar ou solucionar o problema, buscando “cultivar a originalidade e a criatividade, pois a teoria é muito fértil e, muitas hipóteses de solução nela baseadas podem não ser válidas na prática” (BERBEL, 1999, p. 14). Nesta etapa é preciso que o aprendiz confronte as hipóteses de solução com a realidade, porque o objetivo da Problematização é a transformação da realidade observada/investigada, em algum grau. Por isso, é necessário aos participantes confrontá-las com a realidade para que essa confrontação “ideal-real” lhes permita usar a realidade para aprender com ela a superar os problemas encontrados. Em resumo, “os participantes comparam com as suas percepções iniciais, possibilitando então rever pontos que agora ficaram mais claros, mais elaborados, ou fortalecer aspectos que antes já eram tidos assim, de forma não muito científica, mas estavam corretos” (BERBEL, 1999, p. 13).

Nessa etapa se deseja que as possibilidades viáveis de cuidado e os meios que se dispõem sejam encaminhadas para se atingir a próxima etapa que é a aplicação da realidade, a qual representa um grande passo para a construção da realidade desejada a partir da realidade existente.

A quinta etapa (última) é a da aplicação à realidade

é uma etapa de prática, de ação concreta sobre a mesma realidade de onde foi extraído o problema. Nessa etapa ocorre mais uma vez, de forma explícita, a relação teoria-prática. Os participantes aplicam as hipóteses de solução que o grupo encontrou e considerou como viáveis e aplicáveis. A Metodologia da Problematização passa a ser mais que um método, passa a ser um exercício intelectual e social, porque ela permite transformar a realidade em algum grau, assim como se transformam os participantes que se utilizam dela. Nessa fase, dependendo do problema, das condições do grupo e das características da realidade, é preciso fazer um plano de atuação. Nesse momento, cada grupo elege a forma, os procedimentos mais adequados, enfim, constrói estratégias para realizar uma intervenção nesta realidade para transformá-la em algum grau (BERBEL, 1999, p. 15).

Em resumo, os participantes compararam com as suas percepções iniciais, possibilitando então rever pontos que agora ficaram mais claros, mais elaborados, e também fortaleceram outros aspectos.

Iniciou-se o encontro com a técnica da modelagem, que tinha o objetivo de oportunizar aproximação e relaxamento, através do toque, porém foi utilizada com o

intuito de os participantes se perceberem manipulados e “modelados”. Solicitei ao grupo que formasse um círculo e colocaram-se em dupla, um frente ao outro. A seguir, as pessoas do círculo interno procederam a um trabalho de modelagem com seu par, isto é, fizeram de conta que o colega era uma massa de modelar e poderiam trabalhar com seus membros superiores, inferiores, cabeça, tronco, etc...colocando-o em várias posições. A seguir, inverteram-se os papéis da dupla.

Eu gostei muito, porque que eu gostei? Primeiro porque é a Moeris, ou qualquer um que estivesse aqui, são pessoas que eu conheço, que eu me sinto à vontade, que eu me dou bem. Então, eu me deixei manipular de uma maneira como elas bem entenderam. Mas eu imagino que se esse exercício fosse, feito com pessoas estranhas, que eu não conhecesse, bem eu ia me sentir mal. Mas gostei bastante da técnica neste sentido, de que foi até um momento de relaxamento de descontração, por ser uma amiga uma companheira de trabalho que estava fazendo (Calycopis).

É estranho, porque é uma pessoa conhecida, e a gente fica a mercê da pessoa. E se sente o ó do borogodó quando ta fazendo com a pessoa. O que a pessoa vai fazer contigo? E quando tu tas manipulando ali, tu é o dono do pedaço, mas quando é contigo, tu ta bem. Ah, meu Deus o que é que vem pela frente (Phoebis).

Eu concordo com as mesmas sensações que elas falaram. Com as sensações de liberdade para a gente. Tipo assim, até tu dá um relaxamento, do rir com o colega, ser engraçado com ela faz contigo, achei interessante (Arita).

Eu também gostei porque, como a Calycopis falou, a gente achou a mesma coisa. Porque é tipo, a gente tava fazendo a dinâmica com alguém que a gente conhece. Eu particularmente não gostaria que alguém que eu não conhecesse, me tocasse de qualquer maneira, só depois que eu desse a permissão ou tivesse algum nível de intimidade para poder tocar, então eu não permitiria, não ia me sentir bem. Então eu acho que como foram com pessoas conhecidas, eu acho que é muito legal e vale a pena (Tmolus).

Essa técnica foi muito bem recebida, pois o toque realizado, principalmente por uma pessoa conhecida, causa mais tranquilidade. Já do contrário, a técnica talvez não despertasse tanta tranquilidade e relaxamento, como as mesmas falaram. Porém, o fato de moldar alguém gerou certa angústia, e ao trazer esse aspecto como forma de cuidado como muitas vezes acontece, como forma de moldar a criança e a família, gerou um desconforto, principalmente, em alguém com quem estamos tendo um primeiro contato e que está em uma situação bem delicada.

Trazendo essa questão para a violência doméstica, no primeiro momento, aborda-se a família e a vítima com julgamentos, não permitido que estes expressem

sua dor e sofrimento. Acredita-se, dessa forma, que isso seja a chave de todos os problemas daquela família e seus membros, esquecendo que o que eles mais precisam é de carinho e atenção.

A sala foi novamente preparada, os participantes dispuseram-se em dois grupos de três pessoas e colocaram em uma cartolina os encaminhamentos conforme havia sido solicitado em relação às novas possibilidades de cuidado.

5.5 A quinta oficina: a prática educativa/interativa/investigativa como estratégia de intervenção

O quinto e último encontro visou avaliar a dinâmica desenvolvida baseada na pedagogia problematizadora de Paulo Freire. Estiveram presentes seis participantes (três enfermeiras e três técnicas de enfermagem), e contou também com a presença da Professora Doutora Vânia Marli S. Backes, orientadora deste projeto. Como estratégia, disponibilizou-se um momento para discutir e refletir sobre as etapas anteriores e que transformações e mudanças para si e para sua realidade os sujeitos da pesquisa obtiveram com todo esse processo, bem como a necessidade de buscar uma retroalimentação nas fases do arco da problematização, evidenciando a ampliação de conhecimento e a ação conseqüente, em um processo de idas e vindas, aprofundando as questões emergidas.

Para mim não tem um ponto específico, que eu pudesse ressaltar eu acho que o todo do encontro à discussão que agente teve aqui, o compartilhar da emoção da gente, até as dificuldades que a gente tem de entender o que é uma palmada e o que é uma violência, estas Divergências de opiniões, eu acho que isto é a riqueza do processo. Eu acho que nenhum dia eu saí daqui sem ter algo que acrescentou, ou algo que me fez ficar refletindo sobre aquela situação. Não tem um ponto para eu te dizer, mas eu acho que o todo que se discutiu aqui é a riqueza do conhecimento (Smyrna).

As participantes foram recebidas com um coquetel para dar ao encontro um tom de confraternização. Ao final, as borboletas foram presenteadas com um brinco em forma de borboleta, também representando, de alguma forma, a transformação que houve durante o processo educativo-investigativo. Para tanto, foram apresentadas sete questões que, de alguma forma, pudessem colocar como todo o processo ocorreu, com críticas e sugestões também.

Bem eu quando fui convidado, quando tu me expuseste, o tema, eu pensei Meu Deus, por que né é um assunto que a maioria das pessoas prefere não comentar, a gente procura fazer de conta que é tudo normal que não aconteceu, que não viu, e anular e não ver o que houve. Daí eu pensei ah como é que não vai ser deve ser pesado, isso aquilo que o tema, mas assim foi abordado de uma maneira tão sutil, que todo mundo pode conversar que cada um expôs as suas idéias, e tu expôs e que foi uma troca, eu acho. Então eu acho que isto foi muito importante e enriquecedor para a gente. Até depois para gente trabalhar também, se situar na verdade, claro que eu acho assim ainda é pouco, da vontade de sempre querer mais e mais, discutir cada vez mais e aprender e poder depois trabalhar da melhor maneira possível. O que eu mais gostei do encontro foi o jeito com que tu conduziste assim, de uma maneira bem carinhosa acolhedora, acho que tudo favoreceu, acho que fosse bem feliz na escolha, acho que valeu, adorei (Tmolus).

A cada encontro, pensava o quanto de riqueza estava conquistando, as palavras, as reflexões, os carinhos e as expressões de satisfação e de vontade de querer mais. Isso motivava a preparar os encontros seguintes, com mais beleza, satisfação e carinho. Sentia como se parte da missão estivesse sendo cumprida, fazendo com coração aquilo que acreditava e estava disposta a levantar como bandeira. Muitos empecilhos apareceram no caminho, que desmotivaram muitas certezas, como a pouca participação dos próprios profissionais e o desinteresse de transformar sua própria realidade, mesmo sabendo que isso seria importante para o cuidado realizado. Questões como falta de recursos materiais e auxílio para desempenhar as atividades foram também grandes desmotivadores. Porém, sem dúvida alguma, essas questões me fizeram crescer como pessoa e perceber que apesar de haver poucas borboletas metamorfoseando, estas foram únicas e essenciais para a promoção de um cuidado com qualidade.

6 REFLEXÕES DOS PROFISSIONAIS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM VÁRIOS CONTEXTOS: as dificuldades que emergem da problemática

Dificuldade, segundo Holanda (1993, p. 186), “representa de caráter difícil, ou seja, árduo, trabalhoso, penoso, embaraçoso, trincado”. Pensa-se ser a palavra mais adequada para expressar o que de fato influencia, direta e indiretamente, as ações sobre algo. Segundo essa definição, estão contextualizados os resultados encontrados nesta pesquisa, que, na sua totalidade, representam o que, possivelmente, impede ou reprime de se assistir com qualidade crianças, adolescentes e suas famílias vítimas de violência doméstica. As dificuldades surgiram e emergiram de um belo encontro de borboletas e através de um sensível processo educativo-investigativo, no qual os sujeitos responsáveis por esse cuidado almejado, puderam refletir sobre suas práticas e, a partir da troca de conhecimentos, transformaram sua realidade. Ratifica-se com Mafessoli (1987, p. 21) quando este refere que “nossa intenção não é inventar uma teoria da violência, mas sim atualizar da melhor maneira o que pertence a sua estrutura [...] de reconhecer os elementos que compõem este fenômeno”.

Quando o autor sinaliza que necessita “reconhecer seus elementos” é por acreditar que estes, de muitas formas e em muitos momentos da vida, influenciam as ações, as condutas e as abordagens frente a essa problemática e seu desvelar, e que, por conta disso, possivelmente, proporcionam uma compreensão mais complexa sobre a violência. Julga-se que a compreensão da violência doméstica está essencialmente relacionada aos valores que ela apresenta para a família, para o profissional, principalmente, para aquele que a presencia, além da sociedade como um todo.

Por essa razão, que se iniciam as discussões oriundas do processo educativo-investigativo ocorrido com os profissionais de enfermagem relacionadas às dificuldades que as mesmas possuem e que serviram para resultar nesta dissertação de mestrado. A intenção de começar com as dificuldades relacionadas é proposital, além de vir ao encontro aos referenciais adotados por esta pesquisa e certamente também por mim, pois acredito que é a partir das dificuldades encontradas em uma realidade, que se inicia alguma transformação, ou que se tem

subsídios para que os sujeitos daquela realidade possam modificá-la. “Na ação, o pesquisador passa e repassa seu olhar sobre o “objeto”, isto é, sobre o que vai em direção ao fim de um processo realizando uma ação de mudança permanente” (BARBIER, 2002, p. 117).

Na discussão que se prossegue, se poderá observar, através da análise feita, principalmente pelos sujeitos deste estudo, que a violência doméstica contra crianças e adolescentes está relacionada, principalmente, aos valores sociais, culturais, econômicos, além das questões de ordem pessoal e profissional do cuidador, e inegavelmente familiar. E, foram basicamente essas categorias encontradas nas falas dos sujeitos desta pesquisa que fielmente demonstram a percepção que boa parcela da sociedade tem sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes.

O resultado de uma investigação científica conduz à corroboração de teorias, de explicações formalizadas que expressam intelectualmente essa interconexão sistematizada de uma forma coerente, lógica e corresponde à realidade objetiva. O produto de uma investigação científica é o conhecimento teórico, isso é, a explicação teórica corroborada, expressa através de proposições (KOCHE, 1997, p. 107).

As dificuldades encontradas por mim e pelos sujeitos do estudo representavam e ainda representam algo incapacitante e, muitas vezes, imobilizante de intervenções e ações para com as crianças e adolescentes que vivenciam a violência. Suas características de certo modo impedem e impossibilitam de ir além das suas responsabilidades, principalmente por tratar de aspectos ainda não percebidos e que foram reforçados com a discussão. “O rigor da pesquisa-ação repousa na coerência lógica empírica e política das interpretações propostas nos diferentes momentos da ação” (BARBIER, 2002, p. 60).

No decorrer de várias leituras realizadas sobre a problemática, para iniciar suas discussões, a maioria dos pesquisadores também relatou suas dificuldades sobre a violência e as utilizam como alicerces para o desenrolar de suas análises. Facilmente encontram-se adjetivos referentes a esta que exprimem sua verdadeira face, pois a mesma está entranhada nas situações inconcebíveis ao ser humano, sendo fácil de ser percebida por fugir de padrões considerados humanos na sociedade. Outrora, demonstra também como é desafiador encontrar palavras que a definam, pois certamente estará inerente às dificuldades que a permeia e que a representa.

Durante todo o processo educativo-interativo, foram as dificuldades de lidar com essa problemática que guiaram todas as demais etapas e que propiciaram o resultado alcançado. Primeiramente, porque os sujeitos entenderam que as dificuldades seriam o ponto de partida, ou seja, que iriam reger as discussões, e posteriormente, porque as buscas durante o restante do processo seriam a partir dessas dificuldades e daquelas que fossem sinalizadas pelos sujeitos, devendo partir deles.

No processo educativo-investigativo, percebeu-se que o entendimento sobre violência e as dificuldades em lidar com esta problemática eram um conjunto de sentimentos diversos que provinham de enfrentamentos. Antes de saber as dificuldades encontradas ao lidar com isso, solicitou-se que os mesmos colocassem que sentimentos expressavam a violência para, juntamente com os demais resultados, perceber como a violência se apresentava para aqueles sujeitos. Mafessoli, (1987, p. 15) refere que “é exatamente esse o nosso paradoxo: tentar perceber uma constante que se exprime na maioria das vezes na instabilidade e na espontaneidade, na multiplicidade dos desacordos e das recusas”.

Koche (1997, p. 107) assevera que “os conceitos, são símbolos que expressam a abstração intelectualizada da idéia de uma coisa ou fenômeno observado”. As palavras que expressam o que é VIOLÊNCIA demonstram e legitimam sua proporção. Neste o que se percebe é que não existe por eles um conceito e sim um sentimento sobre violência, o que não quer dizer que não os defina, são eles: *Coação, Invasão, Sofrimento, Vergonha, Rejeição, Angústia, Baixa auto-estima, Desamor, Destruição da infância, Amadurecimento precoce, Desavença familiar, Vícios (álcool/drogas), Abandono/falta de proteção, Mídia, Falta de informação, Medo, Preconceito, Injustiça, Descaso, Distúrbio psicológico/emocional, Negação, Negligência, Falta de amor, Problemas sociais, Falta de princípios e valores, Falta de estrutura familiar, Omissão, Erotização infantil, Falta de diálogo/companheirismo*. Mafessoli (1987, p. 15) se propõe a considerar que o termo violência “é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social”.

Na realidade, a análise de cada expressão relatada remeteria a um conceito sobre a violência doméstica e faria perceber que, tanto isoladamente como em conjunto, ela definiria essa problemática partindo de cada análise. No entanto,

essas expressões revelam um conjunto de questões facilmente de serem controladas e minimizadas e que poderiam reduzir drasticamente a violência na nossa sociedade. J. Freund (apud MAFESSOLI, 1987, p. 15) já observou que “é a natureza convulsiva, informe, irregular e obscura da violência, caráter que a torna rebelde à análise.”

Barbier (2002, p. 118) comenta que “pouco diferenciada, a pesquisa-ação não leva em consideração as singularidades e quer resolver, de antemão, as dificuldades – constituindo amostras representativas – ao colocar claramente as hipóteses”. No entanto, são nas dificuldades encontradas ao cuidar das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica que esse tipo de pesquisa se encontra, de fato, porque ela ainda é um problema pouco discutido e abordado. As dificuldades manifestadas pelos sujeitos foram: a falta de preparo (instrumentalização), preconceito (principalmente contra o agressor), omissão familiar, impotência profissional, falta de conhecimento da sua função, manter a neutralidade pessoal e da equipe multiprofissional, lidar com os sentimentos, lidar com os sentimentos da vítima e acompanhante (mãe), falta de conhecimento (abordagem), preconceito, revolta, desconhecimento sobre os encaminhamentos, falta de apoio, falta de conhecimento do tema, falta de serviço especializado, enfim como lidar com essa problemática.

Observa-se que a partir desses relatos, sobressaem-se os referentes ao aspecto profissional e pessoal, como a falta de conhecimento (abordagem, instrumentalização e encaminhamentos), sua função, seguindo com preconceito (principalmente com o agressor), a postura de neutralidade pessoal e profissional, e o lidar com os próprios sentimentos. Da mesma forma, evidenciam-se, as dificuldades com a problemática que permeiam a violência, ou seja, a cumplicidade familiar, o lidar com os sentimentos da vítima e da família, falta de apoio, principalmente de serviço especializado. Assim, “o pesquisador em pesquisa-ação é um controlador dos processos. Ele os conduz a bom termo, assinalando-os com precisão e, as vezes, transformando-os em modelos” (BARBIER,2002, p. 118).

Para delimitar e desenhar as questões pontuais das discussões, pautou-se, preferencialmente, nas questões relacionadas à própria problemática, à vítima, ao agressor e à família e, as relacionadas aos aspectos profissionais, pois estavam de acordo com os pontos-chaves levantados pelos sujeitos, facilitando assim as discussões e as transformações. Nesse sentido, Mafessoli (1987, p. 14) comenta

que “é a partir de um princípio de realidade da violência que é possível apreciar a qualidade maior ou menor que caracteriza cada sociedade”. O que se pode perceber, é que essas dificuldades se complementam, e, nessa convergência, o elemento sociedade não fica alijado do processo. Dessa forma, ela é o fundamento no qual o debate em torno das categorias analíticas: família, profissional, violência e novas possibilidades de educar-cuidar são tecidas.

O processo de reflexão propicia ver a realidade com um olhar diferente; ver aquilo que está oculto, que está além; ver o que passou a ser tão natural que se tornou despercebido. Mostra as contradições do cotidiano e provê meios que fortaleçam o indivíduo, impulsionado-o em direção à mudança (WALDOW, 2004, p. 194).

Nesse sentido, acredita-se que a forma como foi abordada e discutida essa temática, proporcionou que os sujeitos fossem os principais atores da sua história e os verdadeiros protagonistas na promoção de seus conhecimentos a partir das dificuldades inerentes a estes. “A ciência pode ser encarada como um processo de investigação que se interessa em descobrir a relação existente entre os aspectos que envolvem os fatos, situações, acontecimentos, fenômenos ou coisas” (KOCHE, 1997, p. 106).

6.1 A família: uma unidade a ser cuidada

Será iniciada a discussão sobre a família e suas vertentes por acreditar e compreender que ela é uma das respostas para tantos questionamentos e dificuldades encontradas para uma reflexão aprofundada sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes. “A antiga idéia de que o delinqüente era um estranho que se esconderia numa rua escura vem mudando sua face, e a luz observa-se feições bastante conhecidas” (DAY et al, 2003, p. 10). É um dos fatores-chave nesse contexto para promover intervenções realmente condizentes com a realidade. “A violência doméstica é assunto no qual toda a família está envolvida e, portanto, não é suficiente lidar com o problema individualmente junto à vítima e/ou agressor” (ELSEN et al, 2004, p. 68).

Vale ressaltar que se discutirá a família na sua totalidade, e não apenas o agressor, não empregando esse termo ao longo da discussão, por considerar que todos são partícipes direta e indiretamente da violência doméstica. Desde modo, as

intervenções representam uma totalidade, pois se acredita que o cuidado dessa família não deva ser isolado. “Os membros da família possuem, criam e transmitem crenças, valores, conhecimentos e práticas de saúde, têm direitos e responsabilidades, desenvolvendo uma estrutura e organização própria” (ELSEN; ALTHOFF; MANFRINI, 2001, p. 94).

Pensa-se que a família tem importantes papéis nessa reflexão e a enfermagem pode e deve trazê-la para suas necessidades práticas e teóricas. Ela, além de nortear as ações será uma aliada inquestionável na prevenção da violência doméstica.

A Enfermagem ao comprometer-se com a família como unidade a ser cuidada focaliza sua atenção nas interações intra e extrafamiliares, busca conhecer o processo de viver da família, as transições e as crises que enfrentam, identificando suas fragilidades, fontes de estresse, recursos e seus modos de cuidar (ELSEN; ALTHOFF; MANFRINI, 2001, p. 94).

6.1.1 A construção da violência na família: a educação como referência

A primeira dificuldade relacionada à família está diretamente relacionada às práticas encontradas sobre a violência no seu cotidiano e que pertencem ao âmbito familiar. Nesse primeiro momento, a família como a perpetuadora da violência, é responsável pela sua presença constante nos lares e na vida de muitas crianças e adolescentes. Em vista disso, Biasoli-Alves (1999, p. 69) refere

que as relações que se estabelecem na família entre gerações diferentes compõem a socialização ao longo da vida, e há aproximações e distanciamentos nas formas de perceber o mundo e a evolução entre os indivíduos que desempenham papéis diversos – pai e filho.

Tinha uma criança internada com a gente, aquele menino [...]. Ele chegou e disse: ô tia o meu pai chega em casa todo dia e bebe, bebe, bebe, e enche a minha mãe de porrada, aí a polícia chega e leva ele para a cadeia, aí ele volta no outro dia com muita raiva e bate, bate bastante na minha mãe e em mim. Eu tô louco para crescer para comprar uma arma e matar ele (Calycopis).

É inquestionável que a família apresenta, em seu contexto, modos de viver e de se relacionar, e que certamente são estes que constroem e influenciam a personalidade de seus membros. Seja, na alimentação, na higiene e nas demais necessidades que compõem o ser, contudo é na educação que valores e significados se aliam e dão um sentido às relações. E, é nesse momento ou por toda

a vida que a violência ganha forças e permanece como uma constante nos lares de muitas crianças e adolescentes. Tanto é que a literatura especializada nacional e internacional indica que se não todos, a maioria dos pais que violentam foram crianças violentadas no passado e Miller (1990, apud GUERRA, 2001, p. 32) que:

a maioria das pessoas que perpetua violência física contra seus filhos, foram elas mesmas vítimas desta violência em sua própria infância. Esta informação não é totalmente correta: não deveria ser a maioria, mas todas. Qualquer pessoa que perpetra a violência contra seu filho, foi ela mesma severamente traumatizada em sua infância de alguma forma [...] uma vez que é absolutamente impossível que uma pessoa educada num ambiente de honestidade, de respeito e de afeto venha a atormentar um ser mais fraco de tal forma que lhe inflija um dano permanente. A criança ela aprende por imitação, pelo que ela vê. Ela imita a realidade que ela está vivenciando, e aquilo ela toma como uma verdade para ela. [...] se ela não tem uma outra influência, ela vai acreditar que a única verdade é aquela (Calycopis).

Quase todas as justificativas da família para as diversas práticas da violência estão relacionadas aos aspectos relacionados ao modo de educar. Ou seja, a violência, em muitos lares, ganha sinônimos como: educação, aprendizagem, obediência, ordem, sendo vista como única forma de promover relações de respeito entre pessoas que convivem e necessitam viver em grupo, e, possivelmente, como a única forma de estabelecer limites.

Provavelmente é a educação que ele (o pai) teve quando criança e agora está passando para o filho (Myscelia).

Quando a família resolve e decide que é através da violência que se promove a educação à criança e ao adolescente, ela os considera como objetos para satisfazer seu poder de dominação, no qual alguém manda e o outro obedece. Além disso, também satisfazer suas frustrações, pois utiliza a violência quando suas vontades não são correspondidas, ou seja, essa família está fielmente reproduzindo aquilo que lhe foi passado ao longo de sua vida, e que talvez com a violência tenha alcançado algum resultado.

Acredita-se que todo o ser humano que cresce e se desenvolve vivendo relações de respeito, amor e ternura com o próximo, que se percebe e reconhece seus limites em um espaço de convivência, conhece outras práticas que não estas, ou seja, é quase impossível ele reproduzir algo que não lhe foi aprendido e apreendido. Certamente, não é somente a família que fortalece o ser humano,

porém acredita-se ser a grande responsável pela sua estruturação. Brigas (1999, p. 54) reforça isso quando diz que

o modelo de aprendizagem se faz através da aquisição de modelos. Ele justifica esse comentário com a teoria do apego quando ratifica que o processo de apego possui fatores pertinentes para compreender a transmissão da violência de pais para os filhos: um pai violento e muito negligente afeta de início, não só a relação com o filho, a criança, mas também constrói uma concepção de mundo imprevisível que não é gratificante, ou seja, as crianças que têm como base a segurança desenvolvem uma concepção de mundo que é previsível e gratificante, e as crianças que desenvolvem uma concepção do mundo previsível e gratificante estão de acordo em perceber que suas necessidades serão satisfeitas, estão cientes que irão surgir pessoas para atender suas necessidades, terão tendência em inibir este comportamento violento e acham vantagens em fazer parcerias com o mundo e com outras pessoas.

Nesse sentido, é interessante que uma reflexão primária seja feita sobre o julgamento dos familiares sobre a violência. O que se propõe é reconhecer que a família, nesse primeiro momento, não deva ser julgada por valores morais impostos pela sociedade, porque essas questões não são pensadas quando pais e mães violentam seus filhos. Portanto, uma análise ainda precoce sobre essa dificuldade em lidar com pais e mães que violentam seus filhos, é compreender que seus atos, de certo modo, dentro de sua história de vida, são justificáveis. Não se incluem aqui, práticas de violências que provoquem risco de morte, apenas está se atentando para as violências que ocorrem no dia-a-dia, como tapas, privações e agressões físicas e verbais que não ocasionem em risco. No entanto, não se considera menos violência, apenas se está tentando visualizá-la sobre outro ângulo. “As lições apreendidas mostram que mesmo as famílias que vivenciam a Violência Doméstica, quando devidamente tratadas, constituem-se na principal referência afetiva para as crianças e adolescentes vitimizados” (BARREIRA, 1999, p. 489).

Sobre esta clientela (família) especificamente eu vou me cuidar mais, para evitar em qualquer hipótese de um julgamento o que a gente já faz, mas vou me policiar muito mais ainda pela questão do julgamento, por quê eu acho que mais triste é julgar (Calycopis).

Guerra (2001, p. 12) comenta que “a punição corporal é sempre enfatizada pelos pais ou responsáveis como um método adequado de educação”. Portanto, um dos primeiros aspectos a serem questionados sobre a violência e que deveria ser analisado quando se fosse promover ações de cuidado, seria de compreender que, para muitos pais e mães, essa violência menos ofensiva é vista

como forma de educar. E, nesse aspecto, as contribuições seriam no sentido de desmistificar esse ato, mostrando para a família que, certamente, essa educação desrespeita todos os direitos da criança e a torna um objeto em suas mãos. Romper com esse ciclo, proporciona que a família seja apresentada a outras forças de lidar com essa dita educação, mostrando outros caminhos e formas. Segundo o UNICEF (2006, p. 29), “há uma demanda crescente de ações que colaborem com a família para socializar e superar seus problemas”.

6.1.2 A família como vítima

Nesse processo de conscientização, desconstrução e construção de novas atitudes a família ocupa um lugar também de vítima, principalmente por ser resultado da sociedade na qual está submetida e de necessitar de um cuidado, também, humanizado. Ela torna-se uma grande aliada para o rompimento dessas práticas se for percebida como alguém que necessite ser assistida. Ratifica-se, que a família da criança ou adolescente vitimizado está sendo percebida ao longo do tempo como uma referência de cuidado quando se trata de violência doméstica. Essa se apresenta em posições diversas nesse contexto, contudo significativas para que a problemática da violência não retorne a esse lar ou ao menos seja minimizada.

Eu acho que tem a ver com o acolhimento, como tu vai acolher essa família, essa criança ou esse adolescente na hora que eles tiverem chegando à pediatria, tudo depende da maneira como tu vai abordar. Por que eu acho que, às vezes, é o acolhimento, às vezes é o primeiro contato que tu vai ter, então se tu não acolhes bem [...] (Phoebis).

Percebe-se que as falas dos sujeitos desta pesquisa, estão carregadas de preocupação quando se traz a família para a discussão e se propõe compreendê-la e cuidá-la nesse momento. Segundo o UNICEF (2006, p. 29), “para romper com a violência, é necessário que os serviços de atenção voltem o olhar para a família como um todo, e não apenas para a criança”. Trazendo essa reflexão, de olhar a família como uma unidade a ser cuidada nesse processo de vitimização, comprova-se, através de produções realizadas por profissionais preocupados com a família como foco de cuidado, que ela ganha novos rumos no cotidiano.

O cuidar, procurar trazer carinho, Não essa coisa de ficar assim questionando, ou julgando, mas ter um momento de qualidade para essa criança e essa família, às vezes questionar para saber se eles têm alguma dúvida sobre alguma coisa [...] (Arita).

Há algum tempo atrás, antes da elaboração do ECA, as crianças e os adolescentes não tinham outra alternativa a não ser ficar abrigadas e à disposição do Estado até que alguma solução fosse tomada em relação a sua família. Quase nenhuma medida de tratamento era realizada, tanto com a família quanto com o agressor. No entanto, medidas de recuperação estão sendo feitas com mais intensidade.

E também não tirar aquela criança daquela família, ou vai excluir mais ainda. (Phoebis).

Outra coisa que eu vejo é que aqui no Brasil, a gente quer tirar o pátrio-poder da família, levar a criança para uma instituição. Tem que trabalhar bem para gente não cair nesse erro, porque eu acho que a gente vai prejudicar esse pai porque ele ficou sem os filhos. (Phoebis).

A concepção de retirar a criança ou o adolescente de sua família está, aos poucos, sendo sobreposta com a possibilidade de que, com uma intervenção saudável, ela possa, juntamente com sua família, ser incluída nesse contexto. Porém, quando se trata de casos em que a criança ou adolescente tenham risco de vida, torna-se necessário essa prática, sendo que

a adoção é a última medida estabelecida pelo ECA para assegurar o direito à convivência familiar. Depois de esgotadas todas as possibilidades de permanência ou de retorno à família de origem, a colocação em família substituta é uma maneira de garantir o pleno desenvolvimento infanto-juvenil (UNICEF, 2006, p. 29).

Outra questão que necessita de destaque é a concepção de que se tem um modelo idealizado de família, e Biasoli-Alves (1999, p. 66) fala com mais propriedade quando refere que “a necessidade de desconstrução dessa pré-concepção – de um modelo idealizado de família- é o pressuposto primeiro para se poder discutir aproximações teóricas e conceituais sobre Família e Violência, no limiar do século XXI”. Já Fonseca (2004, p. 55) sinaliza que “qualquer desvio de padrões hegemônicos é frequentemente visto como sintoma de inferioridade, desorganização social ou atraso”. Compreender que algumas famílias não possuem

nenhum tipo de afeto é um grande desafio para alguns profissionais de enfermagem, pois a maioria das famílias são famílias.

Muitos ativistas reduziram a visão da violência na intimidade, a um certo atrevimento do macho, que se situa no lugar do penetrador e provedor, enquanto as mulheres e crianças aparecem como vítimas indefesas da brutalidade masculina. Se se aceita a violência feminina, é só depois de ficar bem claro que se trata de um comportamento de reação, provocado pelas condições de vexame social e econômico em que a mulher se encontra (RESTREPO, 1998, p. 12).

No entanto, a Enfermagem, nesse sentido, necessita compreender que essas relações não estão presentes, pois certamente esse pai e essa mãe não vivenciam ou vivenciaram isso em seus lares, ou seja, sentimentos fraternais não foram desenvolvidos e enfrentam dificuldades econômicas e de outras ordens que são diariamente utilizadas como justificativas para os referidos atos. Infelizmente, se tem que presenciar e saber atuar quando essas questões se fazem presentes, principalmente, na prática. Percebem-se, nitidamente, essas situações quando se propõe a acompanhar cuidados essenciais de mães e pais para com seus filhos, principalmente, quando internados. Elsen e Althoff (2004, p. 22), fala em “mito do amor materno – aceitar que há mães que têm dificuldade de aceitar o filho, que não é toda a mãe que ama, que não é toda a criança que é amada pela mãe.”

Todo mundo acha que só porque a mãe concebeu a criança, esse amor é automático, como a amamentação, que também é um ato automático e não é! Isso daí é uma coisa que tem que ser cultivada (Phoebis).

Como o tipo de vida que um pai e uma mãe levaram, que tipo de vida que aquela família leva. Às vezes, eles não têm nenhuma idéia de como é ser uma família normal, eles nunca tiveram isso. Então para eles aquilo ali é normal, a gente vê com outros olhos, [...] até aqui a gente nota, que, às vezes, eles não têm aquela consciência de amor, que a gente acha que é amor, não que eu ache que eu esteja certa e eles estejam errados, mas existem maneiras diferentes de enxergar um tipo de sentimento, assim, eu posso sentir o amor de uma maneira, mas a outra pessoa não vai ver aquilo do mesmo jeito que tem que ser, [...] nem todo mundo pensa igual sobre o mesmo assunto. [...] São maneiras diferentes de se enxergar as coisas (Tmolus).

Uma questão a ser discutida quando se fala de violência principalmente contra crianças e adolescentes é o cuidado amoroso que, muitas vezes, não é realizado ou simplesmente é negado, ou seja, a privação deste.

A gente vive numa sociedade que tu abraçar e beijar, e dizer que ama, é coisa ultrapassada, e quando tu tem uma família que preserva isso, é como se fosse uma coisa muito rara (Phoebis).

Em muitas famílias se percebe a falta desse cuidado, pois, cotidianamente, com o corre-corre das suas atribuições, se percebe que muitas ações que promovem um cuidado amoroso estão sendo substituídas por gestos e palavras de desprezo e humilhação. O cuidado, além de essencial e amoroso, deveria ser primordial em um ambiente familiar, onde pais e filhos se beijassem, abraçassem, fizessem carinhos, falassem palavras positivas e trouxessem bem-estar apenas com sorriso. Restrepo (1998, p. 9) fala a esse respeito quando refere que

parece suspeito e até ridículo falar daqueles direitos da vida cotidiana que permanecem confinados à esfera do íntimo, sem que ninguém ouse pronunciar seus nomes nas reuniões em que se debatem com grandiloquência os problemas políticos da época. A esta categoria de direitos domésticos, relegados e vergonhosos, pertence o direito à ternura.

No entanto, devemos reconhecer que mesmo percebendo que o amor e as várias formas de manifestação deste devam fazer parte do cotidiano das famílias, não devemos ter isso como verdade absoluta e identificá-las como formas de relação que podem sim, proporcionar uma harmonia familiar. Identificar esses aspectos é primordial para não permitir que os pré-conceitos e os julgamentos antecipados induzam as ações, prejudicando os sujeitos assistidos. Biasoli-Alves (1999, p. 66) comenta que

devemos respeitar a maneira como a família compõe diferentes tipos de estrutura, que se afastam de um modelo idealizado, mas são capazes de manter aspectos fundamentais que permitem às pessoas sentirem-se membros de uma família.

A gente acha que aquilo ali é anormal, mas existem várias maneiras de amar. Existe meu jeito de amar e existe o jeito do outro amar, de dar carinho (Phoebis).

Diante desses comentários, percebe-se que alguns pré-conceitos já estavam sendo desconstruídos, principalmente em relação à família, na questão de valorizá-la como participante desse processo, identificando-a também em uma posição de vítima, pois o que se percebe, na prática, muitas vezes, é que o

profissional de saúde que lida com essa problemática acredita que a família é a única culpada, excluindo a responsabilidade da sociedade e do Estado também como fomentadores desse ato.

Eu entendi melhor a posição do agressor, o que faz ele agredir a criança ou adolescente faz a gente pensar que é um outro ser humano que tá ali do lado, não só a criança ou adolescente, mas quem praticou aquilo também, e que precisa ser compreendido, eu vou tentar trabalhar para que ela não pratique aquela violência de novo (Phoebis).

Ratifica-se a importância de, ao realizar um cuidado com a criança/adolescente e com família, perceber e atentar para as qualidades e para os aspectos positivos que a família está apresentando, principalmente em relação ao cuidado que ela está prestando, pois é a partir desse ato que se irá valorizar a sua responsabilidade como família e instituir intervenções no aspecto da violência em si.

As questões relacionadas ao cuidado da família deixaram de ser questões apenas informais ou localizadas, nas quais os profissionais, preocupados com a problemática, se responsabilizavam em prestar um cuidado também à família agressora, passando a ser de responsabilidade governamental. Existem algumas medidas nacionais sendo feitas para que se tenha um atendimento à família nesse sentido. Segundo a UNICEF (2006, p. 29),

a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Violência e Acidentes prevê a adoção de medidas de prevenção, detecção e tratamento da violência doméstica, ressaltando que elas devem envolver um conjunto de ações intersetoriais voltadas à família.

O último aspecto que se considera relevante para as ações seria a omissão dos demais membros da família, pois segundo Guerra (2001, p. 32), a violência “tem na família sua ecologia privilegiada, como esta pertence à esfera do privado, acaba se revestindo da tradicional característica de sigilo.

É como se fosse uma fachada, eu entendo mais ou menos assim. Como se tu vê uma família perfeita, quem olha de fora, é a família perfeita. E, às vezes, ali dentro desse círculo acontecem vários tipos de violência, dependendo do que tá acontecendo, só que fora ninguém sabe, quem vê, é a família tradicional, perfeita. E ali dentro tem uma bomba preste a explodir (Tmolus).

Pensa-se que, como profissional de saúde e como cidadão, deve-se manter o respeito necessário para oferecer privacidade a todos os membros da sociedade. No entanto, em se tratando de crianças e adolescentes que estão

vivenciando a violência doméstica, os deveres e as obrigações para com elas sobrepõem a privacidade hipócrita que é instituída. Portanto, como profissional responsável, tem-se direito de intervir, pelo cuidado de infantes e adolescentes, nessas famílias quando as mesmas apresentarem algum indício de violência doméstica.

Porém, deve-se entender que, muitas vezes, a omissão está permeada por sentimentos de medo, de ameaças. Muitas famílias ainda têm o homem como o único responsável do sustento familiar e, acreditam que somente ele pode oferecer condições dignas às necessidades desta. Por isso, nesse sentido, cria-se, de certa forma, uma dependência que sobrepõem aos malefícios que a violência pode acarretar.

Eu acho que a maioria das pessoas tem medo de denunciar mesmo, porque é sustentado mesmo, porque é o marido a única fonte de renda (Tmolus).

Porque não tem um tipo de apoio eficiente, ele (pai) é o provedor da família, ela (mãe) não tem estudo, não tem nada, eu vou denunciar e daí [...] (Arita).

Quando se aborda a questão das relações intrafamiliares, observa-se a dificuldade que se tem, principalmente, nos casos de violência doméstica, de interagir com essas famílias. Gomes (2002, p. 709) reforça esse aspecto quando diz que:

A família que deveria ser o seio no qual a criança cresce e se desenvolve de forma harmoniosa torna-se fonte de dor e de sofrimento e o ambiente familiar, contraditoriamente, de amorosa passa a ser vista como ameaçadora.

Reforça-se que, trazendo a família para iniciar uma discussão sobre a problemática da violência doméstica e desmistificando alguns aspectos que a permeiam, pode-se contribuir para uma intervenção mais harmoniosa tanto para a criança e o adolescente vitimizado quanto para a sua própria família.

Bonetti e Wiggers (1999, p. 484) referem que

deva ser possível uma abordagem que considere a ótica em que situações de violência sejam estruturalmente de valores e relações sociais vivenciadas por indivíduos concretos [...] desta forma, cada situação de violência pode ser pensada dentro de um contexto específico em que as diferentes experiências dos indivíduos são consideradas, tentando escapar de uma interpretação parcial que enfatiza somente as faltas.

Acredita-se que existam outros fatores que influenciam e que gerem outros questionamentos, ou seja considerados como dificuldade em abordar essa temática. No entanto, considera-se que os aspectos abordados acrescentam e são relevantes no cuidado diário.

Biasoli-Alves (1999, p. 66) diz que

devemos visualizar a Família segundo um modelo direcional que implica de um lado os muitos fatores de impacto que atuam sobre ela com a pobreza, etc..., mas de outro, também buscar identificar como ela reage, de que meios lança mão para interagir com o social e /ou para se defender.

Percebe-se que, atualmente, a questão da família no cenário do cuidado a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, já alcançou discussões mais teóricas e chegou a ser vista como política pública. Ela propõe e preconiza uma ação interdisciplinar, na qual as profissões envolvidas se voltem para a construção de estratégias, reduzindo, assim, a violência na sociedade através da família.

A Política Nacional de Redução da Morbimortalidade estabelece a ampliação de um atendimento interdisciplinar que assegure apoio médico, psicológico e social das famílias, como os serviços de atenção às famílias com dinâmicas violentas que já existem no País (UNICEF, 2006, p. 29).

Ratifica-se que certamente a família, apesar de ser quase sempre a agressora e, também, cúmplice da violência doméstica, é certamente também vítima, principalmente da sociedade e dos fatores que as influencia, sendo produto das relações que se estabelecem entre todos os seres. Por conta disso, perpetuam suas fragilidades, frustrações e enfrentamentos sobre o modo de viver.

Contribuindo com essa questão, acrescenta-se uma reflexão de Marcon e Elsen (1999, p. 473) quando dizem que

as relações familiares são construídas no dia-a-dia, assim, concordamos que os filhos precisam de um ambiente que lhes permita a livre expressão de sentimentos, dúvidas, desejos e temores, mas eles também precisam de limites e, mais ainda, precisam reconhecer que na estrutura familiar todos têm direitos, mas também têm deveres; da mesma forma que todos podem participar das decisões familiares, com maior ou menor intensidade – dependendo de seu grau de desenvolvimento, desde cada um assuma sua parcela de responsabilidade

Contudo, o tema não se esgota, continua e se torna ainda questionável no meio, principalmente, porque os profissionais da saúde não a reconhecem como uma realidade complexa, não compreendendo muitos desses atos como forma de violência.

6.2 O profissional: quando a violência ainda promove questionamentos

Quando se propõe a encontrar novas possibilidades de cuidado a uma problemática, tem-se que reconhecê-la como problema e, através de suas vertentes, promover ações para ao menos minimizá-la. Porém, se não se perceber que determinada situação que se manifesta como negativa é contrária a uma compreensão mais racional, não se conseguirá chegar a uma dimensão maior do que aquela que se apresenta e ao objetivo proposto que é excluir a violência da vida dessas crianças e adolescentes. “Profissionais amadurecidos têm melhores condições de exercer sua prática e, conseqüentemente, colaborar para o resgate destas crianças da situação de violência em que se encontram” (JUNGBLUT, 1999, p. 449).

Com esse aspecto, vislumbra-se esclarecer que o profissional que cuidar das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, seja ela no âmbito do hospital, do ambulatório ou até mesmo domiciliar, e se não reconhecê-la como uma prática contrária à vida, não promoverá um cuidado desejado e digno, pois estará apenas remediando situações que poderiam, a partir de um olhar mais complexo, atingir uma harmonia entre seus membros. “Existem barreiras culturais e estruturais que se incorpora como prática cotidiana, como a dificuldade e a resistência dos profissionais de saúde em identificar e notificar maus-tratos” (GUERRA, 2001, p. 14).

Eu sei porque eu sou mãe, e na hora que eu perco a paciência, eu já dei, não vou dizer que, não [...] Tem horas que a gente perde as estribeiras, qualquer outro pai ou outra mãe pode fazer a mesma coisa, só que [...] claro que a gente como cuidador não vai chegar a esse ponto. Tu julgas o outro, mas a gente faz ou faria. Será que ele não reagiria daquela maneira também? (Tmolus).

Porém, o profissional de enfermagem deve ser visto e compreendido quando essas práticas fazem parte de sua vida e permeiam suas ações, pois, não

ocupam somente o papel de profissional, mas também o de pai ou mãe que tem uma história de vida, que sofreram influências da família, e ocupam o mesmo espaço na sociedade. Seu conceito de violência, muitas vezes, é aquele aprendido empiricamente, não foi lapidado e aprofundado por referenciais teóricos. Dessa forma, propõe-se um exercício para abrir espaço para os profissionais que trabalham com crianças sob situação de violência, para saírem do anonimato de suas tarefas, refletirem sobre ela e fazerem-se indivíduos críticos de si mesmos e do sistema (JUNGBLUT, 1999, p. 449).

Um tapa na bunda também não é violência!!! Uma palmada, uma única palmada na bunda que é um local que tem bastante carne, na hora certa e explicando o motivo, o porque que tá acontecendo, [...] eu não vejo isso como violência. Agora apertão na mão, puxão de orelha, falar palavras de mal, xingão, coisas desse tipo, sim aí eu acho que é violência, agora um tapa bem dado e explicar o porquê, eu vou defender até o fim que não é violência, um tapa bem dado, estabelece limites. Entende, eu sei que existe linhas que não admitem em hipótese alguma. Então eu acho que o limite ele é necessário, sim, e às vezes o limite, tem que ser um tapa na bunda e tudo (Calycopis).

Nesse caso, os profissionais que lidam com essa problemática necessitam despir-se de suas verdades absolutas que fazem parte de sua vida, e através do conhecimento teórico desvelar alguns preconceitos e certezas que permeiam suas práticas. Precisam ir além!!!! “Algumas práticas que, muitas vezes, são pensadas como violência, se pensadas dentro da visão de mundo dos grupos estudados, podem adquirir outros significados” (BONETTI; WIGGERS, 1999, p. 485).

O tapa foi a última alternativa que a gente aprendeu (Dynamine).

Nós aprendemos!!! Por que que a gente bate? Porque a gente já vem com aquela coisa assim [...] a minha mãe já bateu, mas ela nunca foi de deixar ninguém lanhado. Eu já reproduzi dar uns tapas nas últimas, mas eu não gosto de bater, eu nunca apanhei muito. Mas aonde eu me extrapolo é no berro, por quê? Porque a minha mãe berrava comigo, mandava eu calar a boca e não deixava eu chorar. Então a gente reproduz o que aprendeu [...] se a gente, se tu não tiver oportunidade de trabalhar a violência, tu vai reproduzir sim aquilo que tu aprendeu (Smyrna).

Nota-se, que a compreensão de que a violência propicia a educação não é somente reconhecida pelos pais, mas também pelos profissionais. Mas que educação seria essa? A do medo, do constrangimento, do detrimento a liberdade, do diálogo? Eles não deixam de ser pai ou mãe no momento de assistir sua clientela, certamente quando estabelecem seus cuidados, estes estão pautados na sua

cultura e no seu modo de viver. No entanto, muitos reconhecem e até questionam-se sobre seus atos. “Reconhecer-se indivíduo em sua prática é responsabilizar-se por ela, é reflexioná-la e aproximar-se dela, dentro de seu espaço de atuação, de sua realidade” (JUNGBLUT, 1999, p. 449). No entanto, existe um conflito importante, principalmente, no que se refere em ter de discutir sobre algo e não ter uma idéia esclarecida do fato. Como se a prática e a teoria divergissem a todo o momento.

Eu acredito que daqui uns 20, 30 anos a nossa concepção de educação seja outra, e vai mudar, vai ser pela conversa, pela privação de alguma coisa do que fazer. Porque tem famílias que já tratam assim. Mas a gente ainda faz aquilo que aprendeu. Eu também acho que dar um tapa na bunda na hora certa, não é uma violência, é uma forma educativa, porque a criança, às vezes, tá num frenesi que ela não te escuta [...] O perigo do tapa é a pessoa perder o controle e daí, como eu já... porque daí tu exagera. Porque tu vai a loucura com a coisa e quando tu vê já avançou. Eu não faço mais, mas eu já fiz. Tem um momento que dá a doida (Smyrna).

Mas é inconscientemente, parece que é um momento que tu sai de órbita, imagina se conscientemente ela queria fazer isso com o filho (Tmolus).

Para essa dificuldade, sinaliza-se que muito ainda deve ser feito. Primeiramente, como se trata de questões construídas na família e estas já foram enfatizadas, pensa-se que, para os profissionais de enfermagem, fica a necessidade de iniciar discussões sobre as violências nos bancos acadêmicos e desmistificar questões que a permeiam. Segundo Elsen et al (2004, p. 68), “suspeita-se que os cursos de graduação ainda não oferecem em seu currículo disciplinas obrigatórias sobre a problemática da violência doméstica à criança e ao adolescente, tampouco cursos de extensão sobre a questão da violência”.

Muitos profissionais da área da saúde ainda não conseguiram incorporar uma dinâmica educativa na qual os sujeitos devem participar da sua própria transformação e mudança da sua realidade. Com isso, utilizam, muitas vezes, seus conhecimentos para submetê-los a humilhações, acreditando que suas verdades são absolutas, diminuindo as famílias e também as crianças ou adolescentes vítimas de violência doméstica.

Às vezes até a própria família, ou a pessoa, já tá se sentindo mal, culpada, aí tu vem e afunda mais ainda, com as nossas teorias, achando que a gente sempre tá certa, [...] que a nossa opinião é que é a certa, é uma coisa bem complicada (Tmolus).

Eu acho que tu sempre deve procurar levantar a pessoa, e não afundar, porque ela já tá numa situação que não é boa [...]. A gente se acha no direito de ficar oprimindo, de olhar de cima para baixo para a pessoa (Phoebis).

O objetivo do profissional é evitar a revitimização tanto da criança ou do adolescente, como da própria família. Nesse sentido, é acolher para iniciar um cuidado ausente de preconceitos e, principalmente, valorizar qualquer manifestação de arrependimento, no qual a família reconheça seus erros, ou seja, deve partir da família, ao fazer uma análise sobre a situação apresentada, para esta dar-se conta do ato promovido.

O ponto mais forte ali é o acolhimento mesmo, de como a gente vai abordar e receber a criança ou adolescente no caso quem for e a família também (Tmolus).

Uma das finalidades de promover uma reflexão sobre essa realidade é fazer com que os profissionais adquiram uma postura e uma capacidade de visualizar uma situação e, a partir dela, construir várias possibilidades de cuidado, adquirindo uma nova forma de olhar para os acontecimentos e situações, não lhe restando condutas simplistas que não modificam a realidade.

Eu acho que todas as coisas abordadas foram importantes, acho que no conjunto para mim vai trazer um novo olhar, diferente do que eu tinha antes quando eu for atender uma família assim. Só que agora assim a gente vai refletir um pouco mais como eu devo realmente atender aquilo ali, de repente a gente tá atendendo tá fazendo as coisas, mas certas coisas que a gente tá fazendo ali são traumatizantes às vezes até assim um pouco agressivas. Eu acho que agora eu vou conseguir olhar com mais conhecimento e refletir mais, eu acho que atender de uma maneira melhor (Biblis).

O meu olhar sobre a questão violência, ele ficou muito mais aguçado, eu comecei até a ver minha prática cotidiana de outra maneira. Será que eu não tô sendo violenta, e eu comecei a ver atitudes minhas que antes eu achava normal, até brincadeiras e tal, como será que eu não tô invadindo, entende? Então eu acho que foi muito legal neste sentido, até num auto-encontro de tu te questionares mesmo valores, Divergências que existem e vão existir sempre de palmada, de não palmada, de ser dura de não ser. Com certeza muda olhar da gente, amplia, e isso é que é importante, é ampliar olhar (Calycopis).

Se eu me deparasse com uma situação que eu tivesse que assistir uma criança vitimizada e a sua família, eu ia ter um novo olhar e ter um pouco mais de paciência, porque sem querer a gente julga, eu ia ter mais paciência, eu ia saber ouvir melhor tanto a criança quanto a família (Calycopis).

Identifica-se, através das falas, que esse novo olhar está nascendo e está tornando-se uma premissa para assistir integralmente as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Percebe-se que os profissionais compreenderam o real significado de pensar complexamente e que, de muitas formas, pode-se tornar útil em situações como a problemática exposta.

Outra questão que merece destaque e se torna desmotivador para o cuidado dessas crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica é o sistema de apoio que os serviços de saúde oferecem às vítimas e sua família. “O enfrentamento da violência exige a efetiva integração dos diferentes setores, tais como a saúde, a segurança pública, justiça e trabalho, bem como o envolvimento da sociedade civil organizada” (FONSECA, 2004, p. 57). O sistema de apoio presente em muitas comunidades não proporciona e não oferece subsídios para que a vítima e sua família possam superar e permanecer digno diante dessa realidade: ter os seus direitos respeitados.

O que faria seria não trabalhar sozinha, porque isso não é coisa de um só, tem que ser uma equipe. Como o que falaram aqui de tu dividires com o outro profissional, te chama para a realidade, olha tu estás fugindo não é por aí, eu acho que é o único jeito de lidar com a situação (Smyrna).

O que eu faria, é que a gente tem que ter olhares diferentes, mas eu acho que a equipe multidisciplinar ia ser muito importante, porque tu ias procurar no outro profissional, uma maneira diferente (Phoebis).

Outro aspecto é o cuidado a esses profissionais que cuidam, pois muitos sentimentos emergem quando se discute essa problemática. “O processo de cuidar não pode ocorrer isoladamente; trata-se de uma ação e de um processo interativo entre ser que cuida para e com o ser que é ou será cuidado, caso contrário, o cuidado não ocorre” (WALDOW, 2004, p. 189). Quando alguém se torna profissional, acredita-se que está preparado para as situações que acometem a vida do ser humano, porém ao se deparar com essas questões, percebe-se que se tem inúmeras fragilidades e que elas também precisam ser trabalhadas. Giovinco (1999, p. 523) diz que “que uma pessoa sem um desenvolvimento adequado da consciência social não pode levar uma vida significativa. A premissa de uma pessoa íntegra e autêntica está calcada na consciência social”.

Acho que o que tem que continuar sendo trabalhada é a questão do profissional, porque querendo ou não, ele não é somente o profissional, é um ser humano também, então, muitas vezes, a gente acaba colocando

pra gente, tomando as dores, se fosse com um filho da gente coisa assim, então lidar mais com o psicológico do profissional, porque querendo ou não é uma coisa desgastante, estar sempre conversando com estes profissionais, que atuam nesta área para ver as dificuldades deles, o que eles sentem né, querem algum apoio (Arita).

6.3 A violência: a aquisição de uma sociedade

Essa categoria não foi destacada no início das discussões, porém representa a convergência das dificuldades pessoais e profissionais do cuidador e da família que se enfrenta ao discutir essa problemática, como refere Morin (2002, p. 10) “deveríamos, portanto, ser animados por um princípio de pensamento que nos permitisse ligar as coisas que nos parecem separadas umas em relação às outras”. Essa questão está resumida na fala de Calycopis, quando ela diz que:

A diversidade cultural é que vai influenciar esses homens.

De certa forma, a sociedade desempenha um papel singular nas relações sociais, seja negativa como a violência, com a guerra, ou positiva como a liberdade, o respeito. E o modo como a sociedade se integra, se relaciona, compartilha é que vai promover nas pessoas certas qualidades ou defeitos, cujas relações e diversidades são predeterminadas por movimentos sociais, políticos da história, e influencia diretamente nas condutas. Portanto, essa diversidade necessita estar presente na sociedade para que mudanças e transformação de pensamentos ocorram, existindo uma conscientização a partir da realidade imposta.

De uma maneira ‘positiva’ não podemos rejeitar a realidade de uma hostilidade entre os homens [...] é mais conveniente interpretar as modulações históricas e sociais de tal hostilidade, ou antes, num primeiro momento, compreender que essas modulações baseiam-se numa constante (MAFESSOLI, 1987, p. 15).

Como diz Guerra (2001, p. 31) “a violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência”. A violência é uma problemática que está enraizada na sociedade e que permeia séculos os lares dos seres humanos. Ela sofre algumas influências, como econômica, pois a população de baixa renda presencia com mais freqüência a violência no seu cotidiano, porém ela não deve ser

uma premissa, pois sua natureza é fundamentalmente pautada nas relações entre as pessoas, o que a faz estar presente em todas as classes sociais, como diz Guerra (2001, p. 31) “é um tipo de violência que permeia todas as classes sociais como violência de natureza interpessoal”. Está presente no modo de viver e de ver o mundo e sua relação com o próximo. Portanto, deve-se estar atento com as condutas e não tomar como ponto de partida o nível sócio-econômico como predisposição para tal prática.

Além disso, também sofre influências sociais, que segundo Guerra (2001, p. 31) é “a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade em um momento determinado de seu processo histórico”, pois a população determina suas relações através de estereótipos predeterminados por ela mesma e, conseqüentemente, determina suas relações e impede que as mesmas aconteçam harmoniosamente ou que aconteçam de forma violenta. O sistema de referência dado por nós pretende, nesse sentido, revelar que as diversas produções teóricas que se analisou são igualmente discursos do social e não somente sobre o social (MAFESSOLI, 1987, p. 21).

[...] é pobre é rico, [...] não tem, depende da cabeça de cada um, de como tá vivendo (Dynamine).

Também se pode perceber que hoje na sociedade a violência está tomando proporções incompreensíveis. A ambição, o egoísmo e a necessidade de ter mais, estão fazendo com que o ser humano, desrespeite o próximo para alcançar seus objetivos. A falta de amor, de compaixão e de ternura está perdendo espaço para a maldade, para a crueldade. Restrepo (1998, p. 53) contextualiza bem essa constatação quando diz que

a distância entre a violência e a ternura, tanto em seu matiz tátil como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz nessa disposição do ser terno para aceitar o diferente, para aprender dele e respeitar seu caráter singular sem querer dominá-lo a partir da lógica homogenia da guerra.

Outra questão que está arraigada na sociedade e também dificulta o cuidado à criança e ao adolescente vítima de violência doméstica, é a denúncia. Ela está diretamente relacionada ao modo como se compreende a violência e o seu

papel frente a ela. Segundo o Artigo 13 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL,1990, p. 6), “os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra a criança ou adolescentes serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais”. A denúncia é uma arma importante que se tem contra a violência, pois ela pode vir do próprio lar como da vizinhança, da escola, do hospital, ou seja, de qualquer lugar onde se pode presenciá-la. Infelizmente,a família, muitas vezes, não deve ser considerada como aliada desse ato, pois como já foi discutido não exerce adequadamente seu papel, porque alguns fatores a impedem de denunciar. Nesse caso, fica com a sociedade a responsabilidade do ato, principalmente com profissionais que, cotidianamente, vivenciam com essa clientela. No entanto, o que se percebe é que existe uma resistência da própria sociedade de fazer a denúncia, pois se acredita que, se isso ocorrer se está infringindo certos preceitos de privacidade, de intimidade que os membros da família exercem entre si.

As pessoas têm que ter precaução, mas não deixar de denunciar, senão a coisa vai virando uma bola de neve (Arita).

O que necessita ficar claro e ser compreendido pela sociedade em geral é que a denúncia é um dever, uma obrigação de todo o cidadão, principalmente porque se algum tipo de violência estiver acometendo alguma criança ou adolescente, esse cidadão está sendo cúmplice e conivente com o agressor. Para essa responsabilidade social, o artigo 245 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL,1990, p. 36), em relação às infrações administrativas determina que:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra a criança ou adolescente: pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

A importância da denúncia demonstra também que se está preparado e alerta sobre a violência doméstica, pois, ao pressupor ou identificar uma vítima, se demonstra, com esse ato, de que se tem conhecimento para realizá-lo e, provavelmente, representa que, de alguma forma, se está preparado para lidar com essa problemática. O que se necessita, nesse caso, é a conscientização do papel de todo cidadão na sociedade através de medidas educativas sobre essa prática e a

promoção do Estatuto da Criança e do Adolescente como ferramenta para a execução das responsabilidades.

A criança e adolescente vítima de violência doméstica quando tem capacidade de denunciar, também vivencia incertezas. Provavelmente porque existem alguns obstáculos que dificultam a revelação desse ato como:

- a) o amor que existe entre o agressor e a vítima, o agressor o pai ou a mãe, a vítima, no caso, a criança que incondicionalmente tem amor pelos pais que sobrepõe a violência acometida;
- b) a dependência sócio-econômica entre os membros, a criança ou adolescente dependem financeiramente e socialmente de seus pais e necessitam deles para o desenvolvimento de suas vidas, relacionam, assim, a denúncia com a privação de necessidades básicas humanas; e
- c) o medo, que representa, para a criança e o adolescente, mais atos de violência, esses sujeitos vivenciam mais essa problemática quando delatam seus agressores, tendo como resultados mais atos de violência.

Segundo Guerra (2001, p. 21), “numa negação do valor liberdade: ela exige que a vítima seja cúmplice do adulto, num pacto de silêncio”;

A criança que é violentada ela acaba se calando, talvez pelo medo de ser violentada de novo. A denúncia, muitas vezes, envolve outras coisas piores, dentro da família, o que vai causar para o meu pai para minha mãe, então o violentado realmente ele se cala, ele não vai falar, muitas vezes a violência aparece por quê? Porque alguém viu ou porque alguém falou, ou por um acaso se descobriu. Difícil daquele que é violentado, de chegar e de falar, e abrir isso. E acho que em outras situações, será que a pessoa não vê aquilo como uma coisa normal. Ela ama o agressor (Smyrna).

Cottle (1993, apud GUERRA,2001, p. 53), quando fala sobre os sentimentos das crianças e adolescentes vítimas de violência física e que, geralmente, também são obrigados a guardar segredo sobre isso.

Estamos sozinhos com os nossos segredos; não há ninguém que possamos abraçar [...]. E, se não existe contato, toque ou liberdade de falar, por assim dizer, não pode existir o sentimento de que uma pessoa está cuidando de outra. se não consigo exprimir os meus sentimentos, não sou passível de amor, não tenho vida.

O resultado da denúncia deveria ter dois caminhos: primeiro, o caminho que leva a vítima a conviver novamente com os familiares, no qual ambos, após as intervenções necessárias, fossem assistidos e acompanhados integralmente para que não reincidisse e, o segundo caminho, seria um atendimento especializado para

ambos, tanto para a criança que necessita continuar crescendo e desenvolvendo quanto para a família que necessita repensar e refletir sobre suas práticas para que não violente novamente.

Contudo, independente dos resultados da denúncia ou que caminho essa obteve, não se pode e não se deve acreditar que, mesmo a criança e o adolescente vivenciando a violência doméstica, não possa modificar também a sua realidade a partir das experiências que obteve durante esse momento de vida e, possivelmente, isso irá ocorrer se existir uma ação imediata com cuidados à criança, adolescente e sua família logo que ocorra a violência doméstica. Intervenção de profissionais da saúde, educação e demais áreas que, direta ou indiretamente, presenciam essa problemática é a chave para impedir que a violência se perpetue. No entanto, a sociedade, de uma maneira geral, não acordou para sua importante participação nesse processo.

Tudo vai depender do acesso e das oportunidades que eles vão ter, de educação, de trabalho. Por mais violência que eles tenham lá fora, pode mostrar outro rumo (Arita).

Oportunidade é o que esses sujeitos necessitam para quebrar esse ciclo e, condicionalmente, experienciar novo modo de vida que vai proporcionar um futuro melhor. Enquanto a sociedade não mobilizar sua capacidade de transformação, utilizando seu conhecimento percebe-se que a violência não será excluída dela.

[...] geralmente a criança que sofria violência, quando criança e quando adolescente..., não é que todos, mas o que sofria violência sexual, praticava a física, se sofria a física praticava a sexual. Não quer dizer que necessariamente a pessoa vai praticar a violência, mas é um parâmetro. É como se fosse latente, ela pode [...] como se num momento ela [...] (Phoebis).

Novamente, ratifica-se a importância de todos os membros da sociedade, independente de ser profissional, educador, familiar e a própria vítima, aparecer também nessa discussão, pois existe uma responsabilidade que vai além do status que se possui na sociedade, ou seja, é o compromisso que se tem com o próximo e a certeza de que, através de um conjunto de ações desenvolvidas em conjunto, possa determinar relações mais harmoniosas entre os seres humanos.

Saber que as condutas diante dessa problemática contam com aliados importantes determinam o resultado esperado. Como sociedade, se deve reivindicar que, conjuntamente, exerçam adequadamente seu papel nesse contexto, e se acredita que a legislação vigente presente no Estatuto da Criança e do Adolescente seja é o principal responsável junto com os órgãos para promover os direitos desses sujeitos. No entanto, o que se presencia é que a maioria da sociedade não acordou para o ECA e, não se articula para que, conjuntamente, possa mobilizar-se contra esse mal, utilizando suas forças para enfraquecê-la. “De maneira geral, não há diálogo sistematizado entre o sistema de saúde, os Conselhos Tutelares e outros atores de proteção à criança, como Poder Judiciário, escolas e Ministério Público” (UNICEF, 2006, p. 29).

Conscientização é o que necessita se adquirir para que a sociedade se dê conta da sua grande responsabilidade social para que a violência presente na vida de muitas crianças, adolescentes e suas famílias seja apagada. Acredita-se que todo esse mal será excluído quando toda a sociedade unir-se e complementar-se para transformar sua realidade.

Em vista disso, deveriam existir outras dificuldades presentes na sociedade, que não somente essas apresentadas e que são inerentes à família e ao profissional que assistem essa clientela. Contudo, percebe-se que, para os sujeitos deste estudo, elas foram consideradas as mais relevantes. No entanto, dentro dessa categoria, a questão do poder foi levantada e discutida, e se enquadra os aspectos de relação que se estabelece na sociedade, predispondo uma violência pouco visível, porém que deixa muitas marcas.

6.3.1 Poder ou dominação?

Uma questão cultural presente na sociedade e que determina certo *status* entre seus membros é um poder que se exerce sobre o outro. É um olhar, uma palavra, uma atitude ou uma ação que alguém exerce sobre o outro, considerando-se mais forte, proporcionando uma sensação de bem-estar. No entanto, essa questão de poder não está bem esclarecida na sociedade, o que remete a repensá-la e discuti-la como fator que contribui para todos os tipos de violência existentes

nela. Sabe-se que é algo exercido pelo mais forte sobre o mais fraco, do homem sobre a mulher, do adulto sobre o idoso e sobre as crianças e aos adolescentes.

É que nem a questão do empoderamento que tu dá para a pessoa, quando a pessoa é ciente, sabe dos direitos e dos deveres dela, principalmente dos direitos, ela se empodera daquilo, porque ela sabe que não é. Eu vejo assim nesse processo, o poder da sociedade sobre a família, o poder da enfermagem em cima daquele pai, se acha super certo e o pai totalmente errado. [...] o pai ou o adulto se achando [...], pode ser qualquer outro adulto até nós, a gente praticando violência contra a criança, o maior sempre se achando o mais forte em relação à criança, ao mais fragilizado (Phoebis).

Em determinados momentos da vida, quando se cuida dos filhos, dos pacientes e de pessoas que estão ao redor, acredita-se que esse cuidar é o melhor, que essas ações são as mais adequadas, sendo que, nesse momento, se impõe às vontades e os desejos, sem aferir se o outro está de acordo e se aquilo lhe trará satisfação. Palavras de negação são utilizadas como instrumentos aos caprichos, impedindo que o direito de ir e vir, da descoberta do novo seja alcançado. Em muitos momentos, a tentativa de obter uma certa disciplina estapola a liberdade do outro quando o impede de fazer suas escolhas e promove a violência, pois limita o outro de ser ou de fazer algo.

“É um abuso e transgressão do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis, convertendo a diferença de idade, adulto-criança/adolescente, numa desigualdade de poder intergeracional” (GUERRA, 2001, p. 12). Mas será que essa força exercida de maneira contraditória é poder ou dominação? Se se expressa erroneamente quando se diz que o pai ou filho em situações de violência exerce poder sobre seus filhos, pois poder

é uma força que alguém tem e que a exerce visando alcançar objetivos previamente definidos. O poder pode ser exercido de diferentes formas e em sua forma autoritária ele é validado autovalidado pela autoridade de quem o detém e decide. Os adultos estão “autorizados” socialmente a exercer poder sobre crianças e adolescentes, poder necessário à socialização destes, como por exemplo, o pátrio-poder e o poder do professor sobre os alunos. No entanto, é muito importante distinguir o poder violento do poder não violento. O poder é violento quando nega ao violentado seus direitos, quando é atentatório ou destruidor da identidade do dominado (UNICEF, 2004, p. 28).

Ou seja, pode ser resumido como o direito que os pais tem sobre seus filhos no intuito de oferecer algo que eles não tem como decidir, poder de levá-los à escola, de dar banho, ter direito ou razão. O poder de dominação é a repressão, a

influência e a autoridade, ou seja, a criança e o adolescente não expressam suas vontades, não são respeitadas como seres em desenvolvimento.

A partir do momento que tu impõe a tua opinião, sobre uma criança, é que tu não consideras ela sujeito, e sim objeto (Calycopis).

A gente aprende até posturas, que quando tu queres falar tu [...] vê a pessoa de cima para baixo é uma cultura de poder (Phoebis).

Existe uma linha tênue entre essas duas definições que devem ser esclarecidas para que não se cometam erros injustamente. E, a pretensão de esclarecê-las é que quando se tem domínio sobre outra pessoa, ela se torna em sujeito-objeto.

Segundo Guerra (2001, p. 13),

é uma relação sujeito-objeto onde os filhos devem satisfazer as necessidades dos pais, pesa sobre eles uma expectativa de desempenho superior às suas capacidades, são vistos como pessoas criadoras de problemas....devem aprender que são responsáveis, onde as causas dos problemas são individuais, ou seja, em si mesmos, devem se hipostasiados como culpa e jamais remetidas a questões mais amplas que se interliguem a problemas familiares, sociais.

É um processo de vitimização como forma de aprisionar a vontade e o desejo da criança ou do adolescente, de submetê-la ao poder do adulto a fim de coagi-lo a satisfazer os interesses, as expectativas e as paixões desse, essa vitimização, às vezes, se prolonga por vários meses e até anos (GUERRA, 2001, p. 13)

Nesse aspecto, compreende-se que a violência apresentada se caracteriza como violência simbólica, violência sem sangue. L'Apicciarella (2006, p. 1) a define como “o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados”. O mesmo autor refere que nessa violência, o dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima desse processo, ao contrário: o oprimido considera a situação natural e inevitável.

Já Costa (1986, p. 3) entende por violência simbólica:

[...] toda imposição de enunciados sobre o real que leva a criança a adotar como referencial exclusivo de sua orientação no mundo à interpretação fornecida pelo detentor do saber. O indivíduo cronifica a posição de dependência e perde ou amputa a capacidade de criar seu próprio elenco de significados.

Os significados coletivos, já sem a coletividade que os provaram e estabeleceram, ocupam o lugar do sentido (particular), o que resulta na dependência radical do sujeito a circuitos intransigentes de entendimento da realidade.

È um processo de vitimização, como forma de aprisionar... é bem aquilo que a gente já falou, sempre do maior para o menor, o desejo do mais velho sempre se sobressai, tem que ser aceito é coagido, é ordenado, não tem direito a discutir, a dar a sua opinião, então eu acho que é bem isso, e daí isso se prolonga às vezes (Tmolus).

Discutir o aspecto da problemática da violência é identificá-la como complexa no contexto em que ela surge. A forma como se irá encarar determinada situação, será a partir das experiências sobre o poder ou a dominação que se exerce, sendo que uma discussão propiciará, portanto, uma melhor compreensão da violência e conseqüentemente, das ações promotoras para o cuidar-educar idealizado.

6.4 Novas possibilidades de educar- cuidar: a construção possível nos encontros de borboletas

A riqueza de todo o processo de desconstrução é a construção do novo e a descoberta de que o conhecimento transformou-se em algo que diferenciara o cuidado prestado adiante. Esse item permite reconhecer como os sujeitos deste estudo, transformaram seu conhecimento e estão no caminho para modificar sua realidade. Trazer as contribuições produzidas pelos sujeitos reflete a dimensão conquistada e a relação estabelecida entre mim e os sujeitos, resgata a singularidade de cada um e a pluralidade do todo. Nessa etapa, os sujeitos foram provocados através das discussões, a partir da troca de conhecimentos no processo educativo-interativo, tiveram a oportunidade e foram estimulados a construir, elaborar e organizar novas possibilidades de cuidados e justificá-las.

Foi considerado por mim o momento mais precioso de todo o processo e proporcionou os cuidados abaixo descritos. Foi um momento que permitiu que a grandeza de seus espíritos pudessem refletir a compreensão em relação à violência doméstica. “No cuidado, identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir” (BOFF, 2004, p. 12).

As novas possibilidades de cuidados foram categorizadas naquelas relacionadas às crianças, adolescentes e seus familiares vítimas de violência doméstica, aos profissionais que assistem essa clientela, bem como a sociedade de maneira geral.

6.4.1 Cuidado às crianças, adolescentes e seus familiares vítimas de violência doméstica

1) Reconhecer a violência como violência

Se se analisassem todos os conceitos e definições realizadas pelos pesquisadores que contribuem para a compreensão da violência doméstica contra crianças e adolescentes, se encontrariam falas distintas e, muitas vezes, discordantes. Cada pesquisador possui um referencial teórico e metodológico sobre algo, seu contexto de vida se difere e os significados que atribuem para coisas estão relacionados ao seu conhecimento. O mesmo acontece com aqueles que vivenciam esse processo, as crianças, adolescentes e suas famílias, sendo que seus significados também são construídos a partir de suas experiências e vivências.

a) Contribuição dos sujeitos

- Compreender e investigar o que levou a prática da agressão: trabalhar o conceito.

Porque como a Zera já falou também, pode ser que a agressão é uma forma de educação. Então aquele pai ou aquela mãe que agrediu a criança pode acontecer durante a infância deles, foi dessa forma que foram educados. E para eles isso faz parte do crescimento e desenvolvimento da criança. A gente tem que investigar, e de alguma forma estar tentando compreender esse tipo de comportamento. A gente acredita que a partir desse cuidado a gente vai conseguir trabalhar com o preconceito que ainda é emergente na sociedade (Callidula).

A família e seus membros, principalmente a criança e o adolescente vítima de violência doméstica, precisam reconhecer que foram vítimas e/ou realizaram uma violência. As ações para quebrar esse ciclo necessitam ter como pressuposto de

que a violência foi reconhecida e é entendida como violência, para que o ato realizado e outros presentes não ocorram mais. Exige-se também desmistificar alguns fatores que a promovem, como por exemplo, a sua utilização para educar e disciplinar. As ações para alcançar esse cuidado, certamente estarão presentes nas trocas de informações que podem ocorrer de diversas formas e diferentes lugares, no ambulatório, na sala de espera dos centros de saúde, durante a internação e na alta hospitalar, nas escolas, em todo o lugar onde se possa estabelecer uma relação de confiança.

2) Proporcionar uma abordagem com confiança

A confiança se estabelece quando se cria uma relação de reciprocidade com o outro, e essa porventura ocorre, quando nessa relação houver certa empatia. Determinar essa relação não é tão simples como se pensa, mas é possível. O vínculo que se formará, possivelmente, estará construído quando o profissional perceber a real necessidade daqueles membros e procurar meios para minimizar suas inquietações.

a) Contribuição dos sujeitos

- Propiciar momentos de diálogo com a criança e com a família para favorecer e formar vínculos. Trabalhar a cumplicidade ajuda a lidar com os sentimentos da criança e do adolescente e família, facilitando os encaminhamentos.

A gente acredita que através do diálogo se consegue trabalhar a cumplicidade, a lidar tanto com o sentimento da criança e do adolescente e a família, e os nossos sentimentos também (Myscelia).

A forma como se aborda a clientela que se assiste diverge nos resultados esperados, principalmente, quando a clientela em questão é a que foi apresentada. Estar junto, possibilita que o profissional e o seu cliente caminhem juntos por um mesmo caminho e em um único sentido, possibilitando uma recomposição mais adequada daquela situação. A confiança que se conquista em uma relação beneficia

tanto o profissional que se permite ir além nas suas ações, quanto à família e seus membros que se dispõem a participar desse processo.

3) Resgatar a família como cuidadora

Como já foi discutido anteriormente, a família tem um papel fundamental em toda e qualquer problemática que envolva seus membros. Nesse sentido, torna-se uma grande aliada em todo o processo de sua estruturação. Muitas famílias não percebem ou reconhecem a importância do seu papel na vida de seus membros, principalmente como a responsável pela efetivação do seu papel na sociedade.

a) Contribuição dos sujeitos

- **Orientação à família quanto às conseqüências da vitimização.**
Desenvolver trabalho de educação em saúde às famílias internadas.

Ali onde estava cumplicidade, daí assim tu criar este espaço de discussão com a família do que quantas conseqüências podem vir de uma situação como esta, onde tu estares apoiando ou acobertando as coisas que estão acontecendo, achando que está fazendo um bem ou tentando causar um mal menor de repente ta causando mais mal ainda. Desenvolver um trabalho de educação em saúde das famílias internadas, a gente tem no planejamento esta educação em saúde, mas a gente tava discutindo aqui virou uma coisa como uma obrigação do enfermeiro, quando que não é. E que bom pode ser as pessoas que estão aqui que pode começar com isto, porque a gente tava falando em educação em saúde, nós tava até falando na rede, mas isto é uma coisa que a gente não tem que gerenciar lá fora, então que comece aqui dentro que espaço que a gente tem é o aqui de dentro e aqui que tem que [...] (Smyrna).

A família deve sentir que pode, através do seu cuidado, modificar a realidade de seus membros, pois ela necessita sentir-se útil e importante nesse processo para perceber sua participação singular. Toda a equipe interdisciplinar pode e deve estar envolvida nessa ação, cada um realizando de maneira única seu cuidado, porém acredita-se que isso deve ser uma continuidade. A Enfermagem, em especial, por permanecer em maior contato com a clientela, principalmente, na hospitalização, tem maior disponibilidade para, a qualquer momento e através de

seu cuidado, desenvolver medidas preventivas e elucidativas sobre a violência doméstica. No entanto, para isso todos devem participar de atualizações e aperfeiçoamentos sobre determinada problemática.

4) Cuidar da alma e não apenas do corpo

A violência doméstica é mais conhecida pelas marcas deixadas no corpo, principalmente por ela permanecer mais visível, porém, é na alma que alcança proporções devastadoras que são acompanhadas ao longo da vida, por anos e por gerações. A violência perpetuada na alma desenvolve sentimentos negativos e promove um espírito violento. Ela contamina a sociedade, pois as relações que se estabelecem não promovem outros sentimentos que não esses e, também, porque é através da essência que se multiplicam o amor, a ternura (matéria do cuidado), o respeito mútuo, conseqüentemente uma alma violenta só poderá disseminar essas propriedades se estiver liberta.

d) Encaminhar a criança e a família para um atendimento psicológico ou terapia, e para serviços de apoio da comunidade

Tanto a família quanto à criança, elas vão precisar de um atendimento psicológico, que nem sempre nós vamos estar preparados para isso, para fazer algum tipo de terapia e na alta desta criança e família como elas vão ficar na comunidade. Procurar um serviço de apoio nos postos através do planejamento da equipe de PSF para poder dar continuidade neste trabalho (Myscelia).

Porque ela chegou aqui num momento em que houve uma agressão que precisou de hospitalização, mas pode ser que esta criança seja agredida diariamente, então preciso que ocorra alguma supervisão, para ver se não vai haver uma nova agressão (Callidula).

Esse cuidado com a alma deve ser contínuo e acompanhado no domicílio, principalmente logo após a alta hospitalar, devendo se encerrar quando toda a família compreender que a violência não deve fazer parte de suas vidas.

6.4.2 Os profissionais que assistem esta clientela

1) Promover e atualizar a temática da violência doméstica junto aos profissionais que os assistem

Muitos profissionais, no caso os de Enfermagem, durante toda a sua trajetória acadêmica tiveram pouquíssimo ou quase nenhum contato com a violência doméstica contra crianças e adolescentes, principalmente nos bancos acadêmicos e nos estágios ambulatoriais e hospitalares. Os profissionais envolvidos nesse processo devem sentir-se preparados e atualizados sobre qualquer temática que faça parte do seu cuidado. O conhecimento fortalece o ser humano para os enfrentamentos que possam presenciar e promove melhora significativa no cuidado, pois com o conhecimento adquirido se tem maiores e novas possibilidades deste. Quando esses enfrentam a realidade da violência doméstica, possuem poucos subsídios para enfrentá-la. Nesse sentido, as instituições devem oferecer suporte para que os profissionais possam adquirir conhecimentos sobre a mesma e oferecer contribuições para confrontá-la.

a) Contribuição dos sujeitos

- Desenvolvimento de educação continuada: auxilia no preparo, dá segurança profissional, aumenta o conhecimento e facilita lidar com os sentimentos, proporciona apoio e forma profissionais habilitados.

Porque na verdade ela vai te dar suporte para ti poder atender melhor a criança e a família. O resgate dessa problemática te faz entender cada vez melhor. Porque na verdade é um exercício de compreensão do ser humano. Tu não tens que ficar julgando, tens que dar um cuidado de qualidade (Phoebis).

- A capacitação permanente obrigatória para a equipe de enfermagem

E eu concordo com a Phoebis que isto tem que ser ampliada para toda a equipe e isto que é importante. A Zera promove um trabalho deste que, na verdade, tá capacitando a gente para alguma coisa, e vem sete seis pessoas então por isto que a gente tá colocando como obrigatório que fosse algo dentro do programa de planejamento da unidade para estar lidando com estas coisas e, assim permanentemente. Eu acho que é importante por que não adianta tu fazer uma capacitação agora e esquecer ela porque morre, morre o conhecimento até porque não é uma coisa que a gente pega todo dia. Então sei lá de seis em seis meses ou de quatro em quatro meses, dependendo que como estiver a unidade em relação a isto,

mas acho que, enquanto não fosse todo mundo capacitado, tinha que ser sistemático. Esta capacitação assim, bem como tu estas fazendo o que é violência, que tipo de violência e como lidar (Smyrna).

As instituições em suas ações para a melhoria da assistência necessitam ter uma educação continuada/permanente sobre essas temáticas, principalmente porque se considera que seja um compromisso que a instituição deve estabelecer com sua clientela, ou seja, oferecer um cuidado de qualidade por profissionais que o realizem efetivamente. No entanto, para que essas práticas sejam consideradas importantes, a conscientização, de que seu interesse trará benefícios tanto para os profissionais quanto para a clientela, se torna o fator-chave. Enquanto os profissionais não perceberem a importância de estarem discutindo sobre isso no ambiente de trabalho e reconhecerem que o cuidado é inerente a essas práticas, todas as forças para modificar algo estarão comprometidas.

2) Assistir com qualidade, um dever da enfermagem e um direito da criança/adolescente/família

Mais uma vez está no cuidado prestado pelos profissionais que se obtém uma assistência integral às necessidades da criança, adolescente e sua família. A revitimização é uma das situações mais comuns que as crianças enfrentam em suas internações e é o resultado do despreparo e incapacidade que os profissionais têm ao defrontar-se com isso. Portanto, se refere à insensibilidade que alguns profissionais têm ao resgatar a violência solicitando ao outro descrevê-la sem que essa descrição lhe fosse útil. A revitimização significa para a criança, para o adolescente e sua família, reviver a violência doméstica sem que ela necessitasse acontecer.

a) Contribuição dos sujeitos

- Encaminhar à comissão de ética da enfermagem, profissionais que agirem de maneira inadequada.

Daquele profissional que chegou e manifestou publicamente a situação da criança. Então se tu tens uma unidade, vamos idealizá-la com profissionais capacitados para estar atendendo esse tipo de criança e, de repente, vem um profissional de uma outra instituição ou de uma outra área e acaba colocando tudo por água abaixo, o trabalho que há tanto tempo tu está

tentando levar adiante, então foi nesse sentido. Então, porque a gente pensou numa educação continuada de verdade, e incluindo nessa educação continuada não só os profissionais que fazem parte do quadro de funcionários aqui, mas que isso se pudesse se estender. Porque nem todo mundo tem a oportunidade de está fazendo um curso de especialização, então foi nesse sentido que a gente colocou aqui (Callídula).

3) Cuidar de quem cuida

Quando os profissionais de saúde se deparam com essa problemática em seu local de trabalho, como já se observou, inúmeros questionamentos e dificuldades surgem. Elas não afetam apenas o cuidado realizado, propiciam que esse ser experiencie momentos de dor, angústia e raiva, por estar juntamente com aquela criança, adolescente e família vivenciando aquela situação. E, certamente, muitos profissionais não sabem lidar com essas inquietações, ficando extremamente fragilizados, afetando tanto sua vida pessoal quanto profissional. Os profissionais de saúde, principalmente a equipe de enfermagem, compartilha quase todo o processo da violência na vida desses seres, precisando, assim, estar fortalecida para tais situações, além de terem um cuidado mais direcionado e propiciado no ambiente de trabalho.

a) Contribuição dos sujeitos

- Oferecer apoio psicológico aos profissionais que estão expostos a esse tipo de situação.

Porque, às vezes, a gente acha que é capaz de superar tudo isso, que com a educação continuada a gente vai conseguir lidar com todas as situações. A gente é um ser humano, e pode fraquejar em alguns momentos e em muitos momentos. Então para estar atendendo essa situação que, na maioria das vezes, para gente é contraditória, vai contra os nossos princípios, então precisamos ter algum amparo, algum apoio que a gente acha que neste momento poderia nos estar proporcionando é o serviço de psicologia ou de terapia (Callídula).

4) Integrar interdisciplinarmente todos os profissionais envolvidos nesse processo

Agir coletivamente reúne conhecimentos que se complementam e possibilita uma intervenção com mais qualidade. Cada profissional tem suas

especificidades para atender sua clientela, e, quando vários profissionais se unem para cuidar, investem todos os seus conhecimentos e proporcionam um cuidado integral.

a) Contribuições dos sujeitos

- Criação e ampliação do fluxograma do protocolo de apoio à criança vítima de violência e, contra-referência do atendimento no centro de saúde responsável pela família para posterior acompanhamento.

Existe um fluxograma da secretaria municipal para onde encaminhar, mas a gente não tem claro internamente...como fazer, a quem [...] aí nesse fluxograma pode incluir as contra-referências do serviço social, da psicologia, da medicina, porque morre por ali (Smyrna).

b) Contribuição dos sujeitos

- Criar e/ou fortalecer o apoio permanente de um grupo multidisciplinar para a família e para os trabalhadores.

Preconceito, tu tem que ter o apoio da equipe multidisciplinar. A coisa do vínculo [...], para tu conquistar a família tu tem que conquistar chegar poder dar orientação, tu tem que criar vínculo com a família, e vínculo não é uma coisa que se cria com a equipe toda. A família cria com um ou com outro, então além deste apoio, deste apoio multidisciplinar, pelo menos o que eu tava pensando e, acho que as gurias também são assim, é tu ter focos de discussão, poder trazer para um grupo as tuas dificuldades em lidar com aquilo, ter apoio da equipe, por exemplo, a Phoebis tá escalada para atender escolar, mas ela não tá bem para lidar com aquela situação. Então não vai ser a Phoebis, vamos outra pessoa que consiga lidar melhor com isto. Acho que isto é uma forma madura de se trabalhar (Smyrna).

Todas as contribuições e ações descritas partiram do olhar de cada sujeito, surgiu do modo como esses profissionais compreendem a violência doméstica e atuam sobre ela. Certamente são ações que poderiam fazer parte de qualquer intervenção, pois seu cuidado em geral representa as dificuldades dos sujeitos desta pesquisa. Muitas outras poderiam surgir, porém acredita-se que essas são únicas, pois foram construídas através de muita troca e conscientização do importante papel que a Enfermagem representa para as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não vemos o que vemos.
nós vemos o que somos
(Rubem Alves).*

Durante esta caminhada as dificuldades encontradas pelos sujeitos deste estudo foram levantadas, discutidas e repensadas através de um processo educativo-investigativo fundamentado em Paulo Freire e sua pedagogia problematizadora, com o Arco de Maguerez e o pensamento complexo. Certamente os resultados alcançados trouxeram muitas reflexões e, principalmente, contribuições para o cuidado que se deseja promover às crianças, adolescentes e suas famílias que vivenciam a violência doméstica. Apesar de toda a discussão, percebe-se que algumas dificuldades ainda estarão presentes, principalmente, porque estas são inerentes à nossa essência, uma vez que "é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente" (FREIRE, 1996, p. 53).

Desta forma, foram alinhados alguns tópicos para evidenciar a caminhada realizada e as possibilidades que a mesma propiciou.

7.1 Processo educativo-investigativo: o encontro de borboletas

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/interativa/investigativa*, refere que "estes saberes que me parecem indispensáveis à prática docente de educadoras ou educadores críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores" (FREIRE, 1996, p. 22). Foi neste sentido que se resgatou alguns saberes necessários que Freire acredita serem fundamentais no ensinar, fazendo parte de todo o processo de transformação realizado com os sujeitos deste estudo, modificando, assim, a sua prática. Eles estarão dispostos como Freire apresenta em seu livro, refletindo minhas conclusões.

▪ ***Ensinar exige rigorosidade metódica:*** quando me propus trazer os fundamentos teóricos de Paulo Freire para a discussão da temática na prática

educativa/interativa/investigativa, a sua metodologia problematizadora e o arco de Maguerez foram considerados indispensáveis neste processo, pois se acreditava que, possivelmente, dessa forma, a construção do conhecimento se faria através do modo empregado. "Ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível" (FREIRE, 1996, p. 26). Fazendo-se por etapas, os sujeitos puderam refletir sobre determinada temática e transformar sua realidade, o que, certamente, proporcionou uma melhor compreensão do todo. A rigorosidade metódica também esteve presente na etapa da teorização quando os sujeitos foram encorajados, através da leitura, a refletir sobre o que estava escrito, discursando sobre algo a partir do conhecimento adquirido em sua vida sobre determinada situação, a qual se tomou fundamental, pois, ao legitimarem suas falas, proporcionaram aos outros também adquirir novos conhecimentos, "a leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tomando também sujeito" (FREIRE, 1996, p. 27).

▪ **Ensinar exige pesquisa:** a pesquisa também esteve presente quando os sujeitos ficaram comprometidos a encontrar no Estatuto da Criança e do Adolescente os artigos que consideram ser importantes para a discussão. "Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (FREIRE, 1996, p. 29).

▪ **Ensinar exige criticidade:** esta criticidade colocada por Freire, foi a todo o momento estimulada, ou seja, no momento em que eram colocadas as situações para discussões, todos tinham oportunidade para julgar sobre determinado fato. A crítica realizada era fundamental para haver a troca entre eu e os sujeitos, pois seria desta forma que o novo iria emergir. "A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica" (FREIRE, 1996, p. 31).

▪ **Ensinar exige ética e estética:** acredita-se que ambas estiveram presentes em todo o processo de construção desta pesquisa, fazendo parte do processo educativo-interativo. A compreensão de que a ética e a estética seriam primordiais para os resultados alcançados toma-se o diferencial das pesquisas nas quais se acredita que os sujeitos são os protagonistas da discussão. "Decência e boniteza de mãos dadas" (FREIRE, 1996, p. 32).

▪ **Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática:** a discussão da problemática da violência contra crianças e adolescentes possibilitou que os sujeitos pudessem, através das discussões teóricas, refletir sobre o cuidado prestado, principalmente porque ele está inerente ao conhecimento que possui sobre a violência, em outras palavras, se age como se pensa. "A prática crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer; é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 1990, p. 40).

▪ **Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural:** neste caso, o sujeito assumiu seu verdadeiro papel quando percebeu que este, independente da sua essência, faria toda a diferença nas discussões ocorridas. "Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar" (FREIRE, 1996, p. 41).

▪ **Ensinar exige consciência do inacabamento:** os sujeitos deste estudo, através das suas reflexões, demonstraram que sua responsabilidade social e pessoal não se esgota apenas por participar deste estudo e contribuir com a transformação da realidade das crianças e adolescentes vítimas de violências. Ao contrário, eles perceberam que sua missão na sociedade vai além disso, pois estão em constante processo de desconstruir e construir seu conhecimento para contribuir com uma assistência de qualidade. "gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele" (FREIRE, 1996, p. 50).

▪ **Ensinar exige disponibilidade para o diálogo:** o diálogo deve ser o meio para qualquer processo educativo, pois é através dele que as relações se fortalecem. O processo educativo-interativo foi permeado e regido pelos diálogos, principalmente, entre os sujeitos. Esses diálogos, além de promoverem os resultados, transformaram os sujeitos em verdadeiros comunicadores de suas vivências. "É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas" (FREIRE, 1996, p. 135).

▪ **Ensinar exige saber escutar:** o silêncio promove ao ser humano mergulhar em sua alma e resgatar o que de mais profundo e precioso possa apresentar. Certamente as falas dos sujeitos permitiram demonstrar a intensidade

com que eles mergulharam em seus pensamentos e as profundas reflexões que emergiram da simplicidade da escuta. "Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele" (FREIRE, 1996, p. 113).

▪ **Ensinar exige tomada de consciência de decisões:** as decisões estão explícitas nos resultados, principalmente quando os sujeitos foram provocados a construir possibilidades de cuidado, em outras palavras, foram construídas a partir das discussões. "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo" (FREIRE, 1996, p.22).

7.2 As questões que necessitam ser revisitadas

De acordo com as falas apresentadas a seguir, duas questões ainda necessitam ser revisitadas: primeiramente a da abordagem, principalmente, o julgamento que se faz frente ao agressor, pois isso está além da nossa compreensão de violência, porque pertence a sentimentos que estão inerentes a todo e qualquer ser humano. E, posteriormente, a questão do cuidado ao cuidador, porque se vive em uma sociedade em que as pessoas precisam corresponder à altura suas atribuições e, muitas vezes, esquecem que para fazer isso precisam dar tudo de si, enfraquecendo sua alma e seu corpo.

A questão da abordagem ainda permanece inconclusa quando o atendimento está direcionado principalmente à família agressora, pois mesmo percebendo e compreendendo a violência doméstica, os sentimentos que emergem desse ato, muitas vezes, condicionam as ações. Trabalhar os sentimentos necessita muito mais que análises ou discussões, pois é uma desconstrução da nossa essência.

Para mim, o que eu acho mais difícil e que eu tenho mais dificuldade, é a abordagem com a pessoa que a gente julga que seja responsável, que deixou, permitiu, que acontecesse tal fato. Para mim, é a parte mais difícil de trabalhar de eu lidar com a pessoa que eu acho entre aspas à culpada, isto para mim é um dos pontos. Mais a questão de abordar, para mim eu acho que tinha que ser mais trabalhado. Para mim esta é a parte mais difícil (Tmolus).

Como a gente vai abordar estas pessoas e até abordar a criança e o adolescente, porque tu tens que ter um preparo às vezes, maior. Então

além desta abordagem que é difícil trabalhar até com o agressor, ou até com aquela pessoa que entre aspas permitiu também a agressão, foi omissa, e a criança ou adolescente sofreram esta violência, eu acho assim, eu acho que é interessante trabalhar melhor em um outro encontro, que a gente tiver uma outra proposta, é estudar mais o que leva aquela pessoa a cometer o ato em si, por que acho assim: quando mais tu estudas melhor tu vai entender, não é que tu vai ter uma aceitação, só que tu vai entender melhor a situação tentar compreender aquela pessoa (Phoebis).

Eu concordo, acho ainda que o nosso calo seja a forma de abordar, aí eu tava pensando aqui né? lá na emergência quando chega a suspeita, é muito difícil, porque tu suspeitas às vezes tem até indícios e tu fazes o quê? É como abordar o que abordar, por muitas vezes tu não precisa ficar vasculhando, perguntando. Mas eu acho que a necessidade de até onde que a gente pode ir, como que deve falar as coisas com a família com a criança que são abordagens diferentes e acho que isto a gente não e muito preparado, e isso claro só estudando e aprofundando mais (Smyrna).

Acredita-se que a questão da abordagem deve ter constante avaliação no atendimento que se faz a essa clientela. Essa avaliação deve ser feita através da própria criança, do adolescente e sua família, sendo que somente ela (a clientela) poderá dizer em que momento houve uma melhor interação e em qual se sentiu revitimizado.

Felizmente os profissionais estão se dando conta de que o cuidado que está sendo prestado também depende do cuidado que se tem com eles mesmos. Precisam reconhecer as suas fragilidades, os seus medos e encarar tudo isso como algo inerente ao ser que, além de se prejudicar como ser humano, irá influenciar no cuidado.

Este trabalho que tem, é o cuidar do cuidador, que na verdade a gente precisa de cuidado também a gente precisa tá sempre se alimentando, para tu poder cuidar bem das pessoas, tem que ter sempre aquele resgate que aí a gente não se envolve tanto, porque se não a gente acaba se envolvendo e aí, às vezes, tu não consegue separar e acaba levando para casa e aquilo vai te desgastando. Se tu tens um trabalho de equipe bem forte, que aí tu sabe tu tem uma referência tu sabe que com aquela pessoa tu tem um momento para desabafar, e colocar o que te angustia e trabalhar para tu tá sempre pronto para atender melhor aquela família, porque se não é uma coisa que vai crescendo, crescendo e tem momento até que a pessoa se afasta e não consegue mais trabalhar (Phoebis).

Realmente a questão é a abordagem, é evitar o julgamento, que é o que mais acontece e a gente observa a equipe inteira julgando, falando, aumentando, às vezes, até fazendo perguntas, a gente percebe que vão lá e fazem pergunta que não vai acrescentar em nada e pergunta pra especulação, então eu acho que a grande lacuna que existe nesta questão é como lidar com a família, e com a criança e até com a própria equipe em relação a isto (Calycopis).

Em vista disso, percebe-se que os profissionais de enfermagem necessitam buscar ajuda e procurar seus direitos para um cuidado com mais qualidade para si.

Compartilhar com os profissionais de enfermagem, através do pensamento complexo e da pedagogia problematizadora de Paulo Freire, o conhecimento, através das dificuldades que estão inerentes nele foi algo quase sublime. Estar junto com esses profissionais, nesta caminhada, e lapidar suas discussões sem que não perdessem sua essência permitiu que nós, sujeitos deste processo, pudéssemos ser mais que cuidadores, ou seja, ser agentes de transformações através do cuidado. A educação, enquanto processo dialético engendrado pela contradição, é portadora de “fermentos de transformação”, possibilitando acelerar a crítica da situação na qual ela aparece (BACKES, 1998, p. 83).

Todas as dificuldades que emergiram dessa problemática, desde o momento que ela foi pensada como tema para a pesquisa até as últimas observadas nos encontros educativo-investigativos, permitiu que o desvelar do cotidiano das crianças, dos adolescentes e de suas famílias e, principalmente, dos profissionais envolvidos pudesse refletir a realidade no cuidado, proporcionando, assim, um encontro de saberes capazes de transformá-la.

Certamente as dificuldades encontradas, através da pedagogia problematizadora de Paulo Freire, possibilitaram reconhecer a verdadeira realidade vivida pelas crianças, adolescentes, família e profissionais que estão presentes neste processo. E em um processo coletivo buscou-se uma compreensão do cuidado prestado que possibilita sua integralidade.

O arco da problematização nos encontros educativo-investigativos, proporcionou, aos sujeitos da pesquisa, a reflexão do seu verdadeiro papel diante da sua prática e da sua responsabilidade frente às problemáticas presenciadas no cuidado. O diálogo estabelecido, principalmente entre eu e os sujeitos, proporcionou um verdadeiro encontro no qual a riqueza da prática, através das vivências e experiências do cotidiano, encontrou-se com a racionalidade do teórico, presente nos estudos propostos para a discussão.

É com muita felicidade e sensação de dever cumprido que se finaliza esta pesquisa, acreditando ter contribuído, para um cuidado de enfermagem almejado

por aqueles que encontram no outro o verdadeiro sentido da transformação. Sabe-se que esta caminhada não pára neste momento, pois muitos outros caminhos podem e serão buscados e alcançados, mas agora, sinto que encontrei algumas respostas para tantas inquietações.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem não tem nada a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 54).

Viver intensamente esta pesquisa, crescer com o conhecimento compartilhado nos encontros educativo-investigativos e se transformar em uma cuidadora que acredita no potencial do outro para alcançar um cuidado de qualidade, foram os resultados pessoais que obtive neste processo quando essa problemática começou a fazer parte da minha vida. Conseqüentemente, estes resultados proporcionaram, para a vida dos profissionais de enfermagem e para a vida das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, uma outra forma de compreender a violência doméstica e promover uma metamorfose no seu contexto de vida.

Promover, juntamente com os sujeitos, todo conhecimento adquirido através das suas vivências com a aquisição de conhecimentos trazidos por, resultou na busca do pensamento complexo, como refere Morin (2003, p. 3) o pensamento complexo deve ligar a autonomia e a dependência.

Certamente desde a construção do projeto inicial até o resultado aqui apresentado, ofereci e tentei compartilhar tudo aquilo de positivo que adquiri e conquistei ao longo da vida e, que constituíram o meu ser, ou seja, vivências que proporcionaram um olhar mais complexo de situações problemáticas e que sempre instigaram uma análise mais profunda.

Tudo que acreditava ser importante para a Enfermagem, em relação ao cuidado desejado às crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica a partir da transformação da realidade desses profissionais que os cuidam, foi buscado e possibilitado através das discussões e das leituras feitas.

A busca de novas alternativas e novas possibilidades de cuidados para a criança e com o adolescente vítimas de violência doméstica e de seus familiares pelos profissionais de enfermagem que prestavam cuidado, exigiu um pensar

complexo e criativo, um conhecimento que superasse a sistematização de um saber positivista, que fosse além de discurso simplista, por fim que fizesse refletir. "Para conhecer, não podemos isolar uma palavra, uma informação; é necessária ligá-la a um contexto e mobilizar o nosso saber, a nossa cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma" (MORIN, 2003, p.4).

Este estudo promoveu e propiciou, durante todo este processo, uma nova perspectiva na forma de perceber a Enfermagem e o cuidado realizado às crianças e adolescentes que, de alguma forma vivenciam, cotidianamente, a violência doméstica. Compreendi que é através da essência do ser humano que se constrói o conhecimento sendo ele que promove as grandes transformações na sua realidade.

Uma das finalidades deste estudo é fazer com que qualquer pessoa perceba que desempenhar toda e qualquer forma de cuidado deve ser única, individual e singular. O resultado alcançado com o cuidado prestado tem como pressuposto o conhecimento do outro na sua integralidade, respeitando seu modo de vida e seu contexto. Como diz Morin "toda e qualquer informação tem apenas um sentido em relação a uma situação, a um contexto" (MORIN, 2003, p.1) representando, assim, uma forma complexa de ver as coisas, em que vários caminhos podem levar a algo e vice-versa.

Trazer a problemática para discussão no campo acadêmico tem como intenção não só promovê-la neste espaço, mas também mostrar aos estudantes que, direta ou indiretamente, participam dessas questões e estão acordando para a violência, necessitando, assim, diversos discursos para saber lidar com ela.

Didaticamente e para uma melhor compreensão, os resultados foram colocados em categorias, pois esta é uma forma de análise que propicia um melhor entendimento. No entanto, se se pensar as dimensões categorizadas família, profissional e a própria violência na sociedade, pode-se perceber que elas se complementam e que suas relações são sobrepostas umas às outras. Isso pode ser percebido ao longo da leitura dos resultados, pois se tentava buscar sempre alguma discussão para complementá-la. "O princípio de separação torna-nos talvez mais lúcidos sobre uma pequena parte separada do seu contexto, mas nos torna cegos ou míopes sobre a relação entre a parte e o seu contexto" (MORIN, 2003, p. 2).

Com o avanço teórico das dificuldades relacionadas à violência doméstica, pode-se perceber que elas regem certamente às condutas, sendo que, impedem sim um cuidado de qualidade. Delimitar e perceber como elas impossibilitam esse

cuidado esclarece a sua verdadeira essência, permitindo buscar novas possibilidades de cuidado à crianças, adolescentes e suas famílias, vítimas de violência doméstica.

Relacionar estas dificuldades também dimensiona um olhar mais macro e, certamente, mais complexo sobre a problemática da violência doméstica, situando a nossa realidade e a realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Seguramente, tem-se a convicção de que, em tempo nenhum, se deixará que este momento da minha se apague ou que se perca em meios cuidados à sua grandeza. Certamente todas as pessoas que fizeram parte desse processo e que transitaram pelo meu caminho neste estudo farão parte do meu viver, principalmente por terem sido fundamentais nesta construção de conhecimentos.

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não predeterminada, preestabelecida. Que o meu destino não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir.

Gosto de ser gente porque a História em que faço com os outros e de cuja feitura toda parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insisto tanto na problematização do futuro e recuso sua inexorabilidade (FREIRE, 1996, p. 53).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da C. de. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 21-41.
- ANTUNES, Celso. **RESILIÊNCIA**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. A. de (Orgs). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BACKES, Vânia M. S. Relação Estado, Sociedade Educação. In: SAUPE, Rosita. **Educação em enfermagem: da realidade construída à possibilidade em construção**. Florianópolis: UFSC, 1998. p. 75 – 86.
- BALANDIER, George. **O contorno**: poder e modernidade. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2004.
- BARREIRA, Diana Arruda, et al. Famílias: uma rede em ação. **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p. 489-493, 1999.
- BERBEL, Neusi A. N. A metodologia da problematização e os ensinamentos de Paulo Freire: uma relação mais que perfeita. In: BERBEL, Neusi Aparecida Navas (Org). **Metodologia da problematização**: fundamentos e aplicações. Londrina: UEL, 1999. p. 1-28.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Aproximações teóricas e conceituais de família e violência no final século xx. **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p. 65-75, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BONETTI, Alinne; WIGGERS, Raquel. Antropologia e violências: notas para uma reflexão acerca da pluralidade do fenômeno da violência. **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p.483-488, 1999.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei 8069/90 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Florianópolis: Edeme, 1990.

_____. Ministério da Saúde. **Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações/Rede Interagencial de Informações para a Saúde - Ripsa**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 299p.

BRIGAS, Marc. Teoria do apego, família e violência. **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p. 53- 61, 1999.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

CRUZ, Enêde Andrade da et al. Abordagem ética em pesquisas publicadas por um programa de pós-graduação em Enfermagem. **Revista Texto e Contexto**, v. 14, n. 1, p. 25-32, 2005 Jan-Mar.

DAY, Vivian P., et al Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria**, v. 25, n. 1, p. 9-21, abr. 2003. (Suplemento).

DESLANDES, Suely F. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. **Cad. Saúde Pública**, v. 10, n. 1, p.177-187, 1994a. (Suplemento).

_____. **Prevenir a violência**: um desafio para os profissionais de Saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994 b.

DIAS, Heloísa H. Z. R. Desvelando a Violência na Saúde e na Enfermagem. In: ERDTMANN, Bernadete K., et al. **Cuidar e pesquisar na enfermagem**: relatos de experiências. Florianópolis: Papa Livro, 2004. p. 217-233.

ELSEN, I.; ALTHOFF, C. R.; MANFRINI, G. C. Saúde da família: desafios Teóricos. **Fam. Saúde Desenv**, Curitiba, v.3, n.2, p.89-97, jul./dez. 2001.

ELSEN, Ingrid, et al. Graduação em enfermagem de Santa Catarina enfoca a criança e o adolescente vítimas de violência doméstica. In: LUZ, Anna Maria Hecker; MANCIA, Joel Rolim; MOTTA, Maria da Graça Corso (Orgs). **As amarras da**

violência: a família, as instituições e a Enfermagem. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 2004. p. 65-76.

ELSEN, Ingrid; ALTHOFF C. Família e pesquisa: os contornos de um universo a explorar. In: ALTHOF, Coleta Rinaldi; ELSEN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane G. **Pesquisando a família:** olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa-livro, 2004 . p. 19-28.

ELSEN, Ingrid; SANTOS, Mara Regina dos. Rede Sul de pesquisa em Família e Saúde. In: ALTHOF, Coleta Rinaldi; ELSEN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane G. **Pesquisando a família:** olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa-livro, 2004. p. 159- 168.

FERREIRA, Ana L.; SCHRAMM, Fermin R. Implicações éticas da violência doméstica contra a criança para profissionais de saúde. **Rev. Saúde Pública**, v. 34, n. 6, p.659-665, dez. 2000.

FONSECA, Cláudia. Olhares Antropológicos sobre a família contemporânea. In: ALTHOF, Coleta Rinaldi; ELSEN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane G. **Pesquisando a família:** olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa-livro, 2004. p. 55 – 68.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIOVINCO, Gina. Violência Familiar: em busca de uma consciência social através de princípios éticos básicos da Logoterapia. In: **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p. 523 – 528, 1999.

GOMES, Romeu et al. Por que as crianças são maltratadas?: explicações para a prática de maus-tratos infantis na Literatura. **Cad. Saúde Pública**, v. 18, n. 13, p.707-714, maio/jun. 2002.

GREGORI, José. Família e direitos humanos. In: **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2. maio/ago p. 31-38, 1999.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos:** a tragédia revisitada. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HU – Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório da Comissão Multiprofissional de atendimento da Criança e do Adolescente Vítimas de Maus tratos do ano de 2005.** Florianópolis, 2006.

JEOLAS, Leila Sollberger; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.8, n.2, p.611-620. 2003,

JUNGBLUT, Isabel Cristina de Oliveira. Cuidando de crianças maltratadas em um hospital público: reflexões sobre a prática de enfermagem. **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p. 449 – 458, 1999.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LACRI. Laboratório de Estudos da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisando a violência doméstica contra crianças e adolescentes: a ponta do Iceberg. São Paulo: USP, 2005.

L'APICCIRELLA, Nadime. O papel da educação na legitimação da violência simbólica. **Revista eletrônica de ciências**, n. 20, jul. 2003. Disponível em: <http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_20/violenciasimbolo.html>. Acesso em: 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.

MARCON, Sônia Silva; ELSÉN, Ingrid. Estudo Intergeracional da violência no cotidiano familiar. **Revista Texto e Contexto**, v.8, n. 2, p. 468 - 474, 1999.

MATOS, Juliano Sousa. **A violência do método: violência simbólica e ação pedagógica**. Disponível em: <<http://www.inquice.ufba.br/00matos.html>>. Acesso em: 2006.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo : HUCITEC-ABRASCO, 1996.

MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). Ensaios de complexidade. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 11 - 20.

_____. Abertura. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). **Ensaios de complexidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 4 -8.

_____. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

NITSCHKE, Rosane Gonçalves. **Mundo Imaginal de ser família saudável:** a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Pelotas: UFPel, 1999. (Série Teses em Enfermagem, 21).

REIBNITZ, Kênia Schmidt. Enfermagem: espaço curricular e processo criativo. In: SAUPE, Rosita. **Educação em enfermagem:** da realidade construída à possibilidade em construção. Florianópolis: UFSC, 1998. p. 187- 218.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROQUE, Eliana M. S. T.; FERRIANI, Maria das G. C. Desvendando a violência doméstica contra crianças e adolescentes sob a ótica dos operadores do Direito na Comarca de Jardinópolis_SP. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 10, n. 3, p. 334-44, maio/jun. 2002.

SAUPE, Rosita, et al. Utilizando as concepções do educador Paulo Freire no pensar e agir da enfermagem. In: SAUPE, Rosita. **Educação em enfermagem:** da realidade construída à possibilidade em construção. Florianópolis: UFSC, 1998. p. 243-272.

_____. Famílias em situação de violência: mediando conflitos. In: VERONESE, Josiane R. P. et al. **Infância e adolescência, o conflito com a lei:** algumas discussões. Florianópolis: Fundação Boitex, 2001. p. 121- 149.

SILVA, Danielle Boing Bernardes; ELSÉN, Ingrid. **Violência Doméstica contra crianças e adolescentes:** o conhecimento produzido no programa de pós-graduação em Enfermagem – UFSC. 2006. 86f+anexo. Monografia (Especialização em Metodologias de Atendimento a criança e adolescente em situação de risco) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

SOUZA, Ana Izabel Jatoba de; ARRUDA, Eloita Neves. **No cuidado com os cuidadores em busca de um referencial para a ação de enfermagem oncológica pediátrica fundamentada em Paulo Freire.** 1995. 99f.+anexo Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, Marli Palma. **A publicização da violência de pais contra filhos:** um estudo das implicações da denúncia., 2000. 210 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

TRENTINI, Mercedes; PAIM, Lygia. **Pesquisa convergente assistencial**: um desenho que une o fazer e o pensar na prática assistencial em Saúde-Enfermagem. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação mundial da infância 2006**: excluídas e invisíveis. Brasília: UNICEF, 2005.

VANSCONCELLOS, Maura M. M. Aspectos pedagógicos e filosóficos da metodologia da problematização . In: BERBEL, Neusi Aparecida Navas (Org). **Metodologia da problematização**: fundamentos e aplicações. Londrina: UEL, 1999. p. 29-59.

VENDRÚSCOLO, Telma Sanches et al. As políticas sociais e a violência: uma proposta de Ribeirão Preto. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 564-7, maio/jun, 2004.

VERONESE, Josiane Rose Petry. **Violência doméstica**: quando a vítima é criança ou adolescente: uma leitura interdisciplinar. Florianópolis: OAB/SC, 2006.

WALDOW, Vera Regina. **O cuidado na saúde**: as relações entre o eu, o outro e o cosmos. Petrópolis: Vozes, 2004.

WAYHS, Rosângela Inês. **Resignificando o sofrimento cotidiano das famílias da criança com câncer a partir de uma prática educativa problematizadora**. 2002. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido.

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Saúde
Departamento de Enfermagem
Programa de Pós-graduação em Enfermagem**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa obter seu consentimento, por escrito, como sujeito participante deste projeto de prática assistencial que visa desenvolver uma prática educativa/interativa/investigativa, compartilhando as possibilidades de cuidado ao assistir crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, fundamentada na pedagogia da problematização de Paulo Freire.

Sua participação neste projeto implicará em sua atuação em 2 etapas, sendo a primeira em uma entrevista e a outra como participante dos encontros a serem realizados no HU/UFSC. Todas as informações que serão obtidas de você permanecerão confidenciais. Embora você conheça a identidade dos outros participantes, um nome código será usado para manter seu anonimato nas informações e nos relatórios dos encontros que serão fotografados e gravados em fita cassete para posterior transcrição e registro.

Sua participação neste estudo, é completamente voluntária, sendo que sua decisão de não participar ou de se retirar a qualquer momento não terá qualquer implicação para você. As discussões geradas não trarão qualquer comprometimento para a sua atividade profissional. E, desejo que os encontros ampliem seus conhecimentos sobre esta problemática.

Pesquisadores responsáveis

Professora Doutora em Enfermagem - Orientadora
Vânia Marli S. Backes (30256870/99633838)

Enfermeira Mestranda em Enfermagem
Danielle Boing Bernardes Silva (tel. 99198243/2482870)

Declaro de que fui informado sobre todos os procedimentos deste projeto e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto de prática assistencial, sendo que todos os dados ao meu respeito serão sigilosos. Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso:

RG:

Local e data:

Assinatura:

